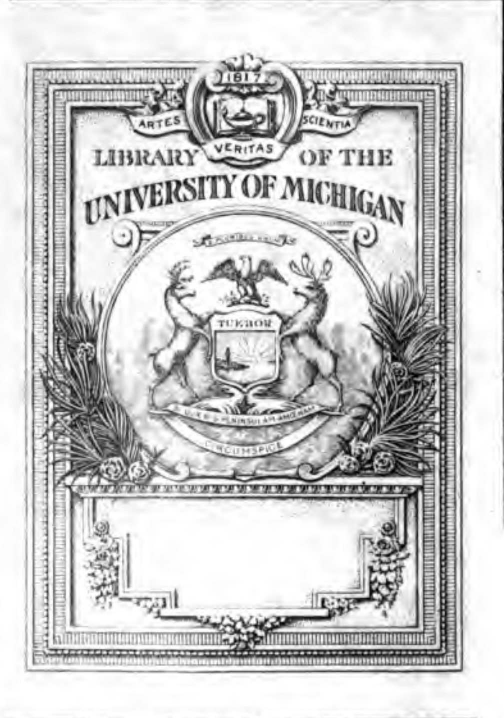

A 860,184


1817
ARTES
SCIENTIA
VERITAS
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
TUEBOR
CIRCUMSPICE

Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.º 16

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

Manuel Maria de Barbosa du

VOLUME III

Redondilhas (Anacreonticas), Cançonetas, Glosas, Fabulas, Epigrammas

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA
1875

ODES ANACREONTICAS

1

Veloz Borboleta,
Que leda girando
Penosas idéas
Me estás avivando:

Insecto mimoso,
Aos olhos tão grato,
Da minha tyranna
Tu és o retrato:

A graça, que ostentas
Nas plumas brilhantes,
Tem ella nos olhos
Gentís, penetrantes;

Tu andas brincando
De flor para flor;
Anarda vaguêa
D'amor em amor.

2

Os teus prisioneiros,
Cupido, os que devem
Saber definir-te,
Que mal te descrevem!

És aspide (affirmam)
Cuberto de flores,
Sedento d'estragos,
Amigo de horrores:

Sustentam carpindo
Que os féres, e enlêas
Com aureos virotes,
Com ferreas cadêas:

Enganam-se, oh nume!
Teus laços, teus tiros
São longas madeixas,
São ternos suspiros.

3

De liquido aljofar
As faces bordadas,
Ao vento dispersas
As tranças douradas:

«Vingança, meu filho
(Clamava Erycina)
Que a vil natureza
Se atreve á divina:

«Em damno de um impio
Mortal, que me affronta,
Venenos prepara,
Tormentos aprompta:

«Elmano em seus hymnos
Prefere-me Isbella;
Diz que é mais mimosa,
Mais loura, mais bella.

«Os teus males todos
Me vinguem, oh nume!...»
Amor a interrompe:
—Não basta o ciume?

4

Formosa Marilia,
Modêlo das Graças,
Que mil pensamentos
Accendes, e enlaças:

Áquelle, que animam
Teus doces agrados,
Terror dos amantes,
Mimoso dos fados,

Se folgas de ouvil-o
Por ti suspirar,
Ao céo dos amores
Não deixes voar.

Dos homens ignoras
A indole errante?
Quem é muito amado
Não é muito amante.

5

Do vasto abysmo
Do eterno horror
Surgiu a Angustia
De negra côr:

Logo apoz ella
Veiu o Queixume,
E o delirante
Feroz Ciume:

Determinavam
Em crua guerra
De pranto e sangue
Banhar a terra:

Eis que Amarilis
Idolo meu,
Entre mil graças
Lhe appareceu.

Oh milagroso
Dom da belleza!
No mesmo instante
Riu-se a Tristeza:

O agro Lamento
Mudo ficou;
Só o Ciume
Desesperou.

[illegible] ...eri
[illegible] ...taes.

[illegible] ...eria a noit
[illegible] ...os amantes;
[illegible] ...sabor dos prazeres,
[illegible] ...os meus instantes:

[illegible] ... do tempo
[illegible] ... daria;
[illegible] ... Mu
[illegible]

6

Poupando votos
Á loura Isbella,
Se Amor fallasse
Nos olhos d'ella:

De almos prazeres
Me pousaria
Candido enxame
Na phantasia:

Outros, que as almas
Tambem tem presas,
Se regosijam
De ouvir finezas:

Eu antes quero
Muda expressão;
Os labios mentem,
Os olhos não.

7

(Imitada de Mr. Parny)

Se os deuses me conferissem
A suprema faculdade
D'espraiar a luz do dia,
E a nocturna escuridade:

Tarde no roxo horisonte,
Candida Aurora, assomaras;
Tarde as viçosas boninas
Com teu pranto rociaras.

O deus, de que és percursora,
Só duas horas, não mais,
Vibrara n'este hemispherio
Seus raios a Amor fataes.

Mais longa seria a noute,
Mais felices os amantes;
E eu, a sabor dos prazeres,
Dividira os meus instantes:

A quarta parte do tempo
Ao grato somno a daria;
Outra egual ás brandas Musas,
E ametade á minha Armia.

8

(Imitada do mesmo)

Brando leito de verdura,
Linda alcatifa de flores,
Formoso vergel, plantado
Pelas Graças, e os Amores:

Recebe estas frescas aguas,
Que te deve um grato amante,
C'roa-te de nova hervinha
Viceja, logar fragrante.

Quando lá no ethereo cume
Raios o sol dardejar,
Almos, benignos Favonios
Te venham desaffrontar.

As debruçadas alfênas,
Presas n'um confuso enleio,
Miudo pranto da Aurora
Destillem sobre teu seio.

Dobra-te ao suave pezo
Da minha Armia engraçada;
Dobra-te, relva mimosa,
De boninas matizada.

Mas depois ergue-te á pressa,
Que se os brincos amorosos
Amarrotada indicares,
Não faltarão invejosos.

9

Em torno d'aurea colmêa
Amor adejava um dia;
E a mãosinha introduzindo
Humidos favos colhia:

Abelha, mais forte que eu,
Porque de Amor não tem medo,
Eis do guloso menino
Castiga o furto n'um dedo.

Chupando o tenro dedinho
Entra Cupido a chorar;
E ao colo da mãe voando
Do insecto se vae queixar.

Venus carinhosa, e bella,
Diz, amimando-o no peito:
«Desculpa o que te fizeram,
Recordando o que tens feito.

«O tenue ferrão da abelha
Dóe menos que teus farpões;
O que ella te fez no dedo
Fazes tu nos corações.»

10

(Traduzida de Argenson)

Vê se uma traça
Pódes achar
Para meus damnos
Remedíar.

—Empenha afagos,
Roga humilhado...—
Afago, e rogo,
Tudo é baldado.

Lidia me abraza
Em chamma accêza;
E as duras pedras
Vence em dureza.

—Pulsa o laûde,
Cantos lhe ajusta...—
Laûde e cantos
Despreza a injusta.

—Pranto derrama,
Meigo te ostenta,
Que isto a Cupido
Tambem contenta.—

Brando me ostento,
Ais d'alma accêza,
Rios de pranto,
Tudo despreza.

—Punhados d'ouro
Sólta profuso...—
De dões tão grandes
Só reis tem uso.

—Dóme a distancia
Tão grande amor...—
Não pode o tempo,
Que elle é maior.

—Se nada pode
Findar-te a lida,
Aprompta um laço,
Põe n'elle a vida:

Porque te vejo
Triste hesitar?
Só assim pode
Teu mal findar.—

11

Armia

(Pastoril)

> Tardi s'avvede
> D'un tradimento
> Chi mal di fede
> Manear non sa.
>
> Metast., *Clemenz. di Tit.*,
> Att. II, Sc. I.

Já tinha a noite estendido
O véo de estrellas bordado,
Estava o campo deserto,
Mudo o vento, o mar calado:
Quando Elmano, o triste Elmano
Para desgraças nascido,
Suspirava, em amorosos
Pensamentos embebido.
A lyra, que n'outro tempo
Sanhudas feras domava,
Rochedos embrandecia,
Turvos áres azulava.

A lyra, que d'antes fôra
Recreio e gloria de Amor,
Já não adoçava as magoas,
Do consternado pastor.
Jaziam pela violencia
Das paixões, e dos destinos
Rotas as cordas brilhantes,
Que espalharam sons divinos.
A descorada Tristeza
Posse do infeliz tomava,
E viçosas esperanças
Em desenganos trocava.
Armia, a formosa Armia,
No coração lh'as plantou;
Armia, a perfida Armia,
No coração lh'as murchou.
Seu definhado rebanho
Em torno d'elle balava,
Que de si mesmo esquecido,
Só de Armia se lembrava.
Rouca a voz, pallido o rosto,
Junto ao Tejo susurrante
Pranteava solitario
D'est'arte o misero amante:
«Echos, que moraes nas grutas,
Ondas, ventos que dormís,
Ah! Como não vos despertam
Clamores de um infeliz!

«Vós, a quem tenho enviado
Tantas queixas, tantos ais,
Sois surdos, sois insensiveis,
Oh céos, que me não vingaes!
«Por vós a traidora Armia
Jurou de me ser leal;
Vingae, profanados numes,
Vosso respeito, e meu mal.
«Ah! Porque não quiz minha alma
Crêr nos presagios, que ouviu,
Quando Armia os falsos votos
N'este logar proferiu?
«Subito as ondas bramiram,
Todo o ar se ennegreceu,
Seccou-se aquelle ribeiro,
Aquella rocha tremeu.
«Horrendo á parte direita
Funesto corvo grasnou;
Tres vezes o ouvi, tres vezes
Junto de mim revoou.
«Estremeci; mas a ingrata
Que me despreza, e me enjeita,
Não palpitou; já vivia
A taes enganos subjeita.
«Já mil amantes por ella
Haviam sido enganados;
Já mil vezes tinha ouvido
Predizer-lh'o a voz dos fados.

«Eu inda então não sabia
Que o semblante, e o coração
Differem; julguei-lhe a alma
Pela ext'rior perfeição.
«Ditoso de mim se crêra
No que o céo me annunciou!
Mas Armia co'um sorriso
Meus temores dissipou.
«Em torrentes de delicias
Engolphado o pensamento,
Me esqueci de que não pode
Durar o contentamento.
«Quando os humanos protejes
Oh Fortuna, a condição
Com que outorgas teus favores
É a curta duração.
«D'esta amargosa verdade
Posso, posso exemplo ser
Eu, que nos olhos de Armia
Bebi celeste prazer.
«Ah! Para que vens pintar-me,
Para que, fatal memoria,
Os luminosos instantes
Da minha perdida gloria?
«Gados, bosques, fontes, penhas,
Arvoredos, prados, flores,
Vós, vós fostes testemunhas
De meus ditosos amores.

«Quantas vezes no regaço
Do meu bem, da minha amada
Lancei recentes boninas,
Dons da estação namorada!
«Quantas vezes ajudado
Dos Amorinhos, com ellas
Lhe augmentava a formosura
Das longas madeixas bellas!
«Quantas vezes a teu lado,
E á sombra de antigo ulmeiro,
Quando o sol se ia sumindo
Por detraz d'aquelle outeiro;
«Misturei com meus prazeres,
Falsa Armia, os teus louvores,
Adormecendo os Favonios,
Pondo inveja aos mais cantores!
«Ao som da amorosa lyra
Meus brandos versos voavam;
Eram teus olhos piedosos
As Musas, que me inspiravam.
«Fitos, pasmados, absortos
D'alta gloria os meus enchiam:
Mil desejos me pintavam,
Mil segredos me diziam!
«Mas n'elles só não fiada,
Tambem co'a voz maviosa,
Tingindo-te a face em tanto
Lindo pejo côr de rosa.

«N'estas fagueiras palavras,
Cortadas de ternos ais,
N'estas mimosas palavras
Que te não hei de ouvir mais;
«— Quando em Armia (affirmavas)
Feias traições encontrares,
Verás, suspirado amante,
Unidos os céos, e os mares.
«— Só tu, meu bem, me arrebatas
A vontade, o pensamento;
Vivo de ver-te, e de amar-te,
E detesto o fingimento.
«Teu coração desafoga,
Que entre temores fluctua;
Não desconfies, Elmano,
Não temas, pastor, sua tua.»
Cuidei que a voz da verdade
Soava na voz de Armia...
Deuses! Céos! Que horror! Que assombro!
A deshumana mentia.
Não duraste longamente,
Encantadora illusão!
Desfez amarga exp'riencia
Os phantasmas da paixão.
Dareis credito, mortaes,
Ás perfidias, que lamento?
Oh terra, treme! Apagae-vos,
Oh luzes do firmamento!

Armia, que ser só minha
Votara ao deus dos Amores,
Recebe, acolhe, premêa
Mil cultos, mil amadores.
Cançada já de fingir
Me aborrece, me desdenha,
E em azedar meus tormentos
Toda a tyrannia empenha.
Aquella, por quem movido
De ufano, accezo transporte,
Ás vezes me presumia
Superior ao Fado, e á Morte;
Meus ledos competidores
Sem pejo, sem susto afaga,
E pelo rasgado peito
Me vae dilatando a chaga.
Ai de mim! Nem quer ouvir-me
Tristes ais, tristes queixumes;
Manda que soffra calado
Os devorantes ciumes!
Fero Amor, e assim me roubas
O siso, o prazer, e a paz?
Os fructos, que tens, são estes?
Estes os premios, que dás?
Bem como em agra montanha
Descuidado caminhante,
Contemplando a face pura
Do céo risonho, e brilhante:

De repente, quando à planta
Mover distraído vae,
Em precipicio profundo
Faltando-lhe a terra, cáe:
Assim do alteroso cume
Da minha fallaz ventura
Caí no medonho abysmo
Da desgraça, e da amargura.
Ah desleal, que em meus males
Sacías tua fereza,
Que estimas vêr-me penando
Entre as garras da tristeza!
Se ninguem seus fados vence,
Se é meu fado arder por ti,
Suspirar, morrer d'amores,
Ao menos não seja aqui!
Se a vida, que tu condemnas
A tormentos, e anciedades,
Hão de roubar-me desprezos,
Antes m'a roubem saudades.
Não posso (ai de mim!) não posso
Vingar minhas afflicções,
Proferindo em tua affronta
Raivosas imprecações:
Não temas que pelos troncos
Vá teus enganos lavrar;
O terno, infeliz Elmano
Nasceu para te adorar.

E a traição, que em tantas almas
Com raiva, com odio vi,
Doce ingrata, me parece
Menos horrorosa em ti.
Adeus, eu parto a sumir-me
Nas sombras d'erma floresta,
Até perder a cançada
Vida fatal, que me resta.
Ali do mocho agoureiro
Me ha de ser suave o canto;
Ali, sem que te dê gloria,
Livre correrá meu pranto.
Ali não verei ao menos
Desvanecidos rivaes,
A cevar-se em meus martyrios,
A sorrir-se de meus ais.
Mas ah! Se oppostos não fossem
Os sentimentos em nós,
Loucos, Elmano podia
Ser tão feliz como vós.
Vós suspiraes pela posse
Das externas perfeições;
Vós cubiçaes os deleites,
Eu cubiço os corações.
Fartae-vos de ouvir mil vezes
Juramentos de paixão,
Que profere a voz de Armia
Sem que o saiba o coração.

E vós, quando o quiz a Sorte,
Meu prazer, cuidados meus,
Cordeirinhos, ovelhinhas,
Amado rebanho, adeus!
Eis para sempre vos deixa
O vosso infeliz pastor;
Vae findar seus turvos dias,
Triste victima de Amor.

12

Á Ill.ma e Ex.ma Snr.a D. Marianna Joaquina Pereira Coutinho

Piedosa, excelsa heroina,
Tu, que em transcendente altura,
Com alma quasi divina
De uns evitaste a ruina,
De outros creaste a ventura:
 Tu, que em formosa união
Com refulgente nobreza
(Accidental condição)
Ligas mais alta grandeza,
Grandeza do coração:
 Tu, que á mãe do luso estado,
Chorada, augusta rainha,
Mereceste honroso agrado,
Colhe os ais, que te encaminha
Triste victima do Fado.
 Teus brandos, faceis ouvidos,
Ouvidos ha tanto affeitos,
Senhora, a attender gemidos
De roucos, anciados peitos,
Pela desgraça opprimidos:

Teu favor, tua piedade,
Com que viva ao céo te elevas,
Abriguem minha anciedade,
Versos nascidos nas trevas,
Entre a dôr, e a adversidade:
Pezado grilhão me opprime,
Duro carcere me fecha,
Tecem-me d'um erro um crime,
E a vil calumnia não deixa
Que á compaixão se lastime.
Sombra, qual o Averno escura,
Impios zoilos derramaram
Em vida de crimes pura:
As cadêas me forjaram,
Forjaram-me a desventura.
Eis doloso, eis negro véo
Meu são caracter encerra;
Monstros me pregoam réo,
Tornam-me odioso á terra,
Fingem-me rebelde ao céo:
Desesperada agonia
Aggrava mais minha sorte,
E a meus olhos noute, e dia
Gira o phantasma da morte
Co'a turva melancolia.
Desparziu preces em vão
Angustia, que em mim se exalta;
Mas no centro da afflicção

Conheço que inda me falta
Invocar teu coração.
Esse adoravel thesouro,
Thesouro da natureza,
Furtado ao seculo de ouro,
Póde expellir-me a tristeza,
E mal peor, — o desdouro.
Não te imploro, alta matrona,
Como aquelle, a quem o enxame
De vicios mil desabona,
E em si cáe depois que infame
Sobre o delicto resona.
Eu, desvalido mortal,
Ludibrio de sorte injusta,
Amei sempre, avesso ao m
As leis da virtude augusta,
As leis da recta moral.
Se casuaes erros fiz
(Socios da edade imprudente)
Meu desvario infeliz
No coração innocente
Não teve infesta raiz.
Da vaidade activo ardor,
Que o peito inexperto inflamma,
Das Musas suave amor,
Sede implacavel de fama
Me sumiram n'este horror.

Em versos não baixo, ou rude
A teu animo propicio
Já sagrar louvores pude:
Se grato me fôra o vicio,
Eu não cantára a virtude.
Meu crime é ser desgraçado,
Ou talvez não ser indigno
De attraír da Fama o brado:
Um bando inerte, e maligno
D'inveja me fere armado.
Risonhas, ternas Camenas
Sobre mim lançavam flores
Viçosas, brandas, amenas,
E com benignos favores
Affagavam minhas penas.
Dom divino, almo, e lustroso
(Que a raros o céo dispensa)
Azedou tropel damnoso:
O mérito é grave offensa
Ao coração do invejoso.
Alma gentil, não presumes
Que exaggera altivo abalo
Torpes, sordidos ciumes;
Se de mim com gloria fallo,
Honro a dadiva dos numes.
Mas á triste, á maviosa
Phrase da consternação
Já volve a voz lamentosa;

Mais cubiço a compaixão,
Q'um nome, que mal se gosa.
Não te interesse o valor
(Se algum tem) do vate afflicto,
Commova-te o dissabor,
A desgraça, o pranto, o grito,
Que demandam teu favor.
Exerce efficaz valia
Que me serene a fortuna,
Irosa fortuna impia:
Para guarida opportuna
Meus ais, minhas ancias guia.
Pelo misero intercede,
Que a ti recorre em seus males,
Que prompto auxilio te pede:
O que pódes, o que vales
Por minhas angustias mede.
Dá-me a luz, que respirei
No seio da humanidade;
Roga que se abrande a lei,
A que a doce liberdade
Submisso, e mudo curvei.
Que, ainda que a rota lyra
No chão despresivel jaz,
E a Musa, que já delira,
Sem harmonia, sem paz,
Em vez de cantar suspira:

No meu estro aniquilado
Revivendo a morta chamma,
Te daria eterno brado,
Se ha muito o grito da Fama
Não te houvera eternisado.

CANÇONETAS

1

A Armania

Armania, de alvo rosto,
Encantador, divino,
Vagava junto á margem
Do Tejo cristallino:
Em torno á branda nympha
Se ria a Natureza,
Ufana em ter creado
Tão nova gentileza:
Zephyro, enchendo as rosas
De magoa, e de ciume,
Ia nos labios d'ella
Gosar melhor perfume:
Lindos, subtis insectos
Á roda lhe adejavam
E os louros Amorinhos
De inveja os enxotavam:

*

Sobre o matiz dos prados
O deleitoso Abril
Tornava-se de vel-a
Mais ledo, e mais gentil:
A flor, que pelo vento
Jazêra debruçada,
Erguia o tenro colo,
Dos tenros pés tocada:
Com rapidos gorgeios
O rouxinol, que encanta,
Para seguir-lhe os passos
Ia de planta em planta:
Á nympha, que o pizava,
O chão se amollecia;
Cada sorriso d'ella
Abrilhantava o dia:
Dobrando a graça, o lustre
Do azul, ethereo véo,
No maior bem da terra
Se recreava o céo:
O Tejo namorado
Cedêra a urna de ouro,
Se Amor lhe désse em troca
Tão singular thesouro:
Tudo prazer sentia
Ao ver um tal portento;
O céo, a terra, as aves,
O rio, o sol, e o vento:

Mas o amoroso Elmano
Notando occulto a bella,
Colhia outros effeitos
Dos attractivos d'ella;
Vibram-se-lhe seus olhos
Envenenado tiro;
Por onde a frecha entrava
Saía-lhe um suspiro:
Eis que o menino Idalio,
Que aos tristes amadores
Cruentas serpes guarda
Entre mimosas flores;
Ao som de um ai, que exhala
O mavioso amante,
Encára, vôa, e diz-lhe
Com rispido semblante:
«Dos Fados no volume
Este decreto está:
— Quem fôr mais estremoso
Mais infeliz será. —
N'isto revôa o nume
Da nympha para o lado,
Deixando em amarguras
Submisso o desgraçado.
Ah lastimoso Elmano!
O que ao traidor ouviste
Desterra vãos desejos
Para o silencio triste.

Mas sempre ardor interno,
Muda paixão te rale,
Que a perfeição de Armania
Os teus martyrios vale.
E se entre agudas garras
De acerbos desprazeres
A mil fataes combates
Teu coração renderes,
A linda mão, que adoras,
Em fim compadecida,
Talvez te doure a morte,
Se te escurece a vida.
Pode a teu ponto extremo
Illuminar o horror,
A bella a dôce Armania,
Astro do céo de amor,
Dize-lhe então, soltando
Os derradeiros ais,
Que antes morrer por ella,
Do que viver co'as mais.

2

Aos annos da Snr.ª D. Maria do Carmo...

Roxeava no horisonte
Sereno, amoroso dia;
Rosas, e jasmins a Aurora
No puro céo desparzia.
De ameno matiz brilhante
A natureza esmaltada,
Não surgiu tão magestosa
No ponto em que foi creada.
Como que não satisfeito
O artifice divinal,
Primoroso, ultimo toque
Déra ao quadro universal.
Gorgeava em tom mais doce
O plumoso, aereo bando;
De ventos, flores, e rios
Era o murmurio mais brando.
Suas plantas se vestiam
De recendentes verdores,
Em tudo o mez das searas
Imitava o mez das flores.

[illegible] o [illegible] [illegible]
Força nova, novo ardor,
[illegible] [illegible] ao [illegible],
[illegible] [illegible] [illegible].
[illegible] a [illegible] [illegible]
[illegible] da [illegible],
[illegible] [illegible] [illegible],
Quando [illegible] a claridade;
Dormira o [illegible] [illegible],
Quando não em dormir,
E chusma de suaves sonhos
Lhe fôra em [illegible] sorrir.
Da mãe no molle regaço
O deus volatil pousou,
Depois que o plano sublime
De [illegible] empreza ideou.
Qual era o desenho excelso,
Qual a grande, illustre empreza?
Dar [illegible] mais luz, mais graça,
[illegible] [illegible] á natureza.
[illegible] [illegible] sobre a terra
[illegible] [illegible] e os da ventura,
[illegible] [illegible] um dia
[illegible] a formosura.
[illegible] o sol demoral-o
[illegible] o [illegible] crystallino,
A Jove [illegible] o imperio,
[illegible] as leis do Destino.

Mal vê que renasce o dia,
Sáe dos lares de Amathunta;
Fugindo á mãe carinhosa,
Os tenros socios ajunta.
Facil não foi congregal-os,
Por mil partes desparzidos,
Aqui sorrisos soltando,
Além soltando gemidos.
Alguns descobre enredados
Nos laços vís da avareza,
Á prepotente fortuna
Sacrificando a belleza.
Alguns entre as labaredas
De ardente bruteza impura,
Ao negro vicio teimoso
Dando os premios da ternura.
Vê seus bens falsificados
Em um, em outro logar,
E ao longe co'as mãos nos olhos
A Verdade a suspirar.
Exhala um ai despeitoso
O menino encantador,
E recorda os tempos d'ouro,
Em que era virtude amor.
Depois de estar pensativo
Curto espaço o meigo deus,
D'esta arte ao extasi arranca
Os falsos ministros seus:

« Vinde, insanos delegados,
Que abusaes do meu poder,
Vinde n'uns olhos, que adoro,
Estudar, vosso dever.
« E tu, deusa profanada
De torpe, audaz vituperio,
(Diz para a triste Verdade)
Vem recobrar teu imperio.
« Tu por mim serás vingada
Dos não devidos insultos,
Em dous corações ligados
Verás os teus, e os meus cultos. »
Tremendo á voz poderosa
Salta o bando dos Amores,
E a denegrida deidade
Renova os seus resplendores.
Brama o vicio abandonado,
E á turba debalde acenas,
Vil, cavilloso Interesse,
Que o cego mundo envenenas.
Pára em roda ao lindo chefe
O arrependido tropel,
E jura ás leis aggravadas
Nunca mais ser infiel.
Amor lhes dá n'um sorriso
Mostras de estar aplacado,
Na frente dos socios vôa,
Vôa a Verdade a seu lado

Á terra não vem c'roar-se
De teus dons, benigna Flora,
Colhe as flores, que semêa
No ethereo jardim a Aurora.
Eis d'ellas o côro alado
N'um ponto grinaldas tece,
Tambem se enfeita a Verdade,
Que já de adornos carece.
Mutuamente engrinaldados,
Baixam pelos tenues ares,
E da Candida Marilia
Pousam ledos ante os lares.
Vinha assomando entre as graças,
Quando a manhã renascia,
E estranhava a Natureza
Duas auroras n'um dia.
«N'aquella (aos brandos sequazes
Diz Amor) aprendereis
A manter-me os puros gostos,
A zelar-me as doces leis.
«Olha, Verdade lustrosa,
Dos céos adoravel filha,
Como o teu fulgor suave
N'aquelles encantos brilha.
«Em teu nome, em gloria tua
De Hymeneo cingi no altar
Corações incomparaveis,
Venturoso, amavel par.

«A quem me deu mil suspiros,
De mil glorias fiz senhor;
Ao mais extremoso amante
Dei o maior bem de amor.
«Hoje, que em nascer Marilia
Se alteou a esphera humana,
Hoje colherei triumphos
Até da commum tyranna.
«Hoje da terrivel Parca
O poder será coarctado:
Contra mim não tem valia
Leis de Jove, ou leis do Fado.
A quem conferi thesouros,
Que não ha na humanidade,
Tambem cabe em meus portentos
Conferir a eternidade.
«Vive, encanto do universo,
Vive sup'rior á Sorte;
Triumpha, reina commigo
Sobre o tempo, e sobre a morte.
«Quando os Fados subjugarem
O mundo em perpetuo somno,
E o cahos tenebroso, informe
Recobrar seu negro throno:
«Inda de graças c'roado,
De entre a desordem sombria,
Risonho, candido, illeso
Surgirá teu fausto dia.

«Entre os estragos da morte
Irás luzindo immortal,
Suprirá tua existencia
A existencia universal.
«Tenha dos céos o destino
Quem tem dos céos a belleza.»
Disse Amor, sorriu-se a nympha,
E sorriu-se a Natureza.

3

A Rosa

Tu, flor de Venus,
Córada Rosa,
Leda, fragrante,
Pura, mimosa;
Tu, que envergonhas
As outras flores,
Tens menos graça,
Que os meus amorès.
Tanto ao diurno
Sol coruscante
Cede a nocturna
Lua inconstante;
Quanto a Marilia
Té na pureza
Tu, que és o mimo
Da Natureza.
O buliçoso,
Candido Amor
Poz-lhe nas faces
Mais viva côr;

Tu tens agudos,
Crueis espinhos,
Ella suaves,
Brandos carinhos;
Tu não percebes
Ternos desejos,
Em vão Favonio
Te dá mil beijos:
Marilia bella
Sente, respira,
Meus doces versos
Ouve, e suspira.
A mãe das flores,
A Primavera
Fica vaidosa,
Quando te gera:
Porém Marilia
No mago riso
Traz as delicias
Do paraiso.
Amor que diga
Qual é mais bella,
Qual é mais pura,
Se tu, ou ella;
Que diga Venus.
Ella ahi vem....
Ai! Enganei-me,
Que é o meu bem.

4

Filis, e Amor

N'um denso bosque
Pouco trilhado,
E a ternos crimes
Accommodado;
Por entre a rama
Fresca, e sombria
De tenro arbusto,
Que me encubria,
Vi sem aljava
Jazer Cupido,
Junto de Filis
Á mãe fugido.
Entre as nevadas
Mãos melindrosas
Tinha um fragrante
Festão de rosas.
A mais brilhante
D'elle affastando,
Dizia a Filis
Com riso brando:

«Mimosa nympha,
Gloria de Amor,
Dás-lhe um beijinho
Por esta flor?
«Sou criancinha,
Não tenhas pejo.»
Sorriu-se Filis,
E deu-lhe o beijo;
Mas o travesso
Logo outro pede
Á simples nympha,
Que lh'os concede:
Que por matar-lhe
Doces desejos
A cada instante
Repete os beijos.
Assim brincavam
Filis, e Amor,
Eis que o menino,
Sempre traidor,
Co'a pequenina
Bôca risonha
Lhe communica
Sua peçonha.
Descora Filis,
E de repente
Solta um suspiro
D'alma innocente.

Mal que o gemido
Férvido sôa
O mau Cupido
Com elle vôa.
« Ninguem, oh nympha,
(Diz a adejar)
Brinca commigo
Sem suspirar. »

5

A Noute

A deusa, que esmalta
De estrellas o céo,
Já tinha dobrado
Metade do véo;
O fero inimigo
Da ovelha medrosa
Jazia uivando
Na serra fragosa:
A rã rouquejava
No turbido lago,
Carpia entre as moutas
O môcho aziago:
De alados insectos
Nos ares vagava
Caterva lustrosa,
Que as sombras dourava:
Os lassos Favonios
Dormiam nas flores,
Em quanto velavam
Famintos Amores:

Susurro aprazivel,
Que o Tejo fazia,
Coarctava a tristeza
Da noute sombria.
Então solitario,
Seu mal, seus segredos
O languido Elmano
Contava aos penedos.
De gélidas gotas
O rosto orvalhado,
De zelos mordido,
Da vida enjoado:
Destinos! (clamava)
Que assim retardaes
O termo infallivel,
Que imploram meus ais:
« De que me aproveita
Viver d'esta sorte?
A vida é aos tristes
Mais agra que a morte.
« Feliza deixou-me,
Fugiu-me a perjura,
Depois de votar-me
Perenne ternura:
« Fugiu-me, deixou-me
Curtindo a anciedade,
Que geram, que nutrem
Ciume, e saudade:

«Entre estes dous males
Meu peito se sente,
Qual entre dous lobos
Cordeiro innocente.
«Ah céos! Tu, minha alma,
Tu, idolo meu,
Manchando teus olhos
No torpe Sileu!
«A mão, que no peito
Me abriu funda chaga,
Nojoso vaqueiro
Te beija, te afaga!
«C'os braços macios,
Apoio das Graças,
O collo rugoso
Lhe amimas, lhe enlaças!
Consentes-lhe, ingrata,
Que libe, que empeste
Nos teus doces labios
O nectar celeste!
«Cedendo aos assaltos
De impuras caricias,
Tambem lhe franquêas
Vedadas delicias!
«Ah! Vinguem-me, estorvem
Seus jubilos ternos
Com raios, com furias
Os céos, e os infernos!»

Aqui os sentidos
Nas azas de um ai
Lhe escapam, lhe fogem,
E o misero cáe.
Nas grutas os éccos
Ao grito espertaram,
E, d'elle doídos,
A Amor o levaram.
Voando ao fragrante
Vergel de Cythéra
Por ti frequentado,
Louçã primavera,
Encontram Cupido,
Que ha pouca voltára
De empreza brilhante,
Que ufano acabára.
Folgavam do numen
As carnes mimosas
Em molle alcatifa
De goivos, e rosas;
Dormia, e na idéa
Morphêo lhe pintava
Sanguineos triumphos,
Que o mundo chorava;
Não longe, em silencio,
Pousavam Encantos,
Desdens, Esperanças,
Sorrisos e Prantos:

Mordazes Suspeitas,
Que o deus vigiavam,
Raivando, em si mesmas
Os dentes cevavam:
Do tronco de um myrto
Pendia o luzente
Carcaz, salpicado
De sangue inda quente;
Nas pontas hervadas
Dos aureos farpões
Ainda arquejavam
Fieis corações.
A gárrula turma
Rodêa Cupido,
Repete, anhelante,
De Elmano o gemido.
Eis fremem os ventos,
Eis aves álerta,
Convulsos os montes,
E Amor não desperta.
Os Écoos, pasmados
O corpo lhe abalam,
E apenas o acordam,
D'esta arte lhe fallam:
«É crivel, menino,
Que durmas em paz
Ao som de um gemido,
Que penhas desfaz?»

— «Deixae-me, importunos,
(Lhes brada o travesso)
Que ao som de suspiros
É que eu adormeço.»

6

(Bacchica)

Amor é fonte
De riso, e graça,
Porém não passa
De um só sabor:
O doce Baccho
Tempéra Amor.
Baccho entre o côro
Das lindas Graças
Exhaure as taças
De almo elixir.
D'um deus o exemplo
Cumpre seguir.

7

(Bacchica)

Descuida-se Jove
Na olympica mesa,
Da summa grandeza,
Do eterno poder:
Consente um sorriso
Nos labios, que mólha,
E humano se ant'ólha
No gesto, no ser;
A monotonia
Dos bens, em que impera,
O nectar lhe altera,
Lhe faz esquecer:
O nectar, que adoça
Mortaes azedumes,
Até entre os numes
Matiza o prazer.
Se Jupiter bebe,
Não hei de eu beber?

De Baccho opulento
Compõe-se o thesouro,
De perolas, de ouro,
Topazio, rubí.
Do nectar sentindo
Nas fauces o travo,
Miserrimo escravo
Desdenha o Sofi.
Lustrosas chimeras
Lhe vagam na mente,
Do mundo é contente,
Contente de si.
Amigos, libemos
O pico sagrado,
Tão mal condemnado
Na seita de Ali.
Teimosos cuidados,
Caterva importuna,
Visões da Fortuna,
Deixae-nos, fugí.
O nosso universo
Não passa d'aqui.
Em torno a Baccho
Susurra, adeja,
Ri-se, graceja,
Scintilla Amor.
Ao deus Idálio
Baccho é preciso,

Doura-lhe o riso,
Lhe accende a côr.
Amor, oh Baccho,
Tem por costume
Juntar seu lume
Com teu ardor.
Ambos se adorem
Com egualdade,
Tenha a vontade
Mais de um senhor.
Baccho triumphe,
Triumphe Amor.

ENDECHAS

1

A Armia

Já de illusões não vivo
Meu bem, sou desgraçado:
Nenhum mortal se esquiva
Do que lhe ordena o Fado.
Em vão com mil sorrisos
Os candidos Amores
Me afagam, me promettem
Dulcissimos favores;
Em vão meiga esperança
Me diz que em brandos laços
Hei de expirar de gosto
Nos teus mimosos braços.
Suspeita roedôra
Me gasta o frouxo alento,
De imagens pavorosas
Me enluta o pensamento;

Nos ais, Armia, em tanto
Minha alma se evapora,
Victima lamentavel
Da angustia, que a devora;
E além do turvo Lethes
Zelos temendo achar,
Phrenetica deseja
Poder-se aniquilar.
Se o racional tivesse
Do irracional a sorte,
Se as almas se apagassem
Ao halito da morte;
Feliz de um terno escravo,
Feliz de um triste amante,
Remindo-se do jugo
No derradeiro instante!
Mas ai que a turba insana
Dos méstos amadores
Té lá no reino escuro
Vae suspirar de amores.
Sobre os elysios prados
Inda a sydonia Dido
Guarda as fataes memorias
Do Teucro fementido;
Entre os formosos pomos
O golpe inda roxêa,
Inda goteja o sangue,
Que a neve purpurêa.

Tambem nas margens tuas,
Oh rio somnolento,
Sem demandar o abysmo
Do eterno esquecimento,
Carpindo a bella esposa,
(Ah! Que não póde Amor!)
Arde, suspira o thracio,
Miserrimo cantor.
Ali aos olhos d'alma
Lhe retrocede o dia
Em que applacára os monstros
Da região sombria;
Ali no pensamento
O estygio rei figura;
Vê-lhe os terriveis olhos,
A torva catadura:
Vê-o fervendo em raiva,
Troando em ameaços,
Porque um vivente ousára
Tocar-lhe os negros paços.
Eis fere a maga lyra,
Que infunde o céo no inferno:
De assombros assaltado,
Cede o tyranno eterno:
Acóde aos igneos olhos
Doce, invencivel somno,
Baquêa o férreo sceptro
Sobre os degráus do throno.

Até que em si volvendo
Do subito lethargo,
Contempla Orphêo saudoso,
Desfeito em pranto amargo.
Soffrendo um ar benigno
No carrancudo aspecto,
Mostra sentir piedade
Do mavioso objecto.
Co'a féra mão, que firma
Dos réos a eterna pena,
Para indagar seus males
Em fim ao vate acena.
Inquire a causa ignota,
Pergunta o gran motivo
De lhe invadir o imperio,
De ir aos infernos vivo.
Mal que as razões lhe escuta
Quebranta a lei da morte,
Manda que á luz do dia
Volva a gentil consorte.
Mas ai, que o vingativo,
Terrifico Plutão
Une á maior das graças
Pezada condição!
Nas férvidas entranhas
Feroz despeito occulto
Quer da amorosa audacia,
Quer despicar o insulto.

«Vae (diz ao triste amante)
Que um não sei que me obriga
A permittir que os passos
Eurídice te siga;
«Mas nega-lhe teus olhos
Em quanto profanares
Co'a temeraria planta
Meus horrorosos lares.
«Á clausula, que imponho
Se execução não dás,
Sem a chorada esposa
Rever o mundo irás.»
Ah malfadado! Acceitas
O rigoroso artigo,
Mas subito exp'rimentas
Um barbaro castigo.
Pela mordaz saudade
Roto o cruel preceito,
Olhas, e vês em sombras
Teu jubilo desfeito.
Sumindo-se a teus olhos
A cara esposa vae,
E a teu inutil grito
Responde ao longe um «ai!»
Soltando-se, apoz ella
Te vôa o coração,
Para alcançal-a emprehendes
Tudo, mas tudo em vão:

Ás ferrolhadas portas
Do amplo salão ruidoso
Tórnas de novo, e queres
Entrar-lhe o seio umbroso:
Extráes um som da lyra
Mais tentador, mais terno,
Mas o divino encanto
Não move o surdo inferno.
Dest'arte a meiga esposa
Do misero amador
Foi por amor ganhada,
Perdida por amor.
Ah brando Orphêo! Não chores,
Supprime os ais que lanças,
Turbado o pensamento
Com tão crueis lembranças.
Eu sou mais desgraçado,
Tu não padeces tanto,
Tu logras, tu desfructas
O premio de teu pranto:
Aquella, que soava
Na tua doce lyra,
Qual suspirava d'antes
Inda por ti suspira:
Eu, miserando objecto
De dôr, e de piedade,
Junto á fatal balisa
Da triste humanidade,

Queimando o véo dos Fados
Co'a luz da phantasia,
Vejo futuros males,
Vejo traições de Armia.
Dura exp'riencia antiga
No coração me diz
Que o lacrimoso Elmano
Jámais será feliz.
Oh domador das féras!
A doce, a bella ingrata
Que o laço da existencia
Me sólta, me desata,
Eurídice é nas graças,
Mas na paixão, na fé,
No afago, nos extremos
Eurídice não é.
Votos de amor lhe escuto,
Mas no benigno rosto
Um animo lhe observo
Para a traição disposto.
Os bens instaveis préza
Da lubrica Ventura,
E o desvelado Elmano
Não tem senão ternura.
Na mente a cada instante
Diviso (oh céos! Que horror!)
Volver a ingrata os olhos
A novo adorador;

Sacrificar excessos
Aos dons da varia Sorte,
Sumir-me os tristes dias
Na escuridão da morte:
E, ainda não contente
Da enorme aleivosia,
C'o presumpçoso amante
Pizar-me a campa fria:
Ali, entre seus braços,
Para o cruel fartar,
Do extincto Elmano as cinzas
De imprecações manchar.
Mas trema a deshumana
Se desleal me fôr,
Trema, que até na morte
Terá dominio Amor.
Fará surgir do Averno
Meus manes vingadores,
Para terror, e exemplo
De corações traidores.
Qual o afanoso Orestes,
Das Furias acossado,
Sempre terás, oh féra,
O meu phantasma ao lado;
Como a continua sombra
Perseguirei teus passos:
Não folgarás ao menos
Do meu rival nos braços.

Irei lá no silencio
Da erma noute escura
Turbar-te os deleitosos
Mysterios da ternura.
Quando (ai de mim) sentires
Teu coração tremer,
Voar tua alma ao cume
Do rapido prazer,
«Perjura! (hei de gritar-to
Com pavorosa voz)
Eu sou Elmano, e venho
Punir teu crime atroz.»
Verei de horror gelar-se
Teu animo infiel,
E o nectar de teus gostos,
Impia, mudar-se em fel:
Teu complice odioso
Verei, dando um gemido,
Fugir-te d'entre os braços,
Convulso, espavorido.
Armia, ah não te exponhas
D'um numen ao furor:
Se as leis de Amor não cumpres,
Teme o poder de Amor.

2

A gruta do Ciume

Ha um cerrado bosque
Áquem do abysmo eterno,
Vê-se o vapor do inferno
Nos ares negrejar;
Ali rebentam, crescem
Mil plantas venenosas,
Mil serpes tortuosas
Ouvem-se ali silvar;
Rochedos escabrosos
As nuvens ameaçam;
Rios por elles passam,
Medrosos de os tocar;
Ali tremúla a rama
Do teixo, e do cypreste,
Fermenta estygia peste,
Que as almas vem damnar;
De infestas, roucas aves
O bando ali se acouta,
Que está de mouta em mouta
Desastres a agourar;

As azas não menêas,
Ali, Favonio brando,
Tufões de quando em quando
Só se ouvem rebramar.
Ali umas com outras
As arvores se fecham,
De sorte que não deixam
Do dia a luz entrar;
A custo ali respira,
Cercada a Natureza
De horror, e de tristeza,
Capaz de a suffocar;
Ali, sempre aclarado
Pelo tartareo lume,
Jaz do cruel Ciume
O temeroso lar.
Na aborrecida entrada
Véla a mordaz Suspeita,
Continuamente affeita
A crer, e a recear;
No seio da caverna
A torpe Inveja escura
Phrenetica murmura,
Venenos a espumar:
Sente-se lá no fundo
Da estancia sinuosa
Caterva pavorosa
De monstros ulular:

N'um férreo throno em braza
Reina o Ciume horrendo,
Angustias mil tecendo,
Para os mortaes tragar:
Na mão tem negra taça
Cheia do fel da morte,
Com rábido transporte
Não cessa de arquejar;
Ara fatal ao mundo
Terror n'um canto inspira,
Sulphurea, ardente pyra
N'ella se vê fumar;
N'ella milhões d'amantes
Vão por destino infausto
Ser misero holocausto,
As vêas esgotar;
Ministro carrancudo
Frio cutélo amóla,
E as victimas dególa
Sobre o medonho altar.
Vós deveis crer, humanos,
Que a descripção, que ouvistes,
É de quem foi tão tristes
Objectos contemplar.
Ah! Sim, já tenho sido
Pelo tyranno alado
Mil vezes arrastado
Ao horrido logar;

E se eu, mortaes, não pude
Como poderam tantos,
Em sangue, em ais, em prantos,
O espirito soltar;
Foi porque Amor cruento
Não quiz que extincto eu fosse:
Achou que era mais doce
Morrer do que penar.

RETRATOS

1

Em quanto os gados
Pascem dispersos
Casem-se á lyra
Meus brandos versos.
Tyrso, que adoras
Nize engraçada,
Ouve o retrato
Da minha amada.
Em seus cabellos
Soltos, e ondados
Mil Cupidinhos
Estão pousados:
Lá, convertidos
Em virações,
Ordenam laços,
Armam traições.
Os olhos d'ella
São como o céo
Depois que a Noute
Desdobra o véo:

Tem tal virtude,
Tal movimento,
Que encolhe as azas
Ao pensamento:
Na linda face
De neve pura,
Onde entre as rosas
Brilha a candura,
Ha certa graça,
Certa viveza
Mais attractiva
Que a gentileza:
Nos doces labios
Qualquer sorriso
Aviva idéas
Do paraiso:
Ornam-lhe o seio
De eburnea côr
Por fóra as Graças,
Por dentro Amor:
Ali assaltos
De audaz desejo
Move a ternura,
Rebate o pejo:
Das melindrosas
Mãos transparentes
Os alvedrios
Ficam pendentes:

Lisas columnas,
Taes como as creio,
De obras divinas
Candido esteio,
Guardam thesouro
De alta valia,
Que só se gosa
Na phantasia.
Ah! Que attraído
Da imagem bella,
Meu pensamento
Se absorve n'ella!
Tyrso, não posso
Pintar o mais,
Meus brandos versos
Tornam-se em ais.
Já tu conheces
A formosura
Que foi objecto
D'esta pintura.
Quem do retrato
Não ajuiza
Que ou é de Venus,
Ou de Felisa?

2

Vive na margem
Do Tejo louro
Candida nympha,
De Amor thesouro.
Madeixas bellas
Ao ar lhe ondêam,
Que os pensamentos
Soltas enlêam:
Seus olhos ternos
De alta belleza
São dous milagres
Da natureza:
A liberdade
Morre de os ver,
Mas tem na morte
Doce prazer:
Em suas lindas
Faces lustrosas
O pejo enfeitam
Jasmins, e rosas:

Nos puros labios
Do acceza côr
Mudado em riso
Triumpha Amor.
Um véo lhe some
Globos de neve,
E a phantasia
Só se lhe atreve.
Nas mãos formosas
Mudos desejos
Dão-lhe invisiveis,
Sôfregos beijos.
De mil delicias
Cofre sagrado,
Tão escondido
Quão suspirado,
Recebe d'ella
Virtude tanta,
Que até na idéa
Gosado encanta.
O deus terrivel,
O summo Jove,
Que os céos occupa,
Que os astros move,
Um dia os olhos
Volvendo á terra
Viu esta nympha,
Das almas guerra.

Sentiu de gosto
Doce desmaio,
Mudou de aspecto,
Caíu-lhe o raio.
Pasmou do humano,
Raro portento,
Fugiu-lhe Venus
Do pensamento;
De novo em cysne
Foi transformar-se,
Mas a Virtude
Soube o disfarce.
Ah! Se até Jove
Ferve em ternura,
Vendo os encantos
De Armania pura;
Se elles o ferem,
Que mal, que damno
Farão no peito
Do terno Elmano!

QUADRAS

1

«Deus de Amor (a Amor eu disse)
Sou feliz, venci meu fado,
Quebrei de antigas tristezas
O jugo a que estive atado;
«Achei piedade em Felisa,
Entre as mais bellas tão bella,
Que nem tua mãe possue
Olhos como os olhos d'ella.
«Aquelles astros benignos
Com que influes teu poder
Me deram candidas mostras
De ternura, e de prazer.
«Tenro deus, (eu proseguia)
Tenro deus, sou venturoso...»
Eis me interrompe o menino
Em tom suave, e piedoso:
—«Meu fiel, submisso escravo,
Triste exemplo dos amantes,
Não folgues, não te hallucines,
És infeliz como d'antes.

*

2

A Armia

(Imitadas de Parny)

Occulte-se, doce Armia,
Negue-se, minha deidade,
A scena dos nossos gostos
Á nociva claridade.
Nunca os segredos da noute
Contêmos, meu bem, ao dia;
Frios corações ignorem
Nossa mútua sympathia.
Amor em sendo ditoso
Costuma ser imprudente,
E nos gestos de quem ama
Logo o vê quem o não sente.
Por ti receio a viveza
De experta mãe vigilante,
E o Argos, que tem no peito
Um coração de diamante:

Esse espia encanecido,
Alma rispida, e sombria,
Cuja espinhosa virtude
Só com ouro se amacia.
Em quanto luzir de Apollo
O importuno resplendor,
Não rutilem nos teus olhos
Desejos que accende Amor,
Se te apparecer Elmano,
Não córes as lindas faces,
Nem o mais leve suspiro
Do coração desenlaces;
Mostra-me um ar distraído,
Como quando os outros vês,
Não haja no teu semblante
Turbação, nem languidez...
Mas ai! Que de quanto disse
Quasi arrependido estou.
Minha Armia, ah não abuses
Dos conselhos que te dou!
Em nome de Amor te rogo
Que nunca em minha presença
Com perfeição arremedes
A descuidada indiff'rença.
«Aquillo é brinco, é disfarce»
Diria... mas oh tormento!
Receoso da verdade
Me deixára o fingimento.

3

Inalia melhor que a Rósa

Assim como a madrugada
Na manhã de Abril formosa
Derrama suave orvalho
Sobre a pudibunda rosa:
Do mesmo modo Natura
No rosto de Inalia bella
Vai lançando tantas graças
Quantas não tem uma estrella.
Á proporção que o sol cresce,
Na rosa se augmenta a cor;
Em Inalia a cada instante
Se encontra graça maior.
Da rosa agudos espinhos
A guardam de impuro tacto,
De Inalia a pureza a guarda
Inda com maior recato.
Da rosa o doce perfume
Um só sentido arrebata;
Mas o halito de Inalia
Tanto encanta, que até mata.

Empenha-te, oh Natureza,
Em crear flor mais mimosa,
Que á vista da minha Inalia
É de pouco preço a rosa.
Outro ente jámais formaste
Tão terno, nem tão perfeito;
Quebrou-se, mal que o acabaste,
O molde por que foi feito.
Não pódes outro segundo
Ao primeiro egual fazer;
Porque nem sempre o acaso
Nos deve favorecer.
Quando o faças inda assim,
Não terás ganhado a palma;
Pois tu só dás a figura,
Porém nós formàmos a alma.
Alegra-te, Inalia minha,
Mais pura que a rosa pura,
Que essa alma de que és dotada,
É maior que a formusura.
Revive, Inalia, revive
Para modelo das flores,
Chefe d'obra da Natura,
Doce incentivo de amores.
Oh Tempo! Oh Morte! De Inalia
Os dias vos são vedados:
Eu li nas mãos do Futuro,
Que vos eram reservados.

TRABALHOS DA VIDA HUMANA

Je suis forcé de m'abaisser
Pour me faire entendre.

VOLTAIRE.

Se em verso cantava d'antes
O poder da formosura,
Hoje vou chorar em verso
Inconstancias da ventura.
Vou pintar os dissabores,
Que soffre meu coração,
Desde que lei rigorosa
Me pôz em dura prisão.
A dez de Agosto, esse dia,
Dia fatal para mim,
Teve principio o meu pranto,
O meu socego deu fim.
Do funesto Limoeiro
Já toco os tristes degraus,
Por onde sobem, e descem
Egualmente os bons, e os maus.

Correm-se das rijas portas
Os ferrolhos estridentes,
Feroz conductor me enterra
No sepulchro dos viventes.
Para a casa dos assentos
Caminho com pés forçados;
Ali meu nome se ajunta
A mil nomes desgraçados.
Para o volume odioso
Lançando os olhos a medo,
Vejo pôr—Manuel Maria,—
E logo á margem—*Segredo*.—
Eis que sou examinado
Da cabeça até aos pés,
E vinte dedos me apalpam,
Quando de mais eram dez.
Tiram-me chapéo, gravata,
Fivellas, e d'esta sorte,
Por um guarda sou levado
Ao domicilio da morte.
Estufa de treze palmos
Co'uma fresta, que dizia
Para o logar ascoroso,
Denominado enxovia.
Fecham-me, fico assombrado
Na medonha solidão,
E, sem cama a que me encoste,
Descanço os membros no chão.

Mil terriveis pensamentos
Da minha alma se apoderam,
Gostos, e bens d'este mundo
Então conheci o que eram.
Nos olhos o pranto ferve,
No coração cresce a dor,
E com males da fortuna
Se mixtura o mal de amor.
Quando mais me lamentava,
Se abre de improviso a porta,
E ouço um animo benigno,
Que me alenta, e me conforta.
Era Ignacio, affavel peito,
Alma cheia de piedade,
Credor dos meus elogios,
Por heróe da humanidade.
Do amavel carcereiro
Me patentea o desgosto,
Diz que piedoso me envia
Pobre, mas util encosto.
Junta a este beneficio
A necessaria comida,
Com que sustentasse o fio
D'este lastimosa vida.
Garnier terno, sensivel,
Tu foste um nuncio divino,
Que veiu tornar mais doce
O meu penoso destino.

Cuido ver-te injusta preza
Do roubador famulento,
Que exulta no inaccessivel,
Remoto asylo do vento:
Cuido ver-te lacerada
De fero, voraz instincto,
E quantas feridas sentes
Em dobro, em tresdobro sinto....
Mas longe, longe d'esta alma,
Arripiados terrores;
Cessae, que nó meu thesouro
Estão velando os Amores:
Elles não querem perdel-o,
Elles sabem-lhe a valia,
Sabem quanto a Natureza
D'este penhor se atavia.
Porém tu, menino Idalio,
Se te enternecem meus ais,
A teus prodigios immensos
Ajunta um milagre mais.
Deixando-me a vida illesa,
Abre-me o peito inflammado,
Abre, oh nume, e desvanece
Este medroso cuidado:
A gentil pomba, que adoro,
Dirije co'a tenra mão;
Em meu peito se resguarde,
Pouse no meu coração.

2

O Zephyro e a Rosa

(Imitada de uns versos de Parny)

Linda Rosa sobre a margem
De um regato cristalino,
Ia abrindo o rubro seio
Ao doce humor matutino:
Acaso um Zephyro, errante
Nas amorosas paixões,
A viu, e quiz dos prazeres
Dar-lhe as primeiras lições:
Porém não foi attendido
Da florinha esquiva, e bella,
« Por quem sois voae, deixae-me,
Não posso amar (lhe diz ella):
« Ainda sou pequenina,
Ainda apenas vos vejo,
Tornae á tarde, e de ouvir-vos
Talvez terei menos pejo. »

N'isto o Zephyro adejando
Vai cuidar de outros amores,
Que o que vos succede, oh nymphas,
Succede tambem ás flores.
Indo já lonje, eis um Euro
Para a rosa se encaminha,
E com rusticos affagos
Lhe desprende uma folhinha.
Cáe no arroio, e vai com elle
(Oh grosseiro, oh fatal brinco!)
Apoz esta segue-se outra,
Depois tres, e quatro, e cinco.
Finalmente o rude amante
Mimosas graças desfaz,
Que os meigos deuses lograram,
Se a Rosa fôra sagaz.
Vólta o Favonio ancioso
Por gosar ternos carinhos;
Mas ai, que em logar da Rosa
Não acha mais do que espinhos!
Armia, observa este exemplo,
Desterra illusões, e enganos,
Segue Amor, antes que o tempo
Te desfolhe a flor dos annos.

GLOSAS

1

Que eu fosse em fim desgraçado
Escreveu do Fado a mão;
Lei do Fado não se muda;
Triste do meu coração!

GLOSA

Tres vezes sobre meus lares
Vozeou, quando eu nascia,
Ave, que aborrece o dia,
Que prevê crueis azares:
Amor dividira os ares
De seus tormentos cercado;
Á funda estancia do Fado
O vôo havia abatido,
E ambos tinham resolvido
«Que eu fosse em fim desgraçado.»

—Esse, que os primeiros ais
Vai soltar triste, e choroso,
Seja á Fortuna odioso,
Seja pezado aos mortaes:
Dos mimos de Amor jámais
Desfructe a consolação;
Ame, porém ame em vão,
Ferva-lhe n'alma o ciume.—
Isto no horrendo volume
«Escreveu do Fado a mão.»

Cresci, cresceram commigo
Meus damnos, e n'um transporte
Curva maga a ler-me a sorte
Com roucas preces obrigo:
Eis que toma um livro antigo,
Abre, vê, folhêa, estuda,
Té que me diz carrancuda:
«Nos caracteres que olhei
Fim ao teu mal não achei;
«Lei do Fado não se muda.»

Absorto, convulso, e frio,
Deixo de erriçada grenha
A Furia em concava penha,
Seu lar medonho, e sombrio:
Debalde lucto, e porfio
Contra a Sorte desde então:

Céos! Não achar compaixão!
Céos! Amar sem ser amado!
Barbara lei do meu fado!
«Triste do meu coração!»

2

Se amor vive além da morte,
Constancia eterna hei de ter;
Se amor dura só na vida,
Hei de amar-te até morrer.

GLOSA

Fui onde o sabio Fatino,
Vate pelos annos curvo,
Rompe o véo tapado e turvo,
Que envolve as leis do Destino:
Entro a gruta, a fronte inclino,
E exclamo em vivo transporte:
«Oh tu, que fallas co'a Sorte,
Eia, dize ao mais constante,
Ao mais abrazado amante
«Se amor vive além da morte.»

Analia, deusa na face,
Deusa até no coração,
Temeu que a minha paixão
Como as outras desmaiasse:

Para que o meu bem deixasse
De vacillar, de gemer,
Abalancei-me a dizer:
—«Despe, amada, um vão temor,
Que por milagre de Amor
«Constancia eterna hei de ter.»

«Talvez foi voto indiscreto...»
Proseguia; eis meneando
O gran velho venerando
Tres vezes seu grave aspecto:
«Que não ousa um louco affecto!
(Me diz com voz desabrida)
Alma insana, alma atrevida,
Ha quem confie, ha quem jure,
Que amor entre cinzas dure,
«Se amor dura só na vida!»

«Doudo amante hallucinado,
Como ha de a paixão, como ha de
Ir alterar a egualdade
Que aos entes impoz o Fado?
Não ha permanente estado,
O Nada provém do Ser;
Torna, vae-te desdizer,
E faze o teu voto assim:
«Mais poder não cabe em mim,
«Hei de amar-te até morrer.»

4

Perguntei a Amor, e á Sorte
Se tem remedio o meu mal;
Respondeu-me em tom severo
—Que o não tem, porque é mortal.

GLOSA

Eu, que sinto o peito arder
Na pura neve d'Isbela,
Que um volver dos olhos d'ella
Não posso ao menos obter:
Cançado em fim de soffrer
Vida peor do que a morte,
Em paixão tão cega, e forte
Que já passa a desatino,
Qual seria o meu destino
«Perguntei a Amor, e á Sorte.»

«Numes! Poderosos numes!
(Clamaram meus labios tristes)
Vós, que de mim sempre ouvistes
Brados, suspiros, queixumes:

Vós, que as ancias, os ciumes
Lançaes n'esta alma leal;
Vós, que permittis que um tal
Incendio me offenda, e queime,
A! Consolae-me, dizei-me
«Se tem remedio o meu mal?»

Disse; e logo o deus alado
Que céos, e terra avassalla,
Com voz suberba assim falla
A' deusa, que tinha ao lado:
«D'este amante o cruel fado
Que exponhas, oh Sorte, eu quero;
Ergue a voz, pois te assevero
Que o seu pranto me importuna.»
Calou-se Amor, e a Fortuna
«Respondeu-me em tom severo:»

«Tu, que dourada corrente
Toléras, mostras, arrastas;
Que os dias, e as noutes gastas
Em chôro infeliz, e ardente:
Tu, que buscas finalmente
Remedio prompto, e cabal
Á tua dor sem egual;
Sabe, para teu terror,
Que o não tem, por que é de Amor,
«Que o não tem, por que é mortal.»

5

O tempo, que Amor perdeu,
Finezas mal merecidas,
Promessas nunca cumpridas,
Nada d'isso chóro eu.

GLOSA

Graças aos céos, já não sinto
Aquella viva paixão,
Das liberdades prisão,
Dos corações labyrintho:
Já não lamento, nem pinto
Cruezas do genio teu;
A verdade em fim rompeu
Trevas d'esse engano antigo;
Nem já me lembra comtigo
«O tempo, que Amor perdeu.»

Reina em meu peito a alegria,
Minh'alma de todo é sua;
Brilhe o sol, ou gire a lua,
Chegue a noute, ou venha o dia:

Sinto em dura antipathia
Minhas paixões convertidas;
Em mil vozes desabridas;
Troquei por justas razões
Amorosas expressões,
«Finezas mal merecidas.»

Virtude, só teus altares
Incensarei com fervor,
Proferindo contra Amor
Imprecações a milhares:
Loucuras, ancias, pezares
Elle causa ás tristes vidas;
E quando glorias subidas
Jura dar ao coração,
As suas promessas são
«Promessas nunca cumpridas.»

Queixe-se embora do Fado
Aquelle que vê, que alcança
Em vez de ternura, esp'rança,
Desprezo, rigor, enfado:
Chore-se qual desgraçado
O que a vontade rendeu;
Sabendo que vive o seu
Rival nos braços da amada;
Chore-se embora, que nada
«Nada d'isso chóro eu.»

6

Pondo a mão nas sacras aras
Tu juraste, e eu jurei;
Cuida tu em ser constante,
Que eu á fé não faltarei.

GLOSA

No templo do nume alado
Cujas leis adoro, e sigo,
Entrei, Marilia, comtigo
De verde myrtho c'roado:
Ali jurei ao teu lado
Vivo amor, finezas raras;
E tintas as faces claras
Do purpureo pejo honesto,
Tu fizeste egual protesto
«Pondo a mão nas sacras aras.»

Cupido a frente menêa,
E pago da jura amante,
Co'um sorriso no semblante
O seu prazer patentêa:

Á multidão, que o rodêa,
Escrava da sua lei,
Tu ouviste, eu escutei
Hymnos mil, Marilia amada,
Louvando a fé, que prostrada
«Tu juraste, e eu jurei.»

Aureo thuribulo então
Prompto ministro nos dá,
Mutuamente o movem já
A minha, e a tua mão;
Perturbando os ares vão
Nuvens de incenso fragrante;
E do solio de diamante
Diz Amor a mim, e a ti:
«Guarda o voto, que te ouvi,
«Cuida tu em ser constante.»

Eu com a voz do respeito
Ardendo em férvido lume,
Lhe respondo: «Oh Gnideo nume,
Nume a quem vivo sujeito!
Dos votos, que tenho feito,
Eu jámais me esquecerei;
Dos deuses o páe, e o rei
Com raios o mundo estrague,
O céo caia, o sol se apague,
«Que eu á fé não faltarei.»

7

Só o nome de Maria
Inconstancia quer dizer;
A mulher, que assim se chama,
Ingrata sempre ha de ser.

GLOSA

É desatino, é loucura
No mundo haver quem pretenda
Que até dos nomes dependa
A condição meiga, ou dura:
Mas, bem que esta conjectura
Tem visos de errada, e fria,
Eu não sei que antipathia,
Que desgosto, que aversão
Desperta em meu coração
«Só o nome de Maria!»

Jámais o numen vendado
Alcançou de mim victoria,
Jámais fundei minha gloria
Na posse de um puro agrado:

Mas se por força de fado
Chegar um dia a querer,
Ninguem me verá morrer
Pelo nome de Maria,
Pois se por «mar» principía,
«Inconstancia quer dizer.»

Licio, de quem longos annos
A crespa cerviz humilham,
E em cujo aspecto já brilham
A montões os desenganos:
Diz—que é causa de mil damnos,
Que mil discordias derrama,
Que é furia pelo que inflamma,
Que é crocodilo no pranto,
Serêa na voz, no canto
«A mulher, que assim se chama.»

Vós pois, que as aras beijaes,
E a quem eu meus votos nego,
Vós, que insanas leis de um cego
Tão cegamente adoraes;
Se não quereis de vãos ais
Os ares subtis encher,
Vede a quem ides render
Vossa interna idolatria,
Que toda a que fôr Maria
«Ingrata sempre ha de ser.»

8

Eu quero bem á Desgraça,
Que sempre me acompanhou;
Tenho aversão á Ventura,
Que no melhor me faltou.

GLOSA

Deuses! Commigo indignados,
Meneando a sacra mão,
Vertei no meu coração
Milhões de acerbos cuidados:
Exemplar dos malfadados
O vosso rigor me faça;
Persiga-me a Sorte escassa,
Que não me obriga a queixume;
Não, deuses, não; por costume
«Eu quero bem á Desgraça.»

Esta deidade sombria,
Em cujo livido rosto
Nunca resplandece o gosto,
O riso, a paz, a alegria:

Apenas a luz do dia
Os olhos meus illustrou,
Entre os braços me apertou,
Ao peito me trouxe unido,
E tão leal me tem sido
«Que sempre me acompanhou.»

Satisfaz-se o meu desejo
Quando nos candidos ares
Denso tropel de pezares
Correr a buscar-me vejo:
Ventura, não te festejo,
Vae-te, outras almas procura;
Vae-te, que de ti murmura
Meu infeliz coração;
Tenho ao prazer aversão,
«Tenho aversão á Ventura.»

Desgraça, numem immenso,
Tu, tu, que desejas tanto
Em vez dos hymnos o pranto,
Os ais em logar do incenso:
Vê que com affecto intenso
Minha alma e vida te dou;
Nunca jámais (pois teu sou)
Desprezes a quem te abraça;
Não se diga da Desgraça
«Que no melhor me faltou.»

9.

A Razão manda que eu parta,
Amor me quer demorar;
Minha Sorte é quem decide
E me obriga a separar.

GLOSA

A razão, fulgente nume,
Que o vicio torpe intimida;
Baixou dos céos attraída
Pelo som do meu queixume:
Vendo esta alma por costume
De suspirar nunca farta,
Vendo em fim que não coarcta
Marcia a sua tyrannia,
Da presença d'esta impía
«A Razão manda que eu parta.»

Mas Amor, de cuja mão
Té Jove teme o castigo,
Amor, feroz inimigo
Da Virtude, e da Razão;

Com um leve turbilhão
Armado fendendo o ar,
A deusa corre a buscar,
Que a meu lado affavel sente,
E se ella quer que eu me ausente,
«Amor me quer demorar.»

Arma então disputa forte
Uma e outra divindade,
Na Razão brilha a verdade,
Em Amor louco transporte:
Eu, que os vejo d'esta sorte
Sem que um ao outro intimide,
Lhes digo: «Não mais se lide,
Dignae-vos de me seguir;
Se hei de ficar, ou partir,
«Minha Sorte é quem decide.»

Fomos pois da Sorte ao templo,
E mal que os altares beijo,
Os olhos turvos lhe vejo,
Triste o rosto lhe contemplo:
Ella exclama: «Infausto exemplo
De quantos sabem amar,
Faze o que a Razão mandar.»
Disse; e a pezar da porfia
De Amor, a Razão me guia,
«E me obriga a separar.»

10

Basta, pensamento, basta;
Deixa-me em fim descançar;
Um bem, que ser meu não pode,
É um tormento lembrar.

GLOSA

Desvelado pensamento,
Que a minha mágoa requintas,
Quando em illusões me pintas
Suave contentamento:
Se um dever duro, e violento
Do bem, que adoro, me affasta,
Se barbara lei contrasta
Os desejos da paixão,
De enganar-se o coração
«Basta, pensamento, basta.»

Nize em braços de um tyranno
Mesmo a seu pezar suspira;
Em quanto geme, e delira
Longe d'ella o triste Elmano:

O meu rival gosa ufano
A dita mais singular;
E se a dor de o invejar
Tu me excitas, pensamento,
Em profundo esquecimento
«Deixa-me em fim descançar.»

Bem, que se não gosa, ancêa;
Não me apresentes, memoria,
A perda da minha gloria
Na imagem da gloria alhêa:
Nize arrasta uma cadêa
Que só a morte sacode,
E por isso não me acode,
Nem me paga a sympathia
Um bem, que ser meu devia,
«Um bem, que ser meu não pode.»

Pensamento namorado,
Não promovas minha pena;
Ceda-se ao que o fado ordena,
Que ninguem resiste ao fado:
Alto prazer suspirado,
Que se não pode alcançar,
Porque em se não desfructar
Deixa em fim de ser prazer,
É uma dita esquecer,
«É um tormento lembrar.»

11

Do meu Myrtilo a saudade

(Decimas improvisadas por occasião do fallecimento do Senhor Dr. Manuel Bernardo de Sousa Mello)

Não chores, coração meu,
A mágoa, que te assaltou;
A immensidade ganhou,
E o quasi nada perdeu:
O que é de um numen é seu,
Inda a par da divindade
No cume da eternidade
Bebe a luz do paraiso;
Mortaes, converta-se em riso
«Do meu Myrtilo a saudade.»

O Lethes, rio fatal
De margens seccas e nuas,
Confunde nas aguas suas
Memorias do bem, do mal:

Eu, ainda que mortal,
Não pago á fatal deidade
O feudo da humanidade;
Bem que, oh Sorte, o não promettes,
Levarei além do Lethes
«Do meu Myrtilo a saudade.»

Não dou a Myrtilo incensos
Ante seus manes não desço,
Ao chão; porque só off'reço
Tal culto aos numes immensos:
Porém affectos intensos,
Cordeal sinceridade,
Doce pranto á amisade,
Que não tem, nem terá fim,
Estão demonstrando em mim
«Do meu Myrtilo a saudade.»

Em serras se afôfa o ar,
Estoura a rocha em gemidos,
E estão medrosos ouvidos
Ao longe a titubear:
De nuvens se peja o ar,
Morre a solar claridade,
D'alma terna amenidade
Desbota funerea tinta;
Ah! Justo céo! Tudo pinta
«Do meu Myrtilo a saudade.»

Não só c'os tempos modernos
Meu louvor affouto egualo;
Com Grecia, com Roma fallo,
Fallo com céos, com infernos:
Meus elogios eternos
Lanço pela immensidade;
Entro n'uma, e n'outra edade,
Por varios seculos entro,
E em todos elles concentro
«Do meu Myrtilo a saudade.»

12

Terno amor, doce amisade.

(Ao mesmo assumpto)

GLOSA

Desde que o mundo é composto,
Os seus refrigerios são
Dous bens, que no peito estão,
E que apparecem no rosto:
São dous principios de gosto,
Precisos á humanidade,
Ambos attráem a vontade
Com seus mimos feiticeiros;
Ah! Sede meus companheiros,
«Terno amor, doce amisade.»

Jove, immenso creador,
Para os mortaes se sorriu,
Eis que das mãos lhe caíu
No mundo amisade, e amor:

9

Soltando o alto clamor
De que treme a eternidade,
Disse á triste humanidade:
«Attento a vossos queixumes,
Ahi vos mando dous numes,
«Terno amor, doce amisade.»

Amei o sexo mimoso,
Amei o sexo constante,
Fui amigo, e fui amante,
E nunca fui venturoso:
Nunca vi peito extremoso
Ornado de lealdade;
Achei sempre a falsidade
N'elles, e n'ellas; e assim
Não nascestes para mim,
«Terno amor, doce amisade.»

O bom Myrtilo morreu,
Morreu com elle aureo estylo,
E Lilia a par de Myrtilo
Á fria terra desceu:
O mundo nos dous perdeu
Bens de summa qualidade,
Ficou pobre a humanidade,
Esvaíram-se os affectos,
E já não tendes objectos,
«Terno amor, doce amisade.»

13

Meigos sorrisos de amor.

GLOSA

A minha imaginação
Escura sempre, e funesta,
Males sobre males me empresta
Ao misero coração:
As amarguras estão
Com o dente roedor
Cercando esta alma de horror;
Eu morro, acabo infeliz,
Se acaso não me acudís,
«Meigos sorrisos de amor.»

Lilia, mais bella que as flores,
Mais bella que o paraiso,
Depois de dar-me um sorriso
Me deu mil encantadores:

De delicias percursores,
Ternos mimos inda em flor
Me fizeram sabedor
De arcanos; já, já conheço,
Já, já sei que não têm preço
«Meigos sorrisos de amor.»

Habíto ameno desvio
Da gente, e vicios tambem;
Este logar flores tem,
Tem um valle, e tem um rio:
Verde arvoredo sombrio
Aqui mostra o fructo, a flor;
Que logar encantador!
Que logar, que vale tanto!
Só me faltaes n'este encanto,
«Meigos sorrisos de amor.»

Tempestades esbravejam,
Fuzilam nuvens medonhas,
E as esperanças tardonhas
Já dentro do peito arquejam:
Subir aos astros forcejam
Mil sombras de negra cor;
Ah! N'este mal, n'este horror,
N'este assanhado Oceano,
Sêde Santelmos d'Elmano,
«Meigos sorrisos de amor.»

Cypria, abrindo os tenues ares,
Das Graças a mãe formosa,
Desce na concha lustrosa
Á superficie dos mares:
Lá se encolhem os pezares,
Lá se vai sumindo a dor;
O desespêro, o pavor
A seus lindos olhos cedem:
Lá vem Venus, e a precedem
«Meigos sorrisos de amor.»

14

Quem póde deixar de amar?

GLOSA

Amor, doce flamma acceza
Nos céos, pela mão de Jove,
Agita, transporta, e move,
O seio da Natureza:
O leão despe a braveza,
Se o vem leôa amimar;
No salso bojo do mar
Arde o mudo nadador;
O mundo todo é amor;
«Quem póde deixar de amar?»

Lilia, se vê genios duros,
A atacal-os se resolve,
E co'um ar magico volve
A elles os olhos puros:

Eis que vê suberbos muros
Sobre a terra baquear;
Lilia depois de ganhar
Immensos louros, que ajunta,
Com um sorriso pergunta:
«Quem póde deixar de amar?»

Perguntei á Natureza
No seu alcaçar sublime,
Qual era o mais torpe crime
Que infectava a redondeza?
Ella, que meus cultos préza,
E me franquêa o altar,
Respondeu-me a prantear,
Exhalando um ai ancioso:
«Ah! É o mais criminoso
«Quem póde deixar de amar.»

Mandou o supremo auctor
Ao mundo esta paixão doce,
Para que alimento fosse
Da terrea machina Amor:
De tudo se fez senhor,
Em tudo erigiu altar;
Quem a Amor pretende obstar
Transgride uma lei divina;
E o fim do mundo machína
«Quem póde deixar de amar.»

15

O painel da Natureza.

(Improvisada na occasião de um eclypse da lua)

GLOSA

Minha sorte foi brilhante,
Minha sorte é hoje triste,
N'estas mudanças consiste
A sorte de todo o amante:
Sumiu-se a lua radiante,
Que estava em fulgor accesa;
Minha dor, minha tristeza
Com mil reflexões misturo,
Vendo ora claro, ora escuro
«O painel da Natureza.»

O Olympo assustando a terra,
Dando-lhe mortaes desmaios,
Raios em cima de raios
Das entranhas desencerra:

Os elementos em guerra
Blasonam mutua braveza;
N'este horror, n'esta graveza,
Que não cede, não se acalma,
É o quadro da minha alma
«O painel da Natureza.»

16

A mulher é bem, e mal.

GLOSA

De varia côr se tingiu
Fado, que póde o que quer,
E unido á recem-mulher,
A varia côr lhe imprimiu:
Subito o mundo luziu
C'o objecto divinal,
E sobre a estancia fatal,
Sobre o triste globo errado,
Segundo o matiz do Fado,
«A mulher é bem, e mal.»

Não haja no mundo alguem,
Que com um, ou outro affecto,
Chame á mulher mal completo,
Ou chame completo bem:

Nada d'isto lhe convém;
Por um systema formal
Como em tudo é desigual
Causa gostos, e dá ancias,
E em diversas circumstancias
«A mulher é bem, e mal.»

17

Mortal, que teus mimos gosa,
Disputa co'a divindade.

GLOSA

Alta influencia amorosa,
Milagroso e doce lume,
Ah! Tu convertes em nume
« Mortal, que teus mimos gosa: »
Mal que a alma sequiosa
Embebes na eternidade,
Mal que prova a immensidade
De almo, indizivel prazer,
Faz o que deve fazer,
« Disputa co'a divindade. »

Quantas fragrancias a rosa
Entre os Favonios aspira,
Tantos perfumes respira
« Mortal, que teus mimos gosa: »

Sobe á esphera venturosa
Onde tudo é claridade,
Muda ali de qualidade,
Todo o céo em si reune,
E não farto de ser nume
«Disputa co'a divindade.»

Sei que á morte pavorosa
Tambem feudo eu pago, eu dou;
Mas tambem, Marilia, eu sou
«Mortal, que teus mimos gosa:»
É mais que todas honrosa,
Sublime esta dignidade,
Não pareça atrocidade,
Sacrilego atrevimento,
Se um, como eu, no pensamento
«Disputa co'a divindade.»

Ouve, Marilia formosa,
Composto de riso e neve,
Quanto ao mesmo Fado deve
«Mortal, que teus mimos gosa:»
Disse-me a voz estrondosa,
Que perpassa a eternidade:
«Tu, que estás na humanidade,
Como és de Marilia amado,
Vae, vae ser orgão do Fado,
«Disputa co'a divindade.»

Quanto (oh céos!) é milagrosa
Paixão, que adorar se deve,
E a quanto, oh Lilia, se attreve
«Mortal, que teus mimos gosa!»
Sonha a paixão amorosa
Que se despe a humanidade;
Jove deve ter piedade
Se commette doce engano,
Se audaz pensamento humano
«Disputa co'a divindade.»

18

Analia não é perjura,
Analia cede a seu fado.

GLOSA

Julguei deshumana, e dura
Minha amada, e sinto horror
Depois que me disse Amor:
«Analia não é perjura:»
Se o poder da desventura
Seu ardor tem subjugado,
E se um vinculo sagrado
A liberdade lhe prostra,
Quando em si crenças lhe mostra
«Analia cede a seu fado.»

Foi altar a sepultura,
Disse-me:—«Juro por esta
Medonha estancia funesta,
«Analia não é perjura:»

Inda Analia em cinza escura
Sentirá o ardor sagrado;
Ali será requintado
O extremo da sua ardencia
Inda que aqui na apparencia
«Analia cede a seu fado.»

19

Analia terna, e constante.

GLOSA

No triste imperio da Morte
Vagueei já turvo dia;
Eis que em minha alma sentia
Um desusado transporte:
Tu, que reges minha sorte,
Que sempre me está diante,
Oh! Feliz o teu amante
Quando baixar ao jazigo,
Se repousares commigo,
«Analia terna, e constante!»

Consta o bem da humanidade
Em objectos mui diff'rentes;
Alguns existem nas mentes,
Outros vivem na verdade:

Estes que tem dignidade
Dá-os sciencia brilhante,
Outros um gráo triumphante,
Palma, louvor, gloria, louro;
Mas inda é maior thesouro,
«Analia terna, e constante.»

Entre os teus mimos, e a vida
Não acho nenhum espaço;
Desate-se aquelle laço
Se esta prisão for partida;
A minha alma sempre erguida
N'uma idéa relevante,
Não imita indigno amante,
Que aspira a tenue prazer;
Ou possuir-te, ou morrer,
«Analia terna, e constante.»

Iremos ambos unidos,
Onde nossas almas voam,
Ou onde os prazeres soam,
Ou onde soam gemidos;
Ambos serêmos punidos,
Feliz um, e outro amante,
Soará no céo brilhante,
Soará no escuro inferno,
Josino constante, e terno,
«Analia terna, e constante.»

A natureza corrupta
É objecto ante quem tremo;
Nem padece mal supremo,
Nem bem supremo desfructa;
Ora o vicio amado enluta
Esta machina ambulante,
Ora a virtude anda errante,
Entre temor, e incerteza;
Ah! Corrige a natureza,
«Analia terna, e constante.»

20

Dos lusos a gloria herdada.

GLOSA

Nasci no tempo ferrenho,
E apenas razão me move,
Grito aos céos, exclamo a Jove,
«Oh Jove! Em que tempos venho!
Um despenho, outro despenho
Me apresenta a sorte irada;
Minha essencia collocada
Está no ponto mais baixo;
Já não vejo, já não acho
«Dos lusos a gloria herdada.»

As nossas armas brilharam
Pondo ao universo espanto,
E as letras poderam tanto,
Que as armas mesmo eclypsaram:

Os nossos timbres voaram
Pela massa organisada;
E o gran monstro, que inda brada
Lá no promontorio seu,
Fero Adamastor, temeu
«Dos lusos a gloria herdada.»

21

És gloria da Natureza.

GLOSA

Jove, o soberano Jove,
Ante quem tudo é pequeno,
Esse, que co'um leve aceno
O mundo, e as estrellas move:
Esse, que ora os raios chove,
Ora anima a redondeza,
Pasma na tua belleza:
Por cem raras qualidades,
És iman das divindades,
«És gloria da Natureza.»

Tu não tens um só momento
Em que dês o galardão
Ao que vale o coração,
Ao que vale o pensamento:

Não achas merecimento
N'um ai, ou n'uma fineza,
És exemplo da dureza,
Modelo de um peito ingrato,
E inda em tal desacato
«És gloria da Natureza.»

22

Deliro entre susto, e dor.

GLOSA

De que aproveita a razão
No estado em que me diviso?
Ai de mim! Que é o juizo?
Flagelio do coração:
Não, não póde a reflexão
Repellir o activo amor;
Contra elle não tem vigor,
O seu esforço é baldado,
Não por fraqueza, por fado
«Deliro entre susto, e dor.»

São todos os meus instantes
Instantes de atra agonia;
Para mim a noute, e o dia
São tristes, são similhantes;

Venço todos os amantes
Nos extremos, no temor
Os mais alenta o favor,
A mim não me dá descanço;
E quando mimos alcanço
«Deliro entre susto, e dor.»

23

Dobra o joelho a Razão.

GLOSA

Um Deus é supremo auctor
Do globo, do cêo, e lua,
E a Razão, ministra sua,
Tem parte em seu resplendor:
Porém quando o encantador
Principio d'aurea prisão,
Que cinge o meu coração,
Presenta os encantos seus,
No Olympo estremece um Deus,
«Dobra o joelho a Razão.»

Em quanto da formosura
O encanto se não observa,
Livre a Razão se conserva,
Tranquilla, serena, e pura:

Mas quando o céo se affigura
Em humana perfeição;
Quando se forja o grilhão
Tão funesto á liberdade,
Inda sendo divindade,
«Dobra o joelho a Razão.»

24

Os erros da educação
Extraem de amor delictos.

GLOSA

Estes, Marilia, estes são
Os males que o céo nos fez;
São os erros em que crês
«Os erros da educação:»
Por mais que o meu coração,
E o teu desatem mil gritos,
Os hypocritas maldictos,
Os que têm tartarea voz,
(Ai!) armados contra nós
«Extraem de amor delictos.»

Sobre a humana geração
Têm suprema auctoridade,
Contra as tuas leis, Verdade,
«Os erros da educação:»

Some-se a luz da razão
Em preceitos infinitos;
De mortaes negros peritos
Dura voz o amor condemna,
Extraem fel d'assucena,
«Extraem de amor delictos.»

25

Em amor não soffre eguaes
Paulino, exemplo de amor.

GLOSA

Os meus extremos são taes,
Que levam a tudo a palma;
Original a minha alma
«Em amor não soffre eguaes:»
Peço aos sensiveis mortaes
Mais justiça que favor:
Em sentido extremo horror
N'um epitaphio a verdade
Inculque á posteridade
«Paulino, exemplo de amor.»

No orgulho abafando os ais
Clamei ao genero humano:—
Entre vós sómente Elmano
«Em amor não soffre eguaes:»

Eis que o numen dos mortaes
Indisputavel senhor,
Me diz com agro clamor:
«Enfunado amante, escuta,
Vê que a gloria te disputa
«Paulino, exemplo de amor.»

26

Um só momento de amor
Faz feliz um desgraçado.

GLOSA

Peço aos céos alto favor
Que toca ao supremo excesso;
Eternidades não peço,
«Um só momento de amor:
Este deus, este senhor
Da vida, do tempo, e fado,
Este numen transformado
No ente, que chamam mulher,
Pode tudo quanto quer,
«Faz feliz um desgraçado.»

Movido da minha dor
O auctor dos males, e bens,
Disse-me um dia: «Aqui tens
«Um só momento de amor:»

Não julgues pouco valor
No donativo sagrado;
Em sendo a Lilia annexado,
Por gloria de um terno amante,
De amor o minimo instante
«Faz feliz um desgraçado.»

27

Elmano foi mais que um deus;
Hoje é misero mortal.

GLOSA

Quando entre os carinhos teus
Gosou dos bens a excellencia,
Elmano despiu a essencia,
«Elmano foi mais que um deus:»
Entranhou-se pelos céos,
Foi ao cume divinal,
A Jupiter viu-se egual,
Fallou-lhe a felicidade;
Volveu á humanidade,
«Hoje é misero mortal.»

Desenganae-vos, athêos,
Vêde a vossa insipiencia,
Eu vos mostro a omnipotencia,
«Elmano foi mais que um deus:»

Eia, acreditae os céos,
Crêde no bem divinal;
Mas oh pranto! Oh dor! Oh mal!
Tornae á incredulidade,
Porque quem foi divindade
«Hoje é misero mortal.»

28

Lilia geme, Lilia chora.

GLOSA

De Lilia o doce amador,
O seu objecto querido,
Jaz (oh Fados!) jaz sumido
No abysmo do eterno horror:
Com seus frechoiros Amor
O triste caso deplora;
E qual em nuvens a Aurora
Fecha o rosto divinal;
Sobre a campa funeral
«Lilia geme, Lilia chora.»

Nasceu Lilia; a Natureza
Soltou por tudo alegria;
Cresceu Lilia; eis veiu um dia
Em que tudo foi tristeza:

A face da redondeza
Eis vasto incendio devora,
E soando a toda a hora
Ais, queixumes, gritos, prantos,
Sentida de seus encantos
«Lilia geme, Lilia chora.»

29

Depois de te haver creado
A Natureza pasmou.

GLOSA

A mãe, que em berço dourado
Pôz teu corpo cristalino,
É sup'rior ao Destino,
«Depois de te haver creado:»
Quando Amor, o nume alado,
Tua infancia acalentou,
Quando os teus dias fadou,
Minha Lilia, minha amada,
A mãe ficou encantada,
«A Natureza pasmou.»

Deve dar breve cuidado,
Motivar grande attenção,
A um Deus a creação,
«Depois de te haver creado:»

Deve de ser refinado
O engenho, que elle mostrar
Desde o ponto em que crear;
Cuide n'isto a omnipotencia,
Porque ao ver a sua essencia
«A Natureza pasmou.»

Ao mesmo céo não é dado
(Bem que tanto poder gosa)
Crear cousa tão formosa
«Depois de te haver creado:»
N'aquelle instante dourado,
Em que teus dotes formou,
Apenas os completou,
Arengando-lhe o Destino;
Em um extasi divino
«A Natureza pasmou.»

O céo nos tem outorgado
Quanto outorgar-nos podia;
O céo que mais nos daria
«Depois de te haver creado?»
Nympha, das Graças traslado,
Nympha, de que escravo sou,
Jove em ti se enfeitiçou,
Cheio d'espanto, e de gosto,
E absorta no teu composto
«A Natureza pasmou.»

O teu rosto é adornado
Dos prodigios da belleza;
Foi um deus a Natureza
«Depois de te haver creado:»
Poz em teu rosto adoçado
O que nunca o céo formou;
Ella a Jove envergonhou
N'esse deleitoso espanto,
E de ter subido a tanto
«A Naturéza pasmou.»

Todo o concilio sagrado
Do almo Olympo brilhador,
Subiu a grão superior
«Depois de te haver creado:»
Da meiga Venus ao lado
O teu ente a nós baixou;
Ente, que Jove apurou,
Ente de todos diverso,
Assombrou-se o universo,
«A Natureza pasmou.»

30

Quem vê de Analia o semblante
Julga ver a mãe de Amor.

GLOSA

Fica cego, e delirante,
Veneno em nectar destilla,
Abraza-se, e se anniquilla
«Quem vê de Analia o semblante:»
Ella surge triumphante
Sobre as plumas do louvor,
E d'esse mesmo fulgor
D'onde os corações conquista,
Quem de cá debaixo a avista
«Julga ver a mãe de Amor.»

A Primavera brilhante
Vem ver a origem da vida,
Vê toda a terra florída
«Quem vê de Analia o semblante:»

Mas inda não é bastante
Este applauso, este louvor;
Quem seu gésto encantador
Olha, de graças portento,
N'aquelle ethereo momento
«Julga ver a mãe de Amor.»

Duro nó, nó diamante,
Que horrivel jugo nos traz,
Impetuoso desfaz
«Quem vê de Analia o semblante:»
Embora a virtude cante
Por triumpho extincto ardor,
Que em attentando o amador
N'um rosto mais que as leis forte,
Esquece-se da consorte,
«Julga ver a mãe de Amor.»

31

As settas, que Amor dispara,
Se as tu não tocas, são nada.

GLOSA

Branda maravilha rara,
Do orbe, cujo imperio gosas,
Tu fazes mais poderosas
«As settas, que Amor dispara:
Elle, que os deuses encara
Na estellifera morada,
Pende de ti, minha amada,
Em seu poder, sem escudo;
E as settas, que vencem tudo,
«Se as tu não tocas, são nada.»

32

Amor em Baccho se accende.

GLOSA

Salvè, divino liquor,
Com que a tristeza se acalma;
Tu és porção da minha alma,
Pois Baccho é parte de Amor:
Unido de ambos o ardor
Das angustias nos defende:
Quanto as ancêa, as offende,
Minha alma de si derrama;
Baccho em o amor se inflamma,
«Amor em Baccho se accende.»



33

Mimos, carinhos, finezas
Reuniu em ti Amor.

GLOSA

Maravilhas e extranhezas
Te deram as Graças bellas,
E vincularam com ellas
«Mimos, carinhos, finezas:
Eis, eis mil chammas accêzas
Em um, em outro amador;
Não, não cabem no louvor
Oh Lilia, os encantos teus:
Quanto em si reune um deus
«Reuniu em ti Amor.»

36

A minha antiga alegria
Bateu as azas, vôou.

GLOSA

Das vêas o sangue esfria,
O coração não descança,
Apenas trago á lembrança
«A minha antiga alegria:»
De mil glorias algum dia
Meu pensamento adornou;
Mas quando mais me encantou,
Quando a julguei mais segura,
Qual relampago a ventura
«Bateu as azas, vôou.»

37

A gloria d'este animal.

GLOSA

Deuses, que lá n'essa altura,
Que lá n'essa immensidade
Onde tudo é claridade,
Onde tudo é formosura,
Gosaes suprema ventura,
Á eternidade egual;
Quando a vista divinal
Vós lançaes ao mundo tosco,
Vereis hombrêa comvosco
«A gloria d'este animal.»

38

Amor depende de nós.

GLOSA

Amor tem summa grandeza,
Gosa innumero trophéo,
Tanto brinca com o céo,
Como co'a vil redondeza:
A deidade, e a natureza
Jámais a elle se oppoz;
Tudo escuta a sua voz,
Tudo a seu jugo é ligado;
Mas para ser adorado
«Amor depende de nós.»

39

Como vive quem não vive
Com quem deseja viver.

GLOSA

Depois que a desgraça tive
De perder a bella Armia,
Fiquei qual estatua fria,
«Como vive quem não vive:»
O céo da vida me prive,
O meu desejo é morrer;
Que se não pode soffrer
Da vida nem um instante,
Quando não vive um amante
«Com quem deseja viver.»

40

Os duros grilhões de Amor.

GLOSA

Vejo-te a face mimosa,
Porque a tanto Amor se attreve,
Vejo sorrir d'entre a neve
Uma rosa, e outra rosa:
Vejo-te a mão preciosa,
Que tem dos jasmins a côr;
Vejo-te o rosto inda em flor,
Que é iman do meu desejo,
E adoro, idolatro, beijo
«Os duros grilhões de Amor.»

41

Terá fim, mas não sei quando.

GLOSA

Socrates, rei da razão,
Empunha a fatal cicuta,
E da morte á extrema lucta
Não lhe treme o coração:
Supportou-lhe a gradação
Com um ar sereno, e brando:
Dos discipulos ao bando
Disse: «Eu morro, e não me queixo;
E a memoria, que vos deixo,
«Terá fim, mas não sei quando.»

42

A natureza premêa
Quem as suas leis adora.

GLOSA

Quanto o fanatismo odêa
Co'a voz, que altéra, e que engrossa,
Tanto a Natureza adoça,
«A Natureza premêa:»
Não quer alma fôfa, e cheia
D'uma ambição, que a devora;
Quer o amante, que a implora,
Que em pranto as faces alaga,
Acarinha, ameiga, afaga
«Quem as suas leis adora.»

43

Em amor não ha limite,
Todos fogem á razão.

GLOSA

Queres, Marilia, que evite
De amor o mui louco excesso?
Marilia, perdão te peço;
«Em amor não ha limite:»
Por mais que a razão me dicte
Sisuda moderação,
Vae sempre avante a paixão,
Buscando seu doce fim;
Os amantes são assim;
«Todos fogem á razão.»

44

De quanto é capaz Amor!

GLOSA

Lilia, sabe em theoria,
Para que discreta falles,
Quantos bens, e quantos males
Amor sobre a terra envia:
Conhece que a sympathia
É o principio motor
Do gosto, e do dissabor;
Mas, nympha d'alta excellencia,
Não saibas por experiencia
«De quanto é capaz Amor!»

45

Se Elmano geme de amor,
A sorte de Analia o manda.

GLOSA

Não é falta de favor,
Não penuria de caricias,
Não carencia de delicias,
«Se Elmano geme de amor:»
Elle já teve o penhor
Que os males todos abranda;
Venceu a inveja nefanda,
N'um bem, que não cede á morte,
E se chora a sua sorte
«A sorte de Analia o manda.»

46

A vida de um desgraçado
É peor do que morrer.

GLOSA

Carrancudo, horrivel Fado,
Numen feroz, iracundo,
De que te serve no mundo
«A vida de um desgraçado?»
É á morte comparado
O meu infausto viver;
Mas eis me sinto tremer,
Eis ouço voz desabrida,
Que diz—«Mentes, essa vida
«É peor do que morrer.»

47

Amor a amar nos convida,

GLOSA

Com dura, e branda cadêa,
Com facho activo, e suave,
De seus mysterios co'a chave
Amor entre nós voltêa:
Já deprime, já glorêa,
Já dá morte, já dá vida;
E n'esta incessante lida,
Que em si traz, que em si contêm,
Com o mal, e com o bem
«Amor a amar nos convida.»

48

Flagellam-me agros ciumes,
Tyrannos zelos me matam.

GLOSA

Todo sou dor, sou queixumes,
Ao que soffro não resisto,
Venenosa origem d'isto
«Flagellam-me agros ciumes:»
Da razão activos lumes
Elles soffocam, e empatam;
Os fios vitaes desatam;
Na essencia de infausto amante
Cheguei ao ultimo instante;
«Tyrannos zelos me matam.»



49

Caiam sobre mim os raios,
Se eu deixar de ser amante.

GLOSA

Venham ancias, e desmaios,
Quantos tem a Morte fera,
Rebenta a azulada esphera,
«Caiam sobre mim os raios:»
Faça Jove, faça ensaios
Do seu poder fulminante,
Cáia o fogo crepitante,
Que vem dos pólos eternos,
Converta-me nos infernos
«Se eu deixar de ser amante.»

50

Elmano por ti amado
Não teme o rigor da Sorte.

GLOSA

Se foi dos homens cantado,
Se teve louvor outr'hora,
Como ha de ficar agora
«Elmano por ti amado!»
Irá ter a um gráo sagrado
Accezo em almo transporte;
Não será subjeito á morte
Seu coração, seu talento;
E firme em tal pensamento
«Não teme o rigor da Sorte.»

51

Aonio, Jonio, e Elmano
São de Amor adoradores.

GLOSA

O fado, o Fado tyranno
Quiz feroz, quiz violento
Arrojar no esquecimento
«Aonio, Jonio, e Elmano:»
Eis o austero Desengano
Chefe dos deuses melhores,
Lhe diz: «São vãos teus furores,
Não lhe anniquillas a essencia,
Têm contra ti resistencia,
«São de Amor adoradores.»

52

Eu vi nos braços da Aurora
O sol tremendo com frio.

GLOSA

Se isto vae de foz em fora,
Tambem com luz diamantina
Vir raiando a matutina
«Eu vi nos braços da Aurora:»
Só me falta ver agora
O caranguejo de um rio,
Ver os effeitos do cio,
Cantar modas um macaco,
A lua a tomar tabaco,
«O sol tremendo com frio!»

53

Almas, vidas, pensamentos.

GLOSA

Calções, polainas, sapatos,
Persovejos, pulgas, piolhos,
Azeites, vinagres, môlhos,
Tigelas, pires, e pratos:
Cadellas, galgos, e gatos,
Pauladas, dores, tormentos,
Burros, cavallos, jumentos,
Naus, navios, caravellas,
Corações, tripas, moellas,
«Almas, vidas, pensamentos!»

54

A negra furia Ciume.

GLOSAS

Morre a luz, abafa os ares
Horrendo, espesso negrume,
Apenas surge do Averno
«A negra furia Ciume.»
Sobre um solio côr da noute
Jaz dos infernos o nume,
E a seus pés tragando brazas
«A negra furia Ciume.»
Crespas viboras pentêa,
Dos olhos dardeja lume,
Respira veneno, e peste
«A negra furia Ciume.»
Arrancando á Morte a fouce
Do buido, hervado gume,
Vem retalhar corações
«A negra furia Ciume.»

Ao cruel socio de Amor
Escapar ninguem presume,
Porque a tudo as garras lança
«A negra furia Ciume.»
Todos os males do inferno
Em si guarda, em si resume
O mais horrivel dos monstros,
«A negra furia Ciume.»
Amor inda é mais suave
Que das rosas o perfume,
Mas envenena-lhe as graças
«A negra furia Ciume.»
Nas azas do Amor voâmos
Do prazer ao aureo cume,
Porém de lá nos arroja
«A negra furia Ciume.»
Do ferreo calix da morte
Próva o funesto azedume
Aquelle a quem ferve n'alma
«A negra furia Ciume.»
Do escuro seio dos fados
Saltam males em cardume:
O peor é o que eu soffro,
«A negra furia Ciume.»
Dos immutaveis destinos
Se lê no idoso volume
Quantos estragos tem feito
«A negra furia Ciume.»



Amor inda brilha menos
Do que subtil vagalume,
Por entre as sombras, que espalha
«A negra furia Ciume.»

55

A minha Lilia morreu.

GLOSAS

Assim como as flores vivem
A minha Lilia viveu;
Assim como as flores morrem
«A minha Lilia morreu.»
Assomando o negro dia,
Ave sinistra gemeu;
Cumpriu-se o funesto agouro:
«A minha Lilia morreu.»
Desfallece, oh Natureza,
Accelera o fado teu;
Esta voz te guie ao nada:
«A minha Lilia morreu.»
Fadou-me o caso medonho
Vate, que nos astros leu;
Os vates são como os numes:
«A minha Lilia morreu.»

Que é do sol? Que é do universo?
Tudo desápparecceu;
Foi-se toda a Natureza:
«A minha Lilia morreu.»
A minha ventura, e Lilia
N'um só laço Amor prendeu:
Morreu a minha ventura,
«A minha Lilia morreu.»
Em parte da minha essencia
Minha essencia pereceu;
Não vivo senão metade:
«A minha Lilia morreu.»
Oh quanto ganhava o mundo!
Oh quanto o mundo perdeu!
Doce lucro, e triste perda!
«A minha Lilia morreu.»
Para exultar o universo
A minha Lilia nasceu;
Para os numes exultarem
«A minha Lilia morreu.»
Meu coração desgraçado,
Desgraçado porque és meu,
Evapora-te em suspiros:
«A minha Lilia morreu.»
As estrellas se apagáram,
A Natureza tremeu,
Os promontorios gemeram,
«A minha Lilia morreu.»



Disse, ao ver sereno effluvio,
Que o puro Olympo correu:
Aquella é a alma de Lilia,
«A minha Lilia morreu.»

56

Um coração como o meu.

GLOSAS

Milhares de maravilhas
Tem Jove em tudo o que é seu,
Mas não tem n'esse thesouro
«Um coração como o meu.
Déste, Amor, á minha amada
Um semblante como o teu:
Amor, porque lhe não déste
«Um coração como o meu?»

57

Instantes afortunados.

GLOSAS

Sacrifiquei á belleza
Meus dias, e meus cuidados;
Esperava em recompensa
«Instantes afortunados.»
Olhos da branda Marilia,
Olhos no céo fabricados,
Minha fé vos merecia
«Instantes afortunados.»
Mas com meus duros destinos
Impiamente conjurados,
Negaes á minha ternura
«Instantes afortunados.»
Ai de mim! Vós me pozestes
Na lista dos desgraçados,
Esquivando a meus suspiros
«Instantes afortunados.»

A morte negros momentos
Traz á mente dos malvados;
Dos justos conduz á mente
«Instantes afortunados.»
Vivei vós, que em vãos prazeres
Andaes na terra enlodados;
Que eu busco em globo sublime
«Instantes afortunados.»
Face a face encrosto os numes,
Revolvo arcanos dos fados;
Ha para os vates sómente
«Instantes afortunados.»
Quando no horror da desgraça
Vates estão sepultados,
Fabricam na phantasia
«Instantes afortunados.»
Tempo já Marilia bella
Me deu risonhos agrados;
Vinde a mim por ordem sua,
«Instantes afortunados.»
Marilia com mago riso
Me dá momentos dourados;
Ou tenha o tempo, ou não tenha
«Instantes afortunados.»
Momentos do teu desprezo
São momentos agourados,
E os instantes de teus mimos
«Instantes afortunados.»

Tens os thesouros do tempo
Em tens olhos apinhados;
Elle, a teu sabor, desprende
«Instantes afortunados.»
Quando lateja um sorriso
Em teu beiços nacarados,
Chovem c'roados de flores
«Instantes afortunados.»
Se nos teus braços morresse
Seriam por mim chamados
Os instantes da agonia
«Instantes afortunados.»
Quero comtigo os instantes
Mais tristes, mais enlutados;
Com outra, meu bem, não quero
«Instantes afortunados.»
Aprende nos teus favores
Quando dos cofres dourados
Extráe a mão da Ventura
«Instantes afortunados.»
Aquelle, que céos, e terra
Do nada tirou formados,
Foi maior quando creou
«Instantes afortunados.»

58

Instantes afortunados.

GLOSAS

Sou dos que não querem vida,
Sou dos mais desesperados:
Valei-me, instantes da morte,
«Instantes afortunados.»
São muito mais que momentos
Os momentos desgraçados,
São muito menos que instantes
«Instantes afortunados.»
D'entre os céos com alvas plumas
Lá nos seculos dourados,
Sobre a terra, Amor, trouxeste
«Instantes afortunados.»

Estes instantes volveram
Aos puros, Elysios prados:
Já nem a innocencia gosa
«Instantes afortunados.»
Sinto de sorte á tristeza
Meus desejos costumados,
Que nem cubiço, nem sônho
«Instantes afortunados.»

APÓLOGOS

1

O passarinho preso

Na gaiola empoleirado,
Um mimoso passarinho
Trinava brandos queixumes
Com saudades do seu ninho.
«Nasci para ser escravo,
(Carpia o cantor plumoso)
Não ha ninguem n'este mundo,
Que seja tão desditoso.
«Que é do tempo, que eu passava,
Ora descantando amores,
Ora brincando nos ares,
Ora pousando entre flores?
«Mal haja a minha imprudencia,
Mal haja o visco traidor;
Um raio, um raio te abraze,
Fraudulento caçador!

«Em que pequei? Por ventura
Fiz-te á seara algum mal?
Encetei, mordi teus fructos,
Como o damninho pardal?
«Agrestes, incultas plantas
Produziam meu sustento,
Inutil aos que se prezam
Do alto dom do entendimento...
«Do entendimento! Ah malignos!
Vós, possuindo a razão,
Tendes de vicios sem conto
Recheado o coração.
«Ah! Se a vossa liberdade
Zelosamente guardaes,
Como sois usurpadores
Da liberdade dos mais?
«O que em vós é um thesouro,
Nos outros perde o valor?
Destróe-se o jus do opprimido
Pela força do oppressor?
«Não tem por base a justiça,
Funda-se em nossa fraqueza
A lei, que a vós nos submette,
Tyrannos da Natureza.
«Em offensa das deidades,
Em nosso damno abusaes
Da primazia, que tendes
Entre os outros animaes.

«Mas ah triste! Ah malfadado!
Para que me queixo em vão?
Que espero, se contra a força
De nada serve a razão?»
Aqui parou de cançado
O volatil carpidor;
Eis que vê chegar da caça
O seu barbaro senhor.
Trazia encostado ao hombro
O arcabuz fatal, e horrendo,
E alguns passaros no cinto,
Uns mortos, outros morrendo.
Das penetrantes feridas
Ainda o sangue pingava,
E do cruento verdugo
As curtas vestes manchava.
O preso vendo a tragedia,
Coitadinho, estremeceu,
E de susto, e de piedade
Quasi os sentidos perdeu.
Mas apenas do soçobro
Repentino a si tornou,
C'os olhos nos seus finados
Estas palavras soltou:
«Entendi que dos viventes
Eu era o mais infeliz:
Que outros tem peor destino
Aquelle exemplo me diz.

Se, vendo as prêas, não tinha
O valor de arremetter,
Ao menos, depois de mortas,
N'ellas entrava a roer.
Contemplando o fero mestre
No pervertido animal
Os progressos, que fazia
A sua eschola brutal,
De prazer, e de vaidade
Lhe pulava o coração,
E tinha á sua educanda
Cada vez mais affeição.
Mas um dia em que esfaimado
Saíu com ella caçar,
Nem rasto do que buscava
Pôde ao menos encontrar.
Montes, valles, bosques, tudo
Farejou, subiu, correu;
Em fim, só farto de vento,
Na cova se recolheu.
Cozeu-se á terra esfalfado,
E depois que repousou
Para a debil companheira
Os crueis olhos lançou.
«Que! (disse o mau lá comsigo)
Não ha soffrimento egual!
Hei de curtir esta angustia,
E morrer por ser leal!

«A natureza me instiga,
E devo dar-lhe attenção:
Está primeiro que tudo
A propria conservação.
«Tu, virtude, és attributo
Dos homens, dos racionaes;
Não me pertences: eu sigo
Meu instincto, e nada mais.»
N'isto, veloz como um raio,
Co'a pobre ovelha investiu,
E logo dentes, e garras
Nas entranhas lhe sumiu.
Com trémula voz pergunta
Ao desleal a infeliz:
«Porque me tiras a vida,
Ingrato, que mal te fiz?
«Que lei o rigor te ordena
A que eu motivo não dei?»
E elle sofrego responde:
«Tenho fome, a fome é lei.»
D'esta arte cevando a furia,
Não cessou de lacerar,
E, antevendo alguma urgencia,
Os ossos nús foi guardar.
Vêde, mortaes, n'este exemplo,
Exemplo cheio de horror,
O que produz a alliança
De um perverso, de um traidor.

Se os maus tiverdes por socios,
Em fico que os imiteis,
E que lobos d'esta casta
Ou cedo, ou tarde encontreis.

3

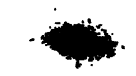
O amante e a borboleta

Na solidão da alta noute
Que céos, e terra enlutava,
Lauro em seu curto aposento
Ao somno os olhos negava.
Em meza, d'onde esparzia
Candida vela o clarão,
Apoiava os frouxos braços,
E a turva face na mão.
Tinha absorto o pensamento
Nos motivos do seu mal,
Nos desprezos de uma ingrata,
Nas venturas de um rival.
De quando em quando arrancava
Das entranhas vãos queixumes,
Já pedindo a Amor vingança,
Já pedindo a morte aos numes.

Leve borboleta em tanto
Por entre os crebros suspiros,
Junto do lume ondeante
Vaguêa em rapidos giros.
Eil-a de espaço em espaço
Roçando a flamma luzente:
Dóe-se, mas que evite o damno
Cégo instincto não consente.
Cevando o fatal desejo,
Que á crua morte a conduz,
Vae, e vem, vôa, e revôa
Embellezada na luz.
Susurro, que faz co'as azas,
Quando n'ella a simples cáe,
Os olhos amortecidos
Do terno mancebo attrae.
Olha o triste, e vê o effeito
Da luminosa negaça,
Contempla o crestado insecto,
Que já languido esvoaça.
Dôr de o ver n'aquelle estado
Lhe penetra o coração:
Quem ama, franquêa o peito
Facilmente á compaixão.
«Onde vás, louca teimosa?
(Grita-lhe elle) encolhe as azas,
Torna em ti; não vês, não sentes
Que o destroes, que te abrazas?»

—«E tu com que jus (diz ella)
Me increpas porque me mato?
Ah! Se em teu siso estivesses,
Viras em mim teu retrato.
«Se te expões qual eu me exponho,
Se no mesmo caso estás,
Insano, porque não tomas
O conselho, que me dás?
«Eu, e tu victimas somos
Da mais funesta loucura,
E esquecemos o perigo,
Pasmados na formosura.
«Ardes n'uns olhos, que adoras;
Eu n'esta luz, que contemplo;
Argue-te, ou não me arguas,
Emmudece, ou dá-me exemplo.»
Proficua moralidade
Deve extraír-se d'aqui:
Ninguem reprove nos outros
O que não reprova em si.

Como o céo te fez ditoso!
Que linda prenda é a tua!
Que voz! Que dom milagroso!»
Não tendo astucia, que sonde
O projecto, que o malvado
Nas vis entranhas esconde,
Já da lisonja tentado,
O passarinho responde:
« Sejas bem vindo, que assás
Afortunado me acclamo
Em ver que attenção me dás;
Pousa aqui sobre este ramo,
E a teu commodo ouvirás.»
—« Vamos, de novo começa,
Que a teus sons o ouvido applico...»
Torna o corvo, e se arremessa,
E no torto, negro bico
O pobresinho atravessa.
Elle em tamanha afflicção
Entra a carpir-se da Sorte,
E ao invejoso glotão
Diz, sentindo já da morte
As ancias, a convulsão:
« Que fiz, que te obrigue a tanto?
Meigos amores suaves
Em doces versos eu canto:
Eu sou a gloria das aves,
Eu sou dos bosques o encanto.»



D'esta arte pediu favor
O melhor dos passarinhos,
Porém foi vão seu clamor,
Que, moendo-lhe os ossinhos,
Assim gagueja o traidor:
«Simples, vaidoso, insensato!
Devias ser mais remisso
Em produzir teu retrato:
Não te defendes com isso,
Que por isso é que eu te mato.»

5

As damas e a borboleta

Batendo as azinhas leves,
Matizadas de mil côres,
Ia veloz borboleta
Libar o succo das flores.
Anhelante, cubiçosa,
Vôou a ameno jardim,
E a flor, que tocou primeiro,
Foi o candido jasmim.
Da bonina côr de neve
Esquivou-se, desdenhosa,
Practicando egual desprezo
Co'a fragrante, idalia rosa.
Sobre insipido, amarello
Malmequer em fim pousou,
E n'elle o vivo appettite
A mitigar começou.

Não longe d'ali jaziam
Duas mimosas donzellas,
Taes que, a serem tres, seriam
De Venus as filhas bellas.
Tendo seguido co'a vista
Os vôos do lindo insecto,
Uma d'ellas para a outra
Disse com iroso aspecto:
« Olha a brutinha! Bem mostra
De razão não ser dotada;
Deixa o jasmim, deixa a rosa,
E do malmequer se agrada! »
Ouviu isto a borboleta,
Fitou-lhe os olhos, e assim
Co'a voz, que teve algum dia,
Perguntou: — « Fallaes de mim?
Suppondes extravagante
A escolha, que tenho feito?
Ah vaidosas! Que não vêdes
Vosso principal defeito!
« Despi, loucas, o amor proprio,
E depois conhecereis
Que fallaes contra vós mesmas
No que contra mim dizeis.
« Quem faz mais errada escolha
Que a mulher? Sendo a melhor
De todas as creaturas,
Sempre se inclina ao peor;

« E só nutre, só conserva
Amor firme, ardente, e liso
Se encontra no objecto d'elle
O nome da flor, que pizo. »

6

O leão vencido pelo homem

(Traduzido de Lafontaine)

Poz-se em venda uma pintura,
Onde estava figurado
Leão de enorme estatura,
Por mãos humanas prostrado.
Mirava a gente com gloria
O painel; eis senão quando
Um leão, que ía passando,
Lhe diz: « É falsa a victoria.
« Deveis o triumpho vosso
Á ficção, blasonadores;
Com mais razão fôra nosso,
Se os leões fossem pintores. »

7

A raposa e as uvas

(Traduzido do mesmo)

Contam, que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu rôxos, maduros cachos
Pendentes de alta latada.
De bom grado os trincaria;
Mas, sem lhes poder chegar,
Disse: «Estão verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar.»
Eis cáe uma parra, quando
Proseguia o seu caminho;
E crendo que era algum bago
Volta depressa o focinho.

8

O corvo e a raposa

(Traduzido do mesmo)

É fama que estava o corvo
Sobre uma arvore pousado,
E que no sofrego bico
Tinha um queijo atravessado.
Pelo faro áquelle sitio
Veiu a raposa matreira,
A qual, pouco mais ou menos,
Lhe fallou d'esta maneira:
«Bons dias, meu lindo corvo;
És gloria d'esta espessura:
És outra phenix, se acaso
Tens a voz, como a figura.»
A taes palavras o corvo
Com louca, estranha afouteza,
Por mostrar que é bom solfista
Abre o bico, e sólta a presa.

Lança-lhe a mestra o gadenho,
E diz: «Meu amigo, aprende
Como vive o lisonjeiro
Á custa de quem o attende.
«Esta lição vale um queijo,
Tem d'estas para teu uso.»
Rosna então comsigo o corvo
Envergonhado, e confuso:
—«Velhaca! Deixou-me em branco,
Fui tolo em fiar-me d'ella;
Mas este logro me livra
De cair n'outra esparrella.»

9

A cigarra e a formiga

(Traduzido do mesmo)

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o verão,
Achou-se em penuria extrema
Na tormentosa estação.
Não lhe restando migalha,
Que trincasse, a tagarella
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto d'ella.
Rogou-lhe, que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza, e brio,
Algum grão, com que manter-se
Té voltar o accezo estio.
«Amiga (diz a cigarra)
Prometto á fé de animal
Pagar-vos antes de Agosto
Os juros, e o principal.»

A formiga nunca empresta,
Nunca dá, por isso ajunta:
— «No verão em que lidavas?»
Á pedinte ella pergunta.
Responde a outra: «Eu cantava
Noute e dia, a toda a hora.»
«Oh bravo! (torna a formiga)
Cantavas? Pois dança agora.»

10

A montanha, que pare

(Traduzido do mesmo)

Começou a berrar com dôr de parto
Certa montanha, e fez tamanho estrondo,
Que acudiu muita gente, a qual suppondo
Que d'ali nasceria uma cidade
Maior do que París, eis nasce um rato.
Quando por esta fabula discorro,
E observo que o sentido é verdadeiro,
Logo se me afigura auctor inchado,
Que diz: «Eu cantarei a horrivel guerra,
    Com que os filhos da terra
Sacrilega invasão nos céos tentaram,
    E a Jove assoberbaram.»
Promette grandes cousas, cousas bellas;
        Que produz? — Bagatellas.

11

O leão velho

(Traduzido do mesmo.

Decrepito o leão, terror dos bosques,
E saudoso da antiga fortaleza,
Viu-se atacado pelos outros brutos,
Que intrepidos tornou sua fraqueza.
Eis o lobo c'os dentes o maltracta,
O cavallo c'os pés, o boi co'as pontas,
E o misero leão, rugindo apenas,
Paciente digere estas affrontas:
Não se queixa dos fados; porém vendo
Vir o burro, animal de infima sorte,
« Ah vil raça! (lhe diz) morrer não temo,
Mas soffrer-te uma injuria é mais que morte. »

12

O leão caçando com o burro

(Traduzido do mesmo)

Fez annos o leão, quiz ir á caça,
E a d'elle não costuma ser escaça:
Não consiste em pardaes, em bagatellas,
Mas em bons javalis, e em corças bellas.
O rei dos bosques próvido, e discreto,
Para sortir effeito o seu projecto,
Chama o burro, animal de voz não fina,
E o burro vai servir-lhe de bozina.
Elle ao posto o conduz, cobre-o de ramos,
Ordena-lhe que zurre, e a seus reclamos
Crê que inda os mesmos brutos, que dão provas
De atroz braveza, fugirão das covas.
Não era aquella tropa ainda usada
Ao fragor de asinina trovoada:
No ar o espantoso orneio em fim resôa,
Vaga o terror, e as grutas despovôa:

Tremendo, a turba agreste alonga o passo;
Foge tudo, e fugindo, eis cáe no laço,
Onde os espera a garra penetrante.
«Então, que tal, que tal? Não sou chibante?»
(Diz o burro ao leão, co'a fronte alçada,
Arrogando-se a gloria da caçada.)
—«Trôas (volta o leão) trôas deveras,
E se não conhecesse quem tu eras,
Eu mesmo com teus zurros me assombrava.»
O burro, se podesse, resmungava,
E tinhamos harenga, inda que havia
Motivo para aquella zombaria;
Pois quem ha de soffrer, quieto, e mudo
Que um, que não vale nada, arrote em tudo?
Quem soffrerá que audacia o burro affecte?
Caracter fanfarrão não lhe compete.

13

O cão e a cadella

Tinha de uma cadella um cão fome canina,
Elle bom perdigueiro, ella de casta fina:
Mil foscas lhe fazia o terno maganão,
Mas gastava o seu tempo, o seu carinho em vão.
Dando no chichisbéo dentada, e mais dentada
A femea parecia uma cadella honrada,
E incapaz de ceder ás pretenções de amor:
Mas o amante infeliz em fim foi sabedor
De que a mesma em que via acções tão desabridas
Era co'um torpe cão fagueira ás escondidas.
Se és sagaz, meu leitor, talvez que tenhas visto
Cadellas de dous pés, que tambem fazem isto.

14

O corvo e o pavão

Passeando o pavão com ufania,
É fama que dissera ao corvo um dia:
«Repara quanto devo á natureza,
Olha que lindas côres, que viveza!
Que adorno, que matiz! Olha este rabo!
Em mim não ha senão; e tu, diabo,
Negro como um carvão, como um bisouro,
Inda és, de mais a mais, ave de agouro!»
O corvo, que na lingua não tem papas,
Lhe responde: — «Essas pennas são mui guapas;
Mas, para refrear teu desvario,
Observa d'essas pernas o feitio.»
Ainda (quem dará credito a isto?)
As pernas o pavão não tinha visto;
Mas que muito, se ha gente, e gente grave,
Que em seus olhos não vê nem uma trave?

15

O cão de fralda e a raposa

N'um dos pés arranhado um cão fraldeiro
Temeu chegar ao transe derradeiro;
O medico chamou, poz-se de cama,
E a dor encareceu como uma dama;
(Porque n'este melindre, ou n'esta balda,
Uma dama equivale a um cão de fralda.)
Era então a raposa arteira, e fina,
Entre os brutos doctora em medicina.
Entrou n'um passo grave, um ar sisudo,
E em tom de quem dizia:—Eu saro tudo!—
Tendo-lhe visto o pé, que lhe doía,
Perguntou ao doente o que sentia.
Depois de se esfalfar com fofa prosa,
Concluiu: «A doença é perigosa;
Mas hei de conseguir a grande empreza
De ajudar, ou vencer a natureza.»
É certo que logrou tão alta sorte,
É certo que a venceu, mas foi co'a morte.

Tendo emplastros, e purgas decretado,
E com mil beberagens misturado
Mil graves aphorismos de Avicena,
Ou de Averroes, seguiu-se-lhe a gangrena,
Que tornando mortal a arranhadura,
O cãosinho encaixou na sepultura.
Assim que o duro medico feroz
O mandou visitar a seus avós,
Sem pejo, sem temor, sem pranto, ou ais,
A paga foi pedir aos tristes paes.
Clamaram: — Inda a terra te não traga!
O filho nos mataste, e queres paga!... »
— Que! responde a raposa, Ora essa é bella!
E o trabalho, que eu tive, é bagatella?
Dar vida não está na nossa mão;
Tanto nos rende o morto como o são. »

16

O macaco declamando

Um mono, vendo-se um dia
Entre brutal multidão,
Dizem lhe deu na cabeça
Fazer uma prégação.
Creio que seria o thema
Indigno de se tractar;
Mas isso pouco importava,
Porque o ponto era gritar.
Teve mil vivas, mil palmas,
Proferindo á bocca cheia
Sentenças de quinze arrobas,
Palavras de legua e meia.
Isto acontece ao poeta,
Orador, e outros que taes:
Nescios o que entendem menos
É o que celebram mais.

17

Os dous burros e o mono

Um burro lançado á margem
Ostentava de talentos;
Moía um seu camarada,
Exemplar dós pachorrentos.
Zurrando conceitos graves,
Como quem falla, e não pensa,
Cumpria o rifão do vulgo
—Tal cabeça, tal sentença.—
O trombudo companheiro
A longa orelha abaixando,
Sem lhe responder palavra
Ia ouvindo, ia pastando.
«És bruto! Não me respondes?
(Diz o orelhudo doctor)
«Envergonho-me de sermos
Eguaes na fórma, e na cor.»

Extranhando-lhe a basofia
Um mono dos mais astutos,
Que n'uma arvore trepado
A alliviava dos fructos,
Co'uma gargalhada exclama:
«Não verão quem alardêa!
Burro com fumos de mestre!
Isto é cousa, que se creia!
«Não zombes d'esse coitado,
Faz bem em não responder:
Um tolo só em silencio
É que se póde soffrer.»

18

Os cães domesticos e o cão montanhez

Affirma escriptor antigo
Que lá n'um grande sertão
Tres cães perdidos na caça
Viram sósinho outro cão.
Que este era côr de azeviche,
Aquell'outros côr de neve
(Porque isto faz muito ao caso)
Primeiro notar-se deve.
Nascêra de lãs forrado
O tal cão, e era montez:
Tinham pello muito fino,
E eram da cidade os tres.
Um d'elles, o mais disposto
A fazer qualquer aggravo,
Disse para o bom camponio:
«Oh amigo, és nosso escravo.»

Ao som do termo affrontoso
Que os ouvidos lhe offendeu,
O rustico alçou a orelha,
Rosnou, e se enfureceu.
Queria lançar-se a elles,
Mas tinha ouvido uma vez:
—Nem Hercules contra dous,
E inda menos contra tres.—
Em fim, co'um ar espantado
Lhes disse o pobre lapuz:
«Eu captivo! Porque crime?
Vós senhores! Com que jus?»
O valentão já citado
Dá um pulo, e de repente
Ao miseravel responde,
Arreganhando-lhe o dente:
«O nosso jus é a força,
O teu delicto é a cor.»
De homens pretos, e homens brancos
Cuido que falla este auctor.

———

19

O lobo, a raposa e a ovelha

Estando o lobo doente
Sem se poder arrastar,
E em necessidade urgente
De exercer, de ensanguentar
O rijo, faminto dente:
Ao ver entrar pela gruta
A raposa a visital-o,
Lhe disse: «Ai comadre astuta!
A' mingoa esmoreço, estálo,
A fome commigo lucta.
«Tu conheces a amisade
Com que ha dous annos te trato:
Vale-me por caridade,
Vae buscar por esse matto
Allivio á minha anciedade.»

—«Eu vou cuidar no teu bem»
Respondo o falso animal,
E parte; menos porém
Para livral-o do mal,
Que para o fazer a alguem.
De serra em serra caminha,
Até que vê desgarrada
Uma innocente ovelhinha;
«Topar-te (diz a malvada)
Foi teu bem, e é gloria minha.
«Crê que a raposa não manga,
Sou de ingenua condição;
Nenhum vivente me zanga;
Todos amo, á excepção
De gallo, gallinha, ou franga.
«Tanto, amiga, póde em mim
O dó de expostas vos vêr
Aos crueis lobos, que vim
Felizmente hoje a obter
De vossos males o fim.
«Dos lobos o rei voraz
Quasi em artigos de morte,
Carpiu suas acções más;
E com piedoso transporte
Jurou ás ovelhas paz.
«Fez este promettimento
Por si, e seus adherentes;
Não receies fingimento;

Personagens eminentes
Não fazem vão juramento.
«Agora pede a razão,
Quer da cortezia o termo,
Que venhas sem dilação
Visitar o illustre enfermo
Em signal de gratidão.
«A sua cova não dista
Muito aqui d'este logar,
D'aquelle outeiro se avista:
Toca pois a caminhar,
Vem tu seguindo-me a pista.»
Aquillo, que se deseja,
Quão facil se conjectura!
A ovelha de gosto arqueja,
E, graças dando á ventura,
Vai seguindo a malfazeja.
Entram por aquelle horror,
E a conductora ladina
Vendo da ovelha o terror,
Lhe disse: «Chegae, menina,
Beijae a pata ao senhor.»
A repugnancia vencendo
Com bem custo a coitadinha,
E callada extremecendo,
Pouco a pouco se avisinha
Ao bruto feroz, e horrendo.

Vibrando os olhos scentelhas,
O tyranno lhe afferrou
Dente, e garra entre as orelhas:
D'esta arte se confirmou
A paz dos lobos, e ovelhas.
Ingenuo, tem conta em ti!
No mundo ha muitos enganos,
Eu o sei, porque os soffri:
Os bons padecem mil damnos
Julgando os outros por si.

20

O tigre e a doninha

Pezou sempre o beneficio
Porque a vaidade offendeu,
Principalmente se um grande
De um pequeno o recebeu.
Lembra-me agora uma historia
Succedida entre animaes,
Uma historia, que se applica
Bellamente aos racionaes:
Ia um tigre muito ufano,
Fiado na garra e preza,
Crendo que a tudo excedia
No reino da natureza.
D'esta idéa hallucinado
Incauta planta foi pôr
Em perfida rede, armada
Por experto caçador.

Preso, lucta sem proveito,
Tenta em vão desenlear-se,
Lida, revolve-se o bruto,
E o que faz é apertar-se.
Estancando-se-lhe as forças,
Perdida em fim a esp'rança,
Céssa, e do peito raivoso
Horrendos bramidos lança.
Ao tempo que elle arquejava,
Por aquelle sitio vinha
Demandando agrestes fructos
A leve, experta doninha.
Estremece, ouvindo o monstro
Envolto na rede urrar;
Foge, porém curiosa
Põe-se de longe a olhar.
O tigre, que a vê, que sabe
Quanto é versada em roer,
Despe a soberba, e lhe roga
Que o venha ali soccorrer.
Tanto adoça o tom pezado
Da rude, extrondosa voz,
Que segura a desprendel-o
Parte a doninha veloz.
Affinca o subtil dentinho
No tenaz, urdido laço;
Roe aqui, roe acolá,
E o desfaz em breve espaço.

Livre das prisões apenas
A fera ingrata, e medonha,
Do que deve ao pequenino
Fraco animal se envergonha:
E acceza em feroz orgulho,
Carregando-se na fronte
(Com receio de que a triste
O caso nas selvas conte)
Deita-lhe a garra damnosa,
A debil vida lhe extráe....
Ninguem acuda ao malvado,
Se no precipicio cáe.

21

Os dous cães

Tinha dous cães perdigueiros
Certo moço caçador,
Um excellente no faro,
Outro no feitio, e cor.
Aquelle pela esperteza
Do prompto, do agudo olfato
A rola, a perdiz sumida
Desencantava no matto;
E apenas soando o tiro
Caía a caça no chão,
Com pasmosa ligeireza
Do dono a trazia á mão.
O segundo inerte, e molle,
Que o primeiro acompanhava,
Por costume, ou arremedo,
Não por genio farejava.

Té as aves muitas vezes
Ao venatorio ruido
D'entre os pés lhe rebentavam,
E não as tinha sentido.
Mas, sendo incapaz, ao socio
Excedia na ventura,
E o nescio donmo prezava
Mais que o prestimo a figura.
Assim succede, leitores,
A um sem-sabor Narciso,
N'uma assembléa com outro
De má cara, e bom juizo
Diz um d'ali: «Este amigo
É de graça e prendas cheio:»
Respondem a isto as damas:
—«Apre lá! Que homem tão feio!»
Diz outro: «Aquelle peralta
Põe mil asneiras n'um dicto:»
Acodem logo as meninas:
—«Que importa, se é tão bonito?»

22

O elephante e o burro

No tempo em que inda fallavam
Os animaes como a gente,
É tradição que tiveram
Conferencia em caso urgente.
O burro, que não sei como
Se introduziu no conselho,
Quiz, fingindo-se estadista,
Tambem metter seu bedelho.
Eis n'um tom, que diferia
Bem pouco do que hoje é zurro,
Foi revolvendo a questão,
Discreteou como um burro.
Depois de lhe ter ouvido
Alguns conceitos de arromba,
O carrancudo elephante
Lhe disse, torcendo a tromba:

«Esse tempo, que tens gasto
Inutilmente em clamar,
Insensato, não podias
Aproveital-o em pastar?
«Vens affectar eloquencia,
Animal servil, e abjecto!
Um tolo nunca é mais tolo
Que quando quer ser discreto.»

23

A mona e o filho

Mona tão horrorosa, ou mais do que o diabo,
Com callos o trazeiro, e sem cabello o rabo,
N'um moninho brincão, que tinha dado ao prelo,
Cegamente empregava o maternal desvelo;
E era a sua ternura, o seu amor tão fino,
Que nunca d'entre as mãos largava o pequenino.
Se alguma sua amiga ia fazer-lhe festa,
Dizia-lhe: «Não, não, deixe-m'o, que o molesta!...»
Se lhe pegava ao collo até o proprio pae,
A mãe gritava logo: «Ai! Não m'o esmagues, ai!...»
E com mimo importuno a rustica entretanto
Ao tenrinho animal desafiava o pranto,
Pois em beijo, e mais beijo, abraço, e mais abraço
Anciava, opprimia o filho a cada passo,
E um dia o abraçou com tal contentamento,
Que no apertão fagueiro elle exhalou o alento.
Tal (me diz a experiencia) é o zeloso amante;
Por amor importuna, enfada a cada instante;
O que quer para si do mesmo sol recata,
Por amor atormenta, e até ás vezes mata.

24

O papagaio e a gallinha

Loquaz papagaio
Seccava a goela,
Soltando mil gritos
A uma janella.
Olhou para a rua
Por onde vagava
Gallinha de pôpa
Que depinicava:
Na lingua das aves
Co'um ar superior
Lhe deu estes chascos
O vão palrador:
«Devéras, visinha,
Que pódes campar,
Co'a prenda galante
De cacarejar!

«Deixando ironias,
Sempre és cousa pouca,
Não tens outro chiste
Senão essa touca.
«Depois de defunta
Só causas prazer;
Para te comerem
Te dão de comer.
«Eu em alma, e corpo
Sou ave excellente;
Não pasmas de ouvir-me
Fallar como a gente?»
— «Não pasmo (responde
Dos gallos a amiga)
Villão, carioca,
Mordaz de uma figa.
«Da lingua, que allegas,
Basofia concebes?
Que importa que a falles,
Se não a percebes?
«Com isto te abates
No meu parecer;
Os tolos só dizem
O que ouvem dizer.»

25

A macaca

Nos serros do Brazil diz certo auctor que havia
Uma namoradeira, uma sagaz bugia.
Milhões de chichisbéos pela taful guinchavam,
E por não terem aza o rabo lhe arrastavam.
Qual, caindo-lhe aos pés, de amores cego e louco
Nas cabelludas mãos lhe apresentava um côco;
Qual do assucar brilhante a summarenta canna,
E qual um ananaz, e qual uma banana.
Ella com riso astuto, ella com mil caretas
Lhe entretinha a paixão, lhe ia dourando as petas;
Os olhos requebrava ao som de um suspirinho:
A todos promettia o mais fiel carinho,
E se algum lhe rogava especial favor
Á terna petição dizia: «Sim, senhor:»
Mas com muita esperança o fructo era nenhum,
E os pobres animaes ficavam em jejum.
Leitores, ha mulher tão déstra, e tão velhaca,
Que n'isto lhe não ganha inda a melhor macaca.

26

O leão e o porco

O rei dos animaes, o rugidor leão
Com o porco engraçou, não sei porque razão.
Quiz empregal-o bem para tirar-lhe a sorna;
(A quem torpe nasceu nenhum enfeite adorna).
Deu-lhe alta dignidade, e rendas competentes,
Poder de despachar os brutos pretendentes,
De reprimir os maus, fazer aos bons justiça,
E assim cuidou vencer-lhe a natural preguiça;
Mas em vão, porque o porco é bom só para assar,
E a sua occupação dormir, comer, fossar.
Notando-lhe a ignorancia, o desmazelo, a incuria,
Soltavam contra elle injuria sobre injuria
Os outros animaes, dizendo-lhe com ira:
«Ora o que o berço dá, sómente a cova o tira!»
E elle, apenas grunhindo a vilipendios taes,
Ficava muito enchuto. Attenção n'isto, oh paes!
Dos filhos para o genio olhae com madureza;
Não ha poder algum, que mude a natureza:
Um porco ha de ser porco, inda que o rei dos bichos
O faça cortezão pelos seus vãos caprichos.

27

Os dous gatos

Dous bichanos se encontraram
Sobre uma trapeira um dia:
(Creio que não foi no tempo
Da amorosa gritaria).
De um d'elles todo o conchego
Era dormir no borralho;
O outro em leito de senhora
Tinha mimoso agasalho.
Ao primeiro o dono humilde
Espinhas apenas dava;
Com exquisitos manjares
O segundo se engordava.
Miou, e lambeu-o aquelle
Pelo vêr da sua casta;
Eis que o brutinho orgulhoso
De si com desdem o affasta.

Aguda unha vibrando
Lhe diz: «Gato vil e pobre,
Tens similhante ousadia
Comigo, opulento, e nobre?
«Cuidas que sou como tu?
Asneirão, quanto te enganas!
Entendes que me sustento
De espinhas, ou barbatanas?
«Lógro tudo o que desejo,
Dão-me de comer na mão;
Tu lazéras, e dormimos
Eu na cama, e tu no chão.
«Poderás dizer-me a isto
Que nunca te conheci;
Mas para vêr que não minto
Basta-me olhar para ti.»
—«Ui! (responde-lhe o gatorro,
Mostrando um ar d'extranheza)
És mais que eu? Que distincção
Poz em nós a Natureza?
«Tens mais valor? Eis aqui
A occasião de o provar.»
«Nada (acode o cavalheiro)
Eu não costumo brigar.»
—«Então (torna-lhe enfadado
O nosso villão-ruim)
Se tu não és mais valente,
Em que és sup'rior a mim?



«Tu não mias?» — «Mio.» — «E sentes
Gosto em pilhar algum rato?»
«Sim.»—«E o comes?»—«Oh! Se o como!...»
«Logo não passas de um gato.
«Abate, pois, esse orgulho,
Intractavel creatura:
Não tens mais nobreza que eu;
O que tens é mais ventura.»

28

O rouxinol, o cuco e o burro

Um cuco e um rouxinol
Tiveram grave disputa
Sobre quem melhor cantava,
Qual tinha voz mais arguta.
Junto das aves o bando,
Todas ellas mui picadas,
Fizeram que se calasse
O basofio com risadas.
Elle, pois, injuriado
«Apostem (diz) ou se calem;
E para se convencerem
Ambos ouçam, logo fallem.»
O partido era prudente,
E conforme á sã razão;
Nenhum outro poderia
Melhor solver a questão.

Um juiz foi necessario
A pró de todos eleito;
Entre os burros vão buscal-o,
Dos burros o mais perfeito.
Obteve o cantor dos bosques
No cantar a primazia,
E soltando a voz do peito
Mil requebros repetia.
Depois que atroou os áres
Alumno digno de Orphêo,
Parou, e logo o logar
Ao seu contrario cedeu.
Começa o cuco a cantar
Seu «cucu» que mais não diz,
Esp'rando por fim a palma
Alcançar do seu juiz.
Feita a prova, o burro então
Esta sentença profere:
«É melhor cantar o cuco,
A philomela prefere.»
Da fabula o documento
Mostra bem que as decisões
Quasi sempre assim são dadas
Por juristas asneirões.

ADIVINHAÇÕES

1

Bem que pareço a verdade,
Tórno a verdade illusão:
Quereria o mesmo Apelles
Ter a minha perfeição.

2

De meu nome no comêço
Inculco ser principal;
No resto em sombra esmoreço,
E com meu nome total
Ainda a sombra apeteço.

3

Que é de mim tudo coberto
Em parte de mim se entende;
N'outra parte a vida expérto,
E se inteiro alguem me offende,
Morre meu dono de certo.

4

Haver em mim luzimento
Depende de qualquer mão;
Engulo, e não me alimento,
Porque extranhos, que sustento,
Comem tudo o que me dão.

5

Sendo insensivel, de um bruto
Uso andar acompanhada;
E sendo sensivel, fui,
Ou sou co'um homem ligada.

6

Quem me observa, e quem m'escuta
Diversas cousas me crê:
Sou imperfeita a quem me ouve,
Sou perfeita a quem me vê.

7

Amam-se tanto nas sombras
Quanto na luz se enfastiam;
Em mim acabam-se muitos,
Muitos em mim principiam.

EPIGRAMMAS

1

Pediu pelo amor de Deus
Dez reis um mendigo a um nobre:
Respondeu-lhe o cavalheiro:
«Que nunca trazia cobre.»
Eis por «excellencia» o triste
Supplica nova começa;
Enternece-se o fidalgo,
Põe-lhe nas mãos uma peça.

2

Dizem que o Caldas glotão
Em Bocage afferra o dente:
Ora é forte admiração
Ver um cão morder na gente!

3

Concluiu pintor famoso
Um certo retrato humano,
E a taful sequaz de Apollo
O foi mostrar muito ufano.

Para o painel apontando
Lhe disse: «Amigo, que tal?
Deveis gabal-o, que vós
Conheceis o original.
«Foi ditosa a pincelada;
Nunca retratei tão bem,
Nunca pintei como agora!..»
Pergunta o poeta: — «A quem?»

4

Um chapado, um retumbante
Coriphêo de medicina
Certa menina adorava,
E adoeceu-lhe a menina.
Eis para cural-a o chamam,
Pela alta fama que tem:
Geme o doctor, e responde:
«Não vou, que lhe quero bem.»

5

Levando um velho avarento
Uma pedrada n'um olho,
Pôz-se-lhe no mesmo instante
Tamanho como um repolho.

Certo doctor, não das duzias,
Mas sim medico perfeito,
Dez moedas lhe pedia
Para o livrar do defeito.
«Dez moedas! (diz o avaro)
Meu sangue não desperdiço:
Dez moedas por um olho!
O outro dou eu por isso.»

6

Lavrou chibante receita
Um doctor com todo o esmero;
Era para certa moça,
Que ficou sã como um pero.
«Tão cedo! É milagre!» (assenta
A mãe, que de gosto chóra)
— «Minha mãe, não é milagre,
Deitei o remedio fora.»

7

Um homem, que toda a vida
Passou fomes por querer,
Co'a muita debilidade
Poz-se em termos de morrer.

Doctor, que de graça o via,
E co'a doença atinava,
Off'receu-lhe uns certos doces,
Para ver se o melhorava.
«Obrigado (eis lhe responde
O enfermo, estendendo a mão)
Dê cá... Bom será guardal-os
Para maior precisão.»

8

Estando enfermo um poeta
Foi visital-o um doctor,
E em rigorosa dieta
Logo, logo o mandou pôr.
«Regule-se, coma pouco»
Diz-lhe o medico eminente:
«Ai senhor! (acode o louco)
Por isso é que estou doente.»

9

(Dialogo)

ALCÊO

Perdôa, tu tens, Elmano,
Um defeito entre diversos,
Que cheira muito a doudice.

ELMANO

Sim? Qual é?

ALCÊO

Fazeres versos.

ELMANO

Oh! Pois tu tambem tens outro,
E folgara de o não teres,
Que está mui perto da asneira.

ALCÊO

Eu! Qual é?

ELMANO

Não os fazeres.

10

Com tão má gambia andas tanto,
Tanto d'aqui para ali!
Procurador, não me enganas;
Tu procuras para ti.

11

(Traduzido de Dufresny)

De ciumes Amphriso envenenado
Á bella Nize um dia
«Entrega-me (dizia)
A fita, que te hei dado,
Entrega-me o meu cão, e o meu cajado.»
Ella, para applacar-lho os vãos furores,
Meiga lhe respondeu: «Sobre estas flores
Mais terno que sisudo
Sem respeitar-me a candidez, e o pejo,
Tambem me déste um beijo:
Não quero nada teu, recebe tudo.»

12

Dizes que Fileno é tosco,
Molle, feio, e sem-sabor;
Não levas á paciencia
Terem-lhe as moças amor:
Nenhum merito lhe encontras
Porque o devam attender;
Que mais merito lhe queres?
Agradar é merecer.

13

Certo enfermo, homem sisudo,
Deixou por condescendencia
Chamar um doctor, que tinha
Entre os mais a preferencia.
Manda-lhe o fofo Esculapio
Que bote a lingua de fóra,
E envia dez garatujas
Á botica sem demora.
«Com isto (diz ao doente)
A sepultura lhe tapo.»
Replica o pobre a tremer:
«Aposto que não escapo.»

14

Conheces um certo Albano,
Homem de raro primor?
(Perguntou Fileno um dia
A Silvio, gran jogador)!
«Oh! (responde-lhe o gatuno
Que aos mais tafues pede meças)
Eu sou seu intimo amigo:
Hontem lhe ganhei cem peças.»

15

(Traduzido de Mad. Bernard)

Quando o velho Damon me diz que emprega
Amor tiro mortal no peito humano,
Sem que elle ouse clamar contra o tyranno;
Quando me diz que Amor engana, e céga;
Que ás lagrimas, que aos ais é insensivel,
Então não me parece Amor terrivel:
Mas quando o moço Alphêo me diz, sorrindo,
Que Amor é meigo deus, menino amavel,
Mais que as flôres mimoso, alegre, e lindo,
Quanto então me parece formidavel!

16

«*In fide parochi* atteste
(Escrevia inchado cura)
Que soffreu Lopo Forçura
Da morte o golpe funesto.
«Tal clareza não se achou
Dos obitos no registo;
Mas attesto-o por ter visto
A receita, que tomou.»

17

Um Philosopho enfermou;
Não tinha mal de perigo,
Mas soffreu a medicina
Por agradar a um amigo.
Consentiu que receitasse
Hypocratico impostor,
E logo para um criado
Disse, brando, e sem tremor:
«Não deixes lá na botica
Esse amargo fructo do erro;
Inda tem mais serventia:
Supre os escriptos de enterro.»

18

Arrimado ás duas portas
Pingue boticario estava,
E brandamente acenou
A um doctor, que passava.
Mal que chega o bom Galeno
Diz o outro com ar jocundo:
«Unamo-nos, meu doctor,
[illegible]dem[illegible] cabo do mundo!»

19

Quiz inda fresca viuva
Casar, mas tinha esquecido
No alfarrabio dos enterros
Pôr o enterro do marido.
«Leve este papel ao Cura,»
(Lhe aconselha um maganão)
Era excellente receita
Das que importam n'um milhão,
«Padre, (diz ella, entregando
O papel, que se lhe deu)
O meu homem tomou isto. . . .»
Torna o Cura: «Então morreu!»

20

Dos obitos o volume
Consta que um Cura perdeu,
E contou este desastre
A intimo amigo seu.
De suprir o triste livro
Não póde occorrer-lhe idéa;
«Ai! (diz o amigo) isso é facil:
Compre uma pharmacopéa

21

(Traduzido de Mad. Scudery)

A corrente, que beija aquella areia,
Esta rosa, que ao Zephyro abre o seio,
A viração, que as arvores meneia,
Nos dizem que é o amor doce recreio.
A pura chamma egual d'um par constante
Em dobro o faz feliz, o faz contente:
Tem um'alma, não mais, o indiff'rente,
Duas almas encerra um peito amante.

22

(Dialogo)

CORYDON

Elmano, lê-me os teus versos.

ELMANO

Melhor sorte me dê Deus!
Tremo d'isso.

CORYDON

E porque tremes?

ELMANO

Porque pódes ler-me os teus.

23

(Traduzido de Bois-Robert)

Que! De tão tenra edade nos verdores
Ninguem te póde ouvir, mimosa Isbela,
Nem ver teus olhos sem morrer de amores!
Ah! Fosses mais crescida, ou menos bella:
Para causares as feridas nossas
Espera o tempo, em que saral-as possas.

24

Bojudo pharmacopóla,
De cangalhas no nariz,
Lia um papel, dos que a gente
Pregam em vasa-barris.
O papel era receita,
Isto bem se deixa ver:
Eis o algoz dos palladares
A molestia quiz saber.
Soube-a, pouco mais, ou menos,
E exclama um tanto impaciente:
«O medico hallucinou-se!
Com isto sara o doente!»

25

Para curar febres podres
Um doctor se foi chamar,
Que, feitas as ceremonias,
Começou a receitar.
A cada pennada sua
O enfermo arrancava um ai.
«Não se assuste (diz Galeno)
Que inda d'esta se não vai.»
— «Ah senhor! (Torna o coitado,
Como quem seu fado espreita)
Da molestia não me assusto,
Assusto-me da receita.»

26

Tinha uma dôr muito aguda
Um homem. Veio um doctor,
E disse: «Com tres regrinhas
O livro já d'essa dôr.»
Corre a lançar mão da penna,
Eis diz o enfermo a tremer;
— «Ai! Nada, senhor doctor:
Antes penar, que morrer.»

27

« Ante mim não vales nada;
(Disse a Morte á Medicina)
Eu de tudo quanto existe
Sou a fatal assassina. »
— « Ui! (a mãe dos aphorismos),
Responde á Parca amarella)
Olha a tola! Eu sou o mesmo,
Mas com mais methodo que ella. »

28

Certo Averróes quiz no prélo
Ver seus aphorismos juntos:
Poz-lhe o editor singelo: —
« Arte de fazer defuntos. »

29

A morte era uma idiota
Antes de aphorismos ter;
Mas depois que ha medicina
Já sabe lêr, e escrever.

30

Disse um Avicena ao ver
Certo doente: «É confusa
Esta molestia; por tanto
A maligna se reduza.»
Eis a mão faccinorosa
Lavra potente receita,
Que anonyma enfermidade
Torna em maligna perfeita.
Co'a prompta metamorphose
O infesto doctor se alegra,
E diz sorrindo-se: «Agora
Se matar, mato com regra!»

31

Disse um dia o Fado á Morte
Que chuchasse um tal doctor,
Que punha em cada receita
Ao menos um estupor.
«Não ouso (responde a Parca)
A teu mando obedecer:
Se com medicos se mette,
Té póde a Morte morrer.»

32

Inda novel demandista
Um letrado consultou,
Que, depois de cem perguntas,
Tal resposta lhe tornou:
«Em Cujacios, em Menóchios,
Em Pegas, e Ordenação,
Em reinicolas, e extranhos
Tem carradas de razão.
«Sim, sim, por toda essa estante
Tem razão, razão de mais.»
«Ah senhor! (o homem replica)
Tel-a-hei nos tribunaes?»

33

Um medico receitou;
Subito o récipe veio,
Do qual no bucho do enfermo
Logo embutiu copo e meio.
«Adeus até ámanhã...»
(Diz o fôfo professor)
Responde o doente: — «Adeus
Para sempre, meu doctor!»

34

(Traduzido de Perrault)

Amor é um menino
Tão velho como o mundo,
Dos deuses o maior, e o mais pequeno:
De seu fogo divino
Occupa o céo sereno,
O largo mar profundo,
A populosa terra,
E nos olhos comtudo Iris o encerra.

35

(Dialogo)

A.

Que vem do chefe dos Matas
Sustenta o doctor Maleitas,
E com mil papeis o prova.

B.

Com que papeis?

A.

Com receitas.

36

Uma d'estas, que adoecem
Porque um mosquito as mordeu,
Disse para um seu criado:
« Chamem-me o doctor Sandêo. »
Eis o Hypócrates, que abonam
Honrosos cabellos brancos,
E eis subitamente a dama
Aos soluços, e aos arrancos.
D'onde lhe veio este excesso
Na hypocratica presença?
De estar doente deveras:
E era o medico a doença.

37

Um velho cahiu na cama:
Tinha um filho Esculapino,
Que para adivinhações
Campava de ter bom tino.
O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai:
Diz-lhe o velho, suspirando:
« Repara que sou teu pae! »

38

Sempre é teima de viver
A que tem Celio caduco!
Não sei que molestia possa
Chuchar-lhe da vida o succo.
Tinha uma chaga no bofe:
O bofe sem chaga está;
Um aneurisma no peito:
Vestigios d'elle não ha.
De lhe cerrarem tres fontes
Nenhum damno resultou:
Isto ainda não é nada;
Té d'uma junta escapou!

39

Chiron foi medico insigne,
Segundo nos livros acho;
Porém cavallo o descrevem
Da cintura para baixo.
Doutor, em nada o simelhas;
Elle foi besta nos pés,
Nas ancas, mãos, o costado:
Tu só na cabeça o és.

40

«Fabio, o meu dilecto amigo,
(Dizia Alphêo consternado)
Dos medicos mais insignes
Está já desamparado.»
— «Oh! (sáe d'alli um sujeito,
De circumspecta presença)
«Feliz, se o desamparassem
No principio da doença!»

41

Gratis pespéga o verdugo
No pescoço ou laço, ou córte;
O espadachim mata gratis;
O medico vende a morte.

42

Um homem rico, outro pobre
Grave molestia prostrou.
Qual d'elles morreu? O rico,
Que mais remedios tomou.

43

Um medico, resentido
De certo seu offensor,
Ante um amigo exclamava,
Todo abrazado em furor:
«Para punir este indigno,
Este vil, tomára um raio.»
Acode o outro: — «Ha um meio
Muito mais facil: curae-o!»

44

A Morte um dia enjoou-se
D'um nome, que se abomina;
Quiz o azedume adoçar-lhe,
E crismou-se em Medicina.

45

Quanto és, Dido, desgraçada
Com dous maridos no mundo!
Foges, morrendo o primeiro,
Morres, fugindo o segundo.

46

Um medico, antiga peste
Do triste genero humano,
De costumado a enganar-se
Póde acertar por engano.
Fez uma receita idonea,
Apezar do formulario;
Mas o que ao medico escapa
Lá vae ter ao boticario.

47

Disse a Morte ao ver entrar
Milhões de almas nos abysmos:
«Bravo! Bravo! Que colheita!
Muito devo aos aphorismos!»

48

A morte, perdendo a fouce,
Creu sua força desfeita:
Disse-lhe um medico insigne:
«Aqui tens esta receita!»

49

Compôz para leve andaço
Um doctor, doctor fatal,
Famosa receita, onde era
A menor dóse mortal.
Indo depois á botica,
D'esta sorte o dono o investe:
«Receite a todos o mesmo,
Meu doctor, e temos peste!»

50

Um escrivão fez um roubo;
Diz-lhe o juiz: «Que razão
Teve para fazer isto?»
Responde: — «Ser escrivão.»

51

Trouxe-se a pobre doente
Um récipe singular.
Morreu do récipe? Não:
Só da tenção de o tomar.

52

A um enfronhado em poeta

Longo estás de ser pateta,
Flavio, tens varias noções,
Entendes bem a Selecta,
Lês, estudas, e compões;
Por um tris não és poeta!

53

(Traduzido)

Mordeu uma serpe Aurelia:
Que pensaes que resultou?
Que Aurelia morreu? Historia:
A serpente é que estourou.

54

Epitaphio

Aqui jaz um escrivão,
Que já na provecta edade
Tomou o habito de frade;
Só merecia o cordão.
Deus tenha d'elle piedade!

55

Podre victima de Venus,
Metaphora da existencia,
Fiou-se de um boticario,
Homem de sã consciencia.
Tinha o pustuloso enfermo
Uma gambia retorcida,
Que para a parte de fóra
Como que enxotava a vida.
Tenaz emplastro lhe estende
A pharmacopola mão,
Com que dê nome á botica,
Dando cabo do aleijão.
«Deixe estar (diz o mestraço)
Que isto logo, logo abranda.»
Que succedeu! Pôr-lhe a perna
Torta para a outra banda!

56

Epitaphio

Aqui jaz um homem rico
N'esta rica sepultura:
Escapava da molestia,
Se não morresse da cura.

57

(Traduzido de Marcial.)

Se me lembro, Elia, tiveste
De bellos dentes a posse:
N'uma tosse dous se foram,
Foram-se dous n'outra tosse.
Segura noutes, e dias
Pódes tossir a fartar;
Pódes, que tosse terceira
Já não tem que te levar.

58

Lê-se n'uma sepultura
De antiguidade Affonsina:
« Aqui jaz quem não jazera
Se jazesse a medicina. »

59

Empobreceu todo o bairro
Fabio com penna, e cordão;
Foi quatro mezes letrado,
Quinze dias escrivão.

60

Um doctor, accommettido
Das chufas de um boticario,
(Que não sei porque motivo
Se lhe quiz mostrar contrario)
Disse-lhe: «Inda que nós ambos
Somos dos humanos mágoa,
Mais do que eu faço com tinta
Faz sua mercê com agua.»

61

Bernardo envolto em lemiste
Insulsas nenias recita;
Ao riso ninguem resiste;
E o vate funereo grita:
«Não riam, que é cousa triste!»

62

(Dialogo)

A.

Laura divertiu-se muito
N'uma funcção menos má.

B.

Qual foi o divertimento?

A.

Não ter o marido lá.

63

Rechonchudo franciscano
Desenrolava um sermão;
E defronte por acaso
Lhe ficara um beberrão.
Tractava dos bens celestes,
Proferindo: «Ouvintes meus,
Que ditas, que immensa gloria
Para os justos guarda um Deus!
Falsos, momentaneos gostos
Ha n'este mundo mesquinho:
Mas no céo ha bens sem conto...»
Pergunta o bebado: — «E vinho?»

64

Um procurador de causas
Tinha na dextra de harpia
Nojenta, incuravel chaga,
Que até ossos lhe roía.

Exclama um taful ao vel o:
«Que pena de talião!
Quem com a mão roeu tantó
Ficou roido na mão.»

65

(Traduzido)

Venus ao parto visinha
As Parcas foi consultar,
Para conhecer que fructo
Seu ventre havia brotar.
Uma responde — Que um seixo;
Outra — Que um tigre traidor;
Terceira — Que fogo; — E tudo
Confirmou nascendo Amor.

66

Uma terra dizem que ha,
Onde a fome acerba e dura,
Cabo dos medicos dá:
Porque é isto? É porque lá
Pagam sómente a quem cura.

67

A um enfatuado em nobreza

Conferes nas senhorias,
Fofo Alcêo, mais fofos bens;
E fazes n'isso um milagre,
Porque dás o que não tens.

68

Á estanqueira do Loreto, celebre pelo seu grandissimo nariz

Examina-se um planeta
Com telescopio de cá:
Ver-se-ia a cara da Helena
Sem telescopio de lá.

69

«Salve-se! (diz o Diabo)
Nas masmorras infernaes
Se eu hospedasse essa cara,
Onde accommodar as mais?»

70

Salvo-te (diz Deus ao Demo)
Das masmorras infernaes,
Se metteres esta cara
Onde accommodas as mais.

71

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continúa!...
Todas estas caras juntas
Não são tanto como a tua.

72

Cara, cara, cara, çara,
Cara, cara, e continúa!...
Que revolução é esta?
Anda pela terra a lua?

73

A estanqueira tem marido,
Que quando deitar-se intenta,
Como não cabe na cama
Dorme dentro de uma venta.

74

A cara da estanqueira
Por um milhão a comprara;
Se fosse cara de assucar,
Um milhão, não era cara!

75

Disse-lhe um sério taful
Que tabaco lhe comprara:
«A sua loja é pequena;
Porque não vende na cara?»

76

Disse-lhe certo estrangeiro
Que ajunta papeis com massas:
«Quero pôr a sua cara
N'esta loja de caraças!»

77

São nadegas, ou bochechas?
Arrenego do diabo!
Tem a cabeça no chão,
E sobre o balcão o r...

78

Domingo dous do corrente
Se faz pela vez primeira
O brinco dos cavallinhos
Sobre a testa da estanqueira.

79

Dizem os da Encarnação;
«Que em morrendo a estanqueira
Faz-se a obra, e o cemiterio,
Tudo dentro da caveira.»

80

Deu a estanqueira um espirro
Gritam os visinhos seus,
Julgando ser terremoto:
«Misericordia, meu Deus!»

81

Quer vinhos? Não tem que errar,
Trépe por esses focinhos,
Bata nas ventas, que dentro
Tem dous armazens de vinhos.

82

Nariz, nariz, e nariz,
Nariz, que nunca se acaba,
Nariz, que se elle desaba
Fará o mundo infeliz;
Nariz, que Newton não quiz
Descrever-lhe a diagonal;
Nariz de massa infernal,
Que, se o calculo não erra,
Posto entre o sol e a terra
Faria eclypse total!

83

Ouviu do rei dos reis a voz sagrada
Da lusa monarchia o rei primeiro;
E aos duros golpes da tremenda espada
Fez que mordesse a terra Ismar guerreiro;
Alta promessa pelo numen dada
Manterá Portugal feliz, e inteiro;
Voae á guerra, á gloria, illustre gente!
Um Deus vos chama sua, um Deus não mente.

84

Oh Morte! Para que venças,
E sorvas em teus abysmos
Doctor de grandes sentenças,
São necessarias doenças
Peiores que os aphorismos.

85

«A este sepulchro vim,
Eu, das existencias côrte,
(Dizia um letreiro assim)
Fui medico, e foi meu fim
Estratagema da Morte.»

86

(Imitado de Marcial)

Barbeiro demorador,
Não me pilhas outra vez,
Mal haja o pae que te fez,
Devêra ser malfeitor.

Com a barba em sangue, em fogo,
Tanto tempo aqui sentado,
Que outra nova tem brotado,
Mal que a rapas cresce logo.

87

Cançado de dissabores
Morre-se aqui sem tristeza;
Dormir coberto de flôres
No seio da natureza,
Doura, oh Morte, os teus pavores!

88

Um medico, que se ria
Do pouco, que Adão durou,
Por engano em certo dia
Um seu récipe tomou;
Quando não, nunca morria!

89

(Dialogo)

P.

O que é mais leve do que o ar?

R.

O fumo.

P.

O que é mais leve do que o fumo?

R.

O vento.

P.

E que o vento?

R.

A mulher.

P.

Que a mulher?

R.

Nada.

90

Se alguma palavra digo,
E o halito á bocca pucho,
Sobem-me as tripas e o bucho
A escutar se mastigo.

91

Disse, em ar de novidade,
Lelio, que a rugosa Elvira
Soffrêra longa molestia,
De que a bem custo surgira.
«Creio: o seu medico é bom.»
(Proferiu grave pessoa)
Acode um taful: «E eu sento
Que a molestia é que foi boa.»

92

No mundo ha gloria suprema!
(Roncava Euclidico auctor.)
— «Qual é? (diz taful da gemma)
«Qual é! (torna o cismador)
É resolver um problema.»

93

Um geómetra zombou
Ao ver quo amante infeliz
Por linda moça expirou;
Mas ao sabio o quo o matou?
Não dar c'o valor d'uma [illegible]

94

(Traduzido de Alciato)

Os teus melhores principios.
Convertes em vituperio;
E profanas, e envileces
O teu proprio ministerio.
Tu, Elmiro, és como as cabras,
Que, no tarro escouceando,
Perdem as proprias riquezas,
Seu mesmo leite entornando.

95

Da feia mulher Andronio
Com zelos arde, e rebenta;
N'isto o não julgo bolonio:
A mulher é um demonio,
Porém o demonio tenta.

96

Do Meirel fórmas querella,
Porque os dentes te dispensa;
Não t'os tirou por doença,
Tirou-t'os só por cautéla
Bem atalha quem bem pensa.

97

(Dialogo)

A.

Vae curar o doutor Campa
Sua futura consorte.

B.

Já se não diz quando casam?

A.

Recebe-a á hora da morte.

98

A um mau medico

Doutor, até do hospital
Te sacode enfermo bando:
Qual será d'isto a causal?
É porque em tu receitando
Qualquer doença é mortal

99

Se o Padre-santo tivera
Um pé tão largo e tão mau,
Podia mesmo de Roma
Dar beija-pé em Macau.

100

Definição do Ouro

Faço a paz, sustento a guerra,
Agrado a doutos e a rudes,
Gero vicios e virtudes,
Torço as leis, domino a terra.

101

(Imitado de D'Anchet

Um tempo breve, urgente
As rosas tem sómente
Para ostentarem bellas
O seu aroma e côr:
Para agradar como ellas
Tem um só tempo Amor.

102

(Traduzido de Rabutin)

Rosas, oh como um coração, que adora,
Vos conhece o valor, vos crê felizes!
Nasceis no seio da benigna Flora,
Morreis no seio da benigna Lizes.

103

Homem de genio impaciente,
Tendo uma dor infernal,
Pedia para matar-se
Um veneno, ou um punhal.
«Não ha (lhe disse um visinho
Velho, que pensava bem)
Não ha punhal, nem veneno;
Mas o medico ahi vem.»

104

De que é só de seu marido
Laura tem reputação:
Este merito subido
A quem o deve? Eu duvido
Se á cara, se ao coração.

105

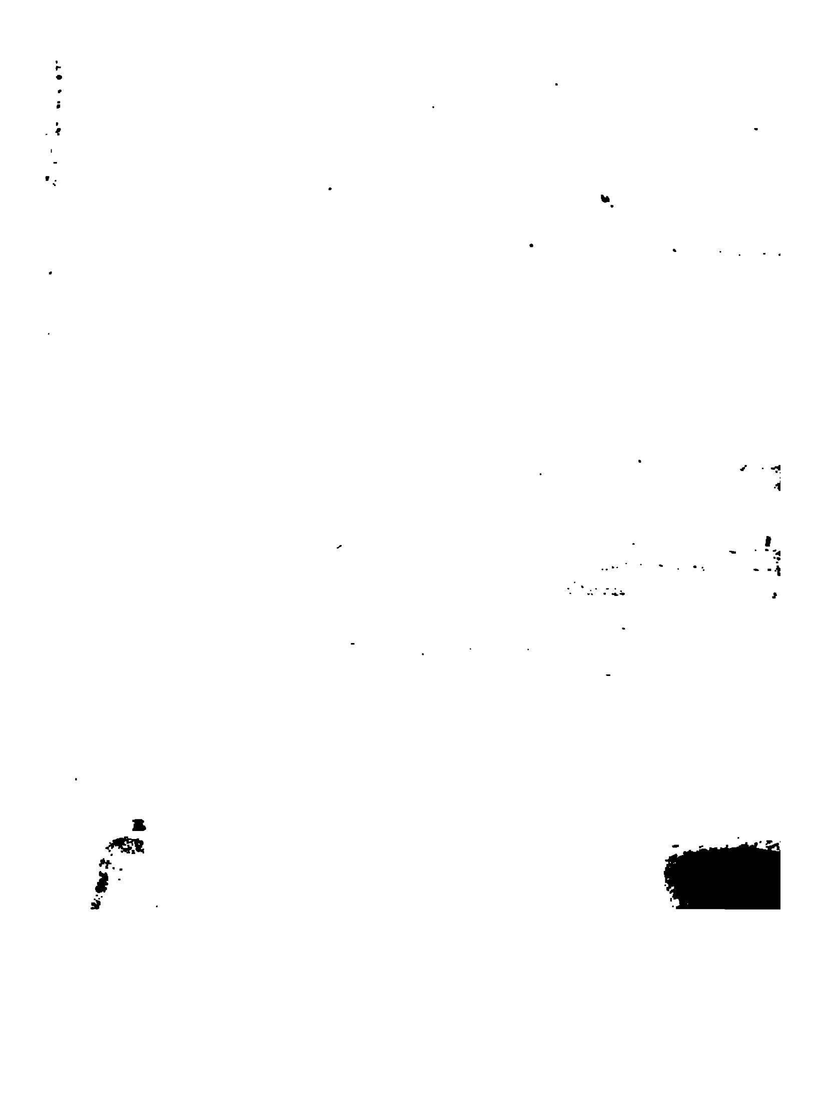
«Morte! (clamava um doente)
Este misero soccorre.»
Surge a Parca de repente,
E diz de longe: — «Recorre
Ao teu medico assistente.»

106

A Morte foi sensual
Quando ainda era menina;
C'o peccado original
Teve copula carnal,
E pariu a Medicina.

107

A Morte se enfastiou
De surgir do Orco profundo,
Exclamando: «Não estou
Para tornar mais ao mundo!»
Disse um medico: — «Eu lá vou.»



Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.º 18

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

rbosa du Bocage, ...nuel Maria de

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

VOLUME IV

Elogios dramaticos, Dramas allegoricos, Fragmentos



PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA
1875





IOS

1

ssimos annos da Fidelissima
a de Portugal, D. Maria I

o Theatro da Rua dos Condes, em 17 de Dezembro de 1799)

pida estação tumultuosa,
vapor medonho assombra os ares,
s Eólias grutas desferrolha
dosos tufões, e além das nuvens
go arrogante em serras manda;
triste oppressor da Natureza,
rca das horrísonas procellas,
grenha erriçada os gêlos c'roam;
arremessa o trovão, que accende o raio
voz terrivel, nos terriveis olhos,
andoso do cáhos, como que intenta
gil-o, arremedal-o em seus horrores:
arrancudo, tenebroso Inverno,



ELOGIOS

1

Aos faustissimos annos da Fidelissima Rainha de Portugal, D. Maria I

(Recitado no Theatro da Rua dos Condes, em 17 de Dezembro de 1799)

A rispida estação tumultuosa,
Que de vapor medonho assombra os ares,
Que das Eólias grutas desferrolha
Estrondosos tufões, e além das nuvens
O pélago arrogante em serras manda;
Esse triste oppressor da Natureza,
Monarca das horrisonas procellas,
Cuja grenha erriçada os gêlos c'roam;
Que arremessa o trovão, que accende o raio
Na voz terrivel, nos terriveis olhos,
E, saudoso do cáhos, como que intenta
Fingil-o, arremedal-o em seus horrores:
O carrancudo, tenebroso Inverno,

Á face de alto horóscopo brilhante
Foi por lei divinal, por lei dos Fados
Constrangido a despir tartáreo luto.
Eis dobrando a cerviz, eis bonançoso,
O tyranno da luz sacode as trévas:
Respira a Natureza, o céo respira,
Vitreos os mares sobre as praias dormem,
Onde Áquilo rugiu Favonio brinca,
* A nascer entre a neve aprendem rosas;
* Amor sentindo, o rouxinol se inflamma,
* Contente, illuso, não conhece o tempo,
* Vêl-a imagina, e canta a primavera.
Surgindo em tanto na purpurea nuvem,
Télas trajando fulgurantes de ouro,
De jasmins immortaes a fronte orlada,
Com risos, que estudou de um Deus na face,
A scintillante Aurora o pólo esmalta.
Seus lumes como nunca então raiaram,
E gota, e gota de macio orvalho
Que esparziu no teu seio, oh Lysia, oh patria,
Foi ledo agouro, foi suave emblema
De mil bens, que dos céos a ti dimanam.
Maria, a mãe de heróes, de heróes a filha
A Jove mereceu tão novo indulto,
Trouxe tão novo indulto á Natureza.
Seu natal sobre-sáe aos mais fulgentes
Quanto no ethereo cume, alardeando
Torrentes de fulgor, que o pólo innundam,

Vence o planeta majestoso, intenso
Tenue luz, que esmorece em negra estancia.
Sim, Rainha immortal, se a bem do mundo
Prenda tão cara, não lhe houvesses dado;
Se, doce fructo de amorosa planta,
Teu mimo, teu penhor, delicias tuas,
João, sangue de heróes, que o Tejo adora,
A nossos corações negado fosse,
Ninguem te egualaria áquem dos numes.
Elles teu grande horóscopo envolvêram
No immenso resplendor da eternidade,
Tua alma se embebeu na essencia d'elles;
E ao ponto em que dos céos se derivava,
Abrindo a azul campina em sulcos de ouro,
Presumiu assombrada a Natureza
Que radiosa porção vivificante
Do facho universal se desprendia.
A Jove teu natal deveu sorrisos;
E, attento na mimosa infancia tua,
Com rosto afagador te olhou, te disse:
«Qual é teu dia, tal será teu fado.»

2

Aos annos da mesma Augustissima Senhora

Musas, Musas do Tejo, alçae ao pólo
Versos dignos de reis, da patria dignos.
Desenrugue-se o Fado; os tempos voltem
Quaes a vate Cumêa os viu na mente;
Em manto côr de neve Astréa envolta
As éras de Saturno acorde, e guie
Ao seio escuro da ferrenha edade.
Apenas tenham que invejar aos numes
Os ditosos mortaes: luzeiro errante
Surja, rutíle da sinistra parte,
E com faustos satellites discorra
D'este áquelle horisonte os céos de Lysia,
Ingente, portentoso, e qual outr'hora
Dourou a alma de Julio o céo de Roma:
As vestes abrilhante ao carrancudo
Monarcha das horrisonas procellas,
Cuja grenha erriçada os gelos c'roam;
Cuja mão tenebrosa além das nuvens

O pélago arrogante em serras manda;
Na voz terrivel, nos terriveis olhos,
Que arremessam trovões, que accendem raios,
Soffra o duro oppressor do aereo campo,
Soffra o silencio, e a paz; desdobre, alize
Ondas o pégo, e sobre as praias durma;
Brinque Favonio onde Áquilo esbraveja,
Respire a natureza, o céo respire;
A nascer entre a neve aprendam rosas;
Puro, espontaneo mel destillem troncos;
Na rubra nuvem fulgurante de ouro
De jasmins immortaes co'a fronte orlada
Sempre n'este aureo dia assome a deusa,
Que sobre as flores a existencia entórna:
No semblante de um Deus a Aurora estude
Risos, que a Natureza extranhe, e adore:
Derrame pelos céos mais luz, mais pompa,
Sol, reflexo de Jove, imagem sua.
Maria, mãe de heróes, de heróes a filha,
Indulto singular merece ao Fado;
Seu natal sobre-sáe aos mais fulgentes,
Quanto no ethereo cume alardeando
Torrentes de fulgor, que o pólo innundam,
Vence o planeta fulgurante, immenso,
Tenue luz, que esmorece em negra estancia.
  Sim, Rainha immortal, modêlo augusto
De quantas perfeições, quantas virtudes
De Astréa ao lado para o céo fugiram:

Sim, Rainha immortal; se a bem do mundo
Prenda tão cara não lhe houvesses dado;
Se, dôce fructo de amorosa planta,
João, prole de heróes, que o Tejo adora,
A nossos corações negado fôsse,
Ninguem te egualaria áquem dos numes.
  Elles teu grande horóscopo envolveram
No vasto resplendor da eternidade;
Tua alma se embebeu na essencia d'elles,
E ao ponto em que dos céos se desprendia
Abrindo a azul campina em sulcos de ouro,
Presumiu assombrada a Natureza
Que radiosa porção vivificante
Do facho universal se desprendêra.
  Oh rei da immensidade, oh rei dos Fados!
Os idolos da patria, a mãe, e o filho
No throno avito, heroico, á sombra tua
De seculos em seculos triumphem:
D'elle, d'ella se esquivem Tempo, e Morte,
Dure-lhe a vida o que durar seu nome.
O Tejo despejando as urnas de ouro
Ás plantas lhe deponha o gran tributo,
Até que a eternidade absorva as éras.
  São mimosos do Fado, a Jove acceitos
O filho, a mãe de reis, de heróes, de numes;
Cobrem azas de um Deus os dignos d'elle,
Lysia, flôr das nações, prospéra, exulta!

3

Aos faustissimos annos do Serenissimo Senhor D. João, Principe Regente de Portugal

(Recitado no Theatro do Salitre, em 13 de Maio de 1799)

D'entre a primeira das edades mortas
Um dia resurgiu, soltou-se um dia
A bem da humanidade, á voz do Fado.
Mil Graças, mil Virtudes, mil Prazeres,
Foragidos do mundo, ao céo tornados,
Ao mundo volvem co'a sisuda Astréa.
Subito, remoçada a Natureza,
Leda, vaidosa de se olhar qual fôra,
Nas meigas faces aminda o riso.
Turba subtil de olympicos Favonios
Vôa com flores, que não temem Phebo,
E á mãe universal perfuma o seio;
Insoffridos Tufões nas cavas grutas
Cerra, agrilhôa, abafa, opprime Eólo;
Mel espontaneo pelos troncos desce,
Lambem rios de nectar margens de ouro.
Saturno inclina a fronte ao ver na terra

De seus dias luzir a amena imagem;
Da sobranceira esphera ao filho exclama,
E d'alta novidade inquire a causa.
«Ente, digno de mim (responde Jove)
De heróes emanação, de heróes principio,
Hoje ao mundo levou, por lei dos Fados,
Escolhida porção de meus thesouros;
Hoje o fructo immortal de planta excelsa,
Que nas margens dispuz do insigne Tejo,
Surgiu, por meus influxos bafejado;
Da grande lusitana a digna prole,
O eximio coração, com quem reparto
A dignidade, a força, os pensamentos,
No seculo fatal, de horrores fertil,
Sobre o terreno herdado attráe teus dias,
Época da innocencia, e da ventura!
Visto ha seis lustros melhorar-se o tempo
Com seu fausto natal, viste ha seis lustros
Do incognito matiz nos lusos campos
Ornar-se a Natureza em honra sua.
Então sorrisos d'ella anuncios foram
Dos luzentes futuros milagrosos,
Que para o tenro heróe zelava a Sorte.
«Se tanto não brilhou, como hoje brilha,
O doce clima productor de assombros,
Foi porque inda na edade inerte, e molle
Desatar não podia o regio moço
Altas idéas em acções mais altas.

Agora, que da illustre monarchia
Modera as longas rédeas, escudado
Das aptas forças, e do avito exemplo,
Agora se embellezam céos, e terra
Na gloria, no prazer, nos bens sem conto,
Que do grande João recebe a patria,
A patria de que é pae, senhor, e ornato.
«Unido em aureo vinculo á virtude,
Aos mil encantos de heroina augusta,
Tempéra o coração nos olhos d'ella,
Nos olhos d'ella o sentimento apura,
E um numen bemfeitor se ant'olha aos povos.
Negreja, sem toldar-lhe os mansos dias,
Tempestuoso horror, bramindo ao longe;
Em vão boceja o pestilente inferno,
Na lava abrazadora em vão sacode
Horridos crimes, que outra plaga infamam.
Senhor de alta nação, que vale o mundo,
João, mimo do céo, João triumpha;
Seu throno em corações está sentado,
E tem na eternidade os alicerces.
D'ella emanou seu dia, é parte d'ella,
E lá depois que o sol milhões de vezes
Houver com elle enriquecido a terra,
O puro, amado, memoravel dia
No resplendor sem termo irá sumir-se.»
Assim Jove fallou: Saturno annue,
E fica mais brilhante a Natureza.

4

Aos annos do mesmo Senhor

(Recitado no Theatro da rua dos Condes, em 13 de Maio de 1801)

Honra, Patria, Virtude! Oh Leis! Oh Throno!
Objectos venerandos, majestosos,
Lustrae na escuridão, que abrange o mundo,
Do vate a phantasia erguei de abysmos.
  Em tanto que no céo renasce o dia,
Dia eterno, sem par nos lusos fastos,
Mordendo-se, escumando, Erynnis vôa
Ante o carro fatal do deus das armas,
Onde nuvens de horror gotejam sangue.
Na truculenta mão rodêa o facho,
Cresta os Favonios, as delicias varre.
De sanhudos leões ondêa a coma,
Longo rugido horrisono rebrama,
Pelos troncos se amolam, dentes, garras.
O bronze aloja em si rivaes do raio;
No espectaculo atroz, na scena infesta,
Sedentas de um futuro ensanguentado,
As Furias se embellezam, ri-se a Morte...

Debalde rebentaes, vulcões do inferno,
Longe, agouros crueis! Lysia não treme,
Lysia será qual foi, qual é no globo,
Mãe de heróes, das nações a flor, o esmalte,
Da virtude esplendor, da gloria templo,
Pomposo torreão de férrea base;
Lysia embraça o pavez de eternos Fados;
Se Lysia baquear, baquêa o mundo:
Um Deus não é perjuro, um Deus não mente.
Range os dentes Ismar, anhéla a preza,
Urram de Lybia os monstros, amotinam
O mar, a terra, o céo com grita horrenda:
Eis que de rosea côr se véste o pólo,
O ar, porque espéra um Deus, o ornato apura.
Assoma o recto, o sabio, o grande, o Tudo!
Vacilla a Natureza ao pezo enorme:
Elle olha, e d'este olhar vê campo, e campo.
Reluz o amor, o esforço, a fé nos lusos,
Na bruta multidão negreja o crime;
Da traição, da avareza os genios torvos,
As serpes da blasphemia, em roda aos impios,
Por aqui, por ali sibilam, trôam.
A voz, freio aos tufões, ameiga o Nume;
Ao guerreiro christão, que os seus inflamma,
O triumpho assegura, e fada os lusos.
Ao solio portuguez submette os tempos,
Co'a sacro-santa mão lhe descortina
Fervendo o Ganges por ceder-lhe as palmas;

D'elle homenagem recebendo o Tejo,
Ufano recostado á urna de ouro;
Montanhas de trophéos, ao longe, ao perto,
E sempre illustre a paz, illustre a guerra.
Desapparece o Deus, mas fica Affonso,
E de Affonso no ferro espantos brilham:
Sáe d'elle estrondo, morte, horror, victoria,
Não soffre arnez, escudo, é raio o ferro,
E cada portuguez leão se ant'olha,
Que, rebanhados touros assaltando,
Atassalha, desfaz, estróe, devóra.
Lá nos ares de Ourique inda vaguêam
Sagrados éccos da palavra augusta,
E das turbas fieis, do heróe terrivel
Inda o marcio rebombo estruge os valles.
Eia, enleva-te, oh Lysia, em teus destinos!
Um Deus te perfilhou, te dá, te escuda
Os dias de João, saudaveis dias,
Claros, celestes, como a luz que, eterna,
Que, immensa, resplandece além dos astros.
Quaes foram teus avós serão teus filhos,
Leaes, ardentes, invenciveis, grandes.
Nos olhos de João se nutre a gloria;
Basta volvel-os: heroismo é tudo.
Virá, virá de novo a paz mimosa
Com sorriso gentil dourar teu clima;
As Furias outra vez aferrolhadas
Na masmorra infernal darão bramidos

Debalde te abarreiram teus arcanos
Contra audaz invasão da idéa em chammas.
Metal de mais vigor que o bronze, e o ferro,
Recondito aos mortaes, compõe teus muros;
A nevoa dos mysterios te rodêa:
Mas despedindo o vate ardentes vôos,
Áquem deixando o globo, o vento, as nuvens,
Qual a que arrosta o sol, e empolga o raio,
A eternos penetraes os hombros mette,
Obstaculos derruba, e lê nos Fados.
Lá onde altos Futuros magestosos
Em sagrado silencio envoltos dormem,
A todos sobre-sáe Destino excelso
Do generoso heróe, que rege os lusos,
Que impéra co'a virtude, e não co'a força,
Que inda mais que no sangue, em si tem base
A inviolavel direito, ao jus supremo
De ser na terra o que no Olympo é Jove.
Sim, Princípe immortal; se a longa serie
De teus grandes avós te não guiasse
Á brilhante eminencia, onde te adora
Nos hemispherios dous um povo immenso,
Sempre nos corações houveras throno.
A tua gloria és tu, comtigo brilhas;
Por ti fogem de nós communs desastres,
Venturas entre nós por ti florecem.
O céo te inspira, o céo te galardôa,
E ethereo resplendor teus annos c'rôa.

6

Aos annos do mesmo Senhor

(Recitado no Theatro do Salitre, em 13 de Maio de 1801)

Interlocutores: Aurora, Seculo

Oh tu, prole recente, ultima prole
Do numen, que aniquila o bronze, o ferro,
Que absorve gerações, que exerce os Fados,
Que vae minando o seio á Natureza,
E como que assuberba eternidades!
Filho do Tempo, successor não duro
De seculo feroz, de irmão terrivel,
Que Europa mergulhou n'um mar de sangue,
Que a virtude, a razão, que as leis, e a gloria
Eclipsou, perseguiu, desfez sem pejo;
Té ao bojo infernal cavando abysmos,
As Furias arrancou da noute immensa,
As Furias, que, esparzidas no universo,
Todo em reino da morte o convertêram:
Graças aos numes, o tyranno é cinza,

O Seculo do horror volveu ao nada;
Morta esperança de viçosos dias
Resurge devagar, se move a medo;
Imagem festival de bens vindouros
Na terrea superficie em fim vislumbra:
Por sombrio horisonte apenas ficam
Rastos sanguineos dos forçados vôos,
Com que a fera Discordia, a negra Erynnis
Da peste, que em seu halito dardejam,
Extensas regiões purificaram.
Mas os tartáreos monstros não repousam,
Nas extremas da terra inda retumba
O medonho clamor, que sáe do raio.
Talvez nova impiedade enlute o globo,
Talvez... tão feia idéa os raios furta
Da face com que alegre a Natureza.
Ah! Tu que aos penetraes do immobil Fado,
Lá onde o pensamento a custo adeja,
Foste a serie colher, serie sem conto
De altos successos, em teu giro inclusos;
Tu, que na estancia onde os Futuros dormem,
Com lume audaz a escuridão venceste,
E, o gremio do possivel revolvendo,
Soubeste se a Ventura, ou se a Desgraça
Deve sobre esta machina indecisa
Reger sceptro de ferro, ou sceptro de ouro:
Recrêa, oh numen, cujas leis supremas
Observo pontual na rósea plaga,

Recrêa indagador, tenaz desejo,
Abrindo aos olhos meus clarão futuro.

SECULO

Deusa brilhante, que ataviam, cobrem
Grinalda de jasmins, docel de rosas,
Mãe dos luzeiros com que douro as vestes;
Amores de Titão, delicias, mimo,
Que aljofares entornas sobre as flores,
Que dás puros cristaes ao leve arroio,
Susurro ás virações, gorgeio ás aves,
E o gosto de existir á Natureza!
Bem que os mysterios do immutavel Fado
Envolva escuridão, e acatamento,
Que do mundo profano abate os olhos,
Comtigo, que és deidade, e socia minha,
Comtigo, que do Tempo exerces parte,
As leis universaes vogar não devem.
Enxuga o dôce pranto cristalino,
Que entre as flores de Amor, e a neve, e as graças
Na face te reluz: socega, escuta.
Aos montes sempiternos, onde o Fado
Em palacios de bronze as leis promulga,
Resfolgando subi, subi tremendo
Dos males, que este globo inficionavam,
Onde meu féro irmão cevára os olhos.
Do gran templo fatal rangendo as portas

Se abrem de par em par, me descortinam
Aquelle, ante quem Jove é nume apenas.
  Avulta, recostado em negro throno,
Curvos, absôrtos cortezãos o incensam,
D'um lado a vida tem, tem de outro a morte,
Um só rasgo que dê co'a férrea pluma
No livro pavoroso, altéra o mundo,
Ergue, prostra nações: a Gloria é sonho,
A Fortuna é chimera, e Grecia, e Roma
Relampagos, que sorve immenso abysmo.
  A tôrva omnipotencia adoro a medo,
E já trémulas preces vou formando
A bem do triste globo, em que presido:
Eis o deus co'um sorriso a voz desprende,
Dest'arte o coração me desafronta:
  « Fiel executor das leis do Fado,
Herdeiro do poder, não do caracter
De ministro cruel, que puz no mundo
Para mais enrijar meu duro imperio:
Depois que em scenas mil de sangue, e luto
Minhas furias cevei, cevei meus odios,
Os males que esparzi me horrorisaram.
Quanto póde a Virtude até no Fado!
Em honra de um mortal, me abrando a todos,
Em honra de um mortal, que um Deus parece.
  « Ferrolhadas no Averno as Furias gemam,
A cruenta Discordia apague o raio.
Virtude, Paz, Amor, volvei ao mundo:

Tu, Seculo ditoso, ao mundo os guia;
Este mimo dos céos na terra espraia,
Enriquece com elle os climas todos,
E mais que todos a benigna plaga,
O imperio occidental, augusta herança
Do heróe, do semideus, que lá contemplo.
«O solio de João ladêe a Gloria,
A Justiça o ladêe: admire-o tudo;
Base de corações lhe escore o throno:
Só deixe de invejal-o apenas Jove.
O dia em que emanou do seio eterno
Seja um sorriso do melhor dos numes;
Galas para adornal-o invente a Aurora,
Saturno o purifique, e seu lhe chame.»
Disse, e nublou-se o deus, e de repente
D'entre os astros um vórtice me arranca.
Eis venho respirar co'a Natureza,
Ufano do caracter, que me é dado,
Dos bens, que desparzir na terra posso.
Exulta, pois, oh deusa, e cumpre o mando,
Que ledo recebi na voz do Fado:
«O imperio de João, seus aureos dias
Gosem no mundo o resplendor do Olympo.»

AURORA

Oh transporte! Oh ventura! Oh céos! Oh Fado!
Sendo teu jugo assim, teu jugo adoro.

7

Aos annos do mesmo Senhor

(13 de Maio de 1803)

... Ipse tibi jam brachia contrahit ardens
Scorpius & cœli justa plus parte relinquit.
VIRG. Georg. Lib. I.

Oh lustres do salão radioso, immenso,
Fonte invisivel dos visiveis astros!
Em torrentes de luz, perennes, vossas,
Sem que naufrague a mente, é jus do vate
Sondar a eternidade, abrir os Fados.
Sorria-se na terra o mez das flores,
Espelho eram dos céos as vitreas ondas;
Do azul Favonio, da punícea rosa
Tennes suspiros, candidos perfumes
A leda Natureza embellezavam.
Eis ante o rei de tudo heróe, que outr'hora
Gosára entre os mortaes o gráo de nume,
O claro fundador do luso imperio,

Dos altos promontorios a saudade,
Aquelle, cujo nome os patrios eccos
Com lugubre memoria inda proferem,
Curvo o joelho, supplice a palavra,
Pios desejos exprimiu dest'arte:
«Gran Ser, que da medonha, antiga massa
D'uma vez extraíste o térreo globo,
Que n'um sorriso os céos e o sol creaste!
Dá complacente ouvido ás preces minhas.
«O imperio occidental, por ti doado
A mim, e ao sangue meu, que as leis te adora,
O imperio occidental, theatro annoso
De innumeros portentos, de alta gloria,
A plaga venturosa, o doce clima,
(Que já sagraste co'a presença tua)
Lustre de novos dons, de timbres novos,
Em virtude, em grandeza, em majestade.
A planta, de que fui raiz fecunda,
Sempre mimosa de teu almo influxo,
Brote por ordem tua um fructo ameno,
Que adorne, encante, aformosêe a terra.
«De Lysia velador, propicio genio
Tu me elegeste, oh Deus! Eu guardo, eu zélo
Fiel, grata nação: mil, e mil vezes
Se apuram no esplendor da eternidade
Incensos, que te dá meu povo amado.
Requintada ventura, um lustre, ignoto
Ao resto dos mortaes, o galardoe:

Primeiro templo teu no mundo é Lysia,
Quasi como é nos céos, é lá teu culto.»
Taes, e tantas de Affonso as preces foram,
E ás preces annuiu o auctor dos astros.
Revolve a mão suprema o cofre eterno,
E entre milhões de espiritos fulgentes
Um, que mais brilha, bemfazejo, estrema.
Oh vós, de inextinguivel claridade
Serenos filhos! Impalpaveis entes!
Nuncios da terra aos céos, dos céos á terra
Quando implora o mortal, e outorga o nume!
Vós, leves meneando as alvas plumas,
Ao solio, que dá leis do Tejo ao Ganges,
Trazeis um dia, que atavie os tempos,
Um dom trazeis, que divinize o mundo.
É teu natal, grande João, tua alma
Este dia, este espirito, fadados
De caracter sem par, de bens sem conto
Pela voz, que do sol regula o giro.
Donativo do céo, prazer da terra,
Que honras o mundo todo, e reges parte,
Principe excelso, Principe adorado,
Enlaças corações em flóreo jugo;
Ternura filial nos diz que reinas,
Não convulso terror, não leis de ferro.
Quaes folgam, limpas das terrenas fezes,
Almas formosas nos elysios prados,
Vagam risonhos, festivaes teus povos,

Amplo dominio, que dos céos herdaste.
  Tarde, mui tarde a teu principio voltes;
Depois que o tempo fatigar seus vôos
Vá sumir-se comtigo a Natureza
No seio da lustrosa eternidade:
Eis os votos de Lysia, e do universo.

8

(Dramatico)

A ESTANCIA DO FADO

Para celebrar o dia natalicio da Serenissima Princeza D. Maria Theresa

(Representado no Theatro de S. Carlos, em 29 de Abril de 1797)

Actores: — O Fado — O Genio Lusitano — Lysia

A scena se figura na estancia do Fado.

SCENA I

O Fado e o Genio Lusitano

Genio

Oh tu, que já severo, e já benigno
Ou prostras, ou mantens, ou dás, ou tiras,
Despotico senhor da Natureza,
Ente, de cujas leis é tudo escravo,

Hoje desenrugada a fronte augusta
Affavel te promette ás preces minhas.
Ministro pontual dos teus decretos,
Eu, que ha tantas edades vélo, oh Fado,
Na gloria, no esplendor da egregia Lysia,
De brilhantes heróes origem pura,
Eu por ella te invoco: alto interesse
A dirige, a conduz ante o supremo
Throno, onde reinas, adoravel throno,
Escorado na immensa eternidade.
Dá que a teu gran poder curvando a frente,
Honrada ha muito de apollinea rama,
Lysia teus dons beneficos implore.
De tudo quanto abrange a longa terra
Nada tão digno de encarar seu solio.

FADO

Magnanima, fiel, constante, invicta,
Lysia, qual a formei, dá lustre ao mundo;
Ante o seu gosto minhas leis se torcem:
Tens influxo, oh Virtude, até no Fado.
Venha, merece olhar-me, ouvir merece
A voz, que ao proprio Jove o throno abala;
Tóque a vedada, sempiterna Estancia
Por onde em turbilhões mysterios fervem:
Gloria, aos mortaes defesa, a Lysia cabe.

(O Genio vae conduzir Lysia.)

SCENA II

Lysia e os mesmos

LYSIA

Fado, prole immortal da eternidade!
Numen, de cujas mãos está pendente
Cadêa em que os fuzís são bens, e males,
A desgraça, a ventura, a morte, a vida;
Dos Tempos movedor infatigavel,
Que de ledas, pasmosas, tristes scenas,
De espectaculos mil sempre matizas
A curva superficie ao terreo globo!
Se desde que assomei luzí no mundo,
Se a tua protecção, commigo estavel,
Das mais claras nações me fez modelo;
Se, escudada por ti, dei ser, dei pasto
Á bella emulação, e á fêa inveja;
Se de illustres acções dourei a historia;
Se a firme tradição c'roei de assombros;
Se meu brado esparzi de clima em clima
Nas férreas tubas da volatil Fama,
Atando em aureo nó Virtude, e Gloria;

Se em fim, qual sempre foste, és inda, oh nume,
Para os desejos meus benigno, facil,
Summa razão, que os move, os felicite.

Fado

O passado, o presente, o que inda ignoto
É aos cégos mortaes, perante o Fado
Tão claros, n'um só ponto, resplandecem
Como rutila o sol no aereo cume.
Deves, Lysia, porém, gosar o indulto
De livremente expôr teus sãos desejos.
Ao que Lysia appetece o Fado annue.

Lysia

A promessa immutavel, que te escuto,
Affectos mil no coração me agita,
De altas idéas me povôa a mente.
Destinada por ti ao grande objecto
De honrar o mundo, e propagar portentos,
Mãe fecunda de heróes, teus fins cumprindo,
Sementes espalhei, de que brotaram
Candidas flores, generosos fructos.
Desvelada, incansavel, conduzindo
Por entre abrolhos, precipicios, transes
A minha prole audaz, a lusa gente,
Com ella commetti, pizei com ella

O quasi inacessivel monte ameno,
Onde reside a perennal Memoria.
Com arrojado pé fomos subindo
Os marmóreos degraus do ethereo templo,
E, os estreitos vestibulos entrando,
Vida sem fim, moral eternidade
Corrêmos a colher nas aras de ouro.
  Á turba dos heroes que ali brilhavam,
Luzeiros immortaes de Grecia, e Roma,
Extranheza não fez a nossa entrada:
Curvas as crespas, laureadas frontes,
Com sorriso amigavel nos saúdaram.
  Do bafo empestador, que sáe dos vicios,
Jámais os fructos meus crestados foram:
Salvos da corrupção, a edade os traga;
Puros, formosos, como vivem morrem.
  Mas dos ramos d'esta arvore, que alcança
Os hemispherios dous co'a vasta sombra,
Tão viçoso nenhum, nenhum tão digno
Do amor da terra, da attenção do Fado
Como o que eu distingui de mil, que nutro.
É de Bragança o ramo, o ramo annoso,
De raras producções sempre adornado,
Este, cuja grandeza anhélo, adoro.
Em uma, em outra edade o viste, oh nume,
Ao bravo repellão de horriveis Euros,
De procellas fataes illéso, immovel;
Viste-o dar leis a si, dar leis a tantos,
*

Unir ao mando augusto augusto exemplo,
Assombrosos heróes crear co'a vista.
Por esta de mortaes quasi divinos
Abalisada estirpe, a ti recorro
N'este dia entre os meus de um sol mais puro,
Maria, o tenro, o candido renovo
Da planta que idolatro, eximio fructo,
Doces primicias, e penhor sagrado
De caro, insigne par, João, Carlota,
Dos lusos corações idolo, e gloria:
Maria hoje raiou no alegre mundo.
Hoje na rubra nuvem scintillante,
De rosas, e jasmins bordando os ares,
Aurora appareceu co'um riso novo;
Hoje o suave, cristalino orvalho
Mais alvo, e mais subtil caíu nas flores;
O ledo rouxinol, prazer dos bosques,
Novos sons estudou para este dia;
Tornou-se mais formosa a Natureza;
Nas montanhas vestiu, vestiu nos prados
Mais lustroso matiz a primavera;
E agora que renasce este almo instante
As nuvens despe o céo, e o pégo as ondas:
Qual outr'hora exultára o mundo exulta.
A seus, e a meus transportes sê propicio,
Satisfaze os mortaes; ordena, oh Fado,
Que Phebo vezes mil no plaustro de ouro
Com dia tão feliz prospére a terra;

Ordena que mil vezes se renovem
Annos brilhantes na vergontea bella,
Na régia producção de tronco excelso.
Franquêa aos olhos meus, franquêa, oh nume,
O tropel de reconditos mysterios,
Sumido em negros véos, eternas sombras;
Aclara, desenvolve a meus desejos
Altos futuros da gentil princeza.

GENIO

Ás preces que te envia eu uno as minhas:
Amor, Virtude, Gratidão te imploram.

FADO

Eis o mais amplo dom, que póde o Fado
Para vós extrair de seu thesouros.
Silencio, que eu desligo, eu desentranho
Da noute do vindouro os bens supremos
Que á princeza immortal propicio guardo.
Fulgentes como a luz que resplandece
Na pura habitação da eternidade,
Seus destinos vereis, vereis seus dias,
Da generosa avó, do pae sublime,
Da idolatrada mãe retrato egregio,
Virtudes, perfeições em si juntando,
Por mil raros espiritos dispersas,

A mimosa, gentil, real Maria
Dará novo esplendor, á digna patria.
Como o formoso irmão no avito imperio
Dará sagradas leis em clima extranho,
Leis, amigas do céo, do mundo amigas.
Ligada em áureo nó, com fausto agouro,
A regio, claro herôe, credor de obtêl-a,
Fará que a seu louvor não baste a fama,
E cance de espalhar-lhe as maravilhas.
Seus thesouros serão, será seu throno
Asylo maternal dos malfadados,
Almo refugio da Virtude oppressa,
Da sã Justiça, da innocencia amavel:
Tristes que a virem ficarão contentes.
Merito, e galardão, delicto, e pena
Debaixo do seu jugo hão de enlaçar-se;
Por muito, e muito que a Fortuna a brinde,
Mais ha de conferir-lhe a Natureza.
Tantas vezes o sol trará seu dia,
Seu dia, pelas Graças enfeitado,
Que, antes que cesse de guial-o ao mundo
Com tanto resplendor, qual hoje o doura,
Hão de esparzir-se nos cerúleos ares
Rotas as rédeas dos Ethontes fulvos.
Vai, Lysia, volve aos teus; co'a face augusta
Regosija os mortaes, de ti saudosos.
O Fado o proferiu: mil bens te esperam.

LYSIA

Graças, numen clemente! Eu corro, eu corro
A derramar na terra o grande annuncio.

GENIO

Lysia, Lysia feliz! Commigo exulta:
Tudo se cumprirá; não mente o Fado.

9

Aos annos da mesma Senhora.

(29 de Abril de 18...)

Além do firmamento, além do espaço
Que por lei summa franqueara o seio
A mundos sem medida, a sóes sem conto;
Aquelle, cujo throno immenso, immovel
Vence ao diamante a consistencia, o lume,
Tem por base e docel a eternidade;
O só Principio dos principios todos,
Co'um sorriso avivando o ethereo dia,
Lançára a seu thesouro a mão suprema:
Mil virtudes, mil bens, mil dons, mil graças,
A que o tacto divino alteia o preço,
Surgem do eterno cofre; e alado genio,
Que as barreiras do céo transpõe n'um vôo,
Por entre o resplendor, que em torno espraia,
Traz o gran donativo á Natureza;
E vem com elle reluzindo os Fados,
Que ao celeste penhor cingira o nume

«Ministro universal da omnipotencia!
(Clama o nuncio radioso) a ella é grato
Que d'estes sacros dotes se atavie
Prole de reis, de heróes, um digno ramo
Da planta, que immortal florece em Lysia,
De olympicos orvalhos animada;
Uma alma singular, idonea ao sangue
Do mortal, que vencendo o gráo de humano,
Foi pela voz de um Deus chamado, eleito
Á virtude, á grandeza, ao throno, á gloria;
Que possante, magnanimo, assombroso,
C'o arnez da razão, da fé munido,
Lybicos monstros de terriveis garras
Feriu, rompeu, prostrou, desfez qual raio;
A cinzas reduziu, a pó, e a nada
Os templos da impostura, as aras do erro;
Depois que a divindade o véo rasgando,
Esse véo sacrosancto, impenetravel,
Que a recata do mundo, ante seus olhos
No lenho remidor se fez patente;
E com elle travando alta alliança,
As insignias lhe deu, lhe deu o imperio.»
Disse o fulgente espirito; e soltando
Das azas de aurea cor fragrancia e nectar,
Em pélagos de luz desapparece.
Tremeu de acatamento a Natureza
Em tanto que o decreto absorta ouvia;
Eis que volvendo a si risonha, ufana,

No brilhante composto exhaure a industria;
Une ás graças moraes externas graças,
Divinaes perfeições á essencia humana;
E exulta, e se revê nos dons que enlaça.
  Adoravel princeza, estes encantos
São teus, são teus: no espirito, na face,
Na voz, no coração te resplandecem;
Com elles teu natal se afformosêa;
Por elles de mil jubilos c'roado,
Em perfumes envolto, envolto em flores,
No gremio puro de benigna Aurora
Aos votos dos mortaes os céos o enviam.

10

Aos prosperos annos da Serenissima Princeza do Brazil, a Senhora D. Carlota

(Recitado no Theatro da Rua dos Condes, em 25 de Abril de 1801)

Tu, patente á razão, velado aos olhos,
Monarcha do universo, alma de tudo;
Immenso, que em ti mesmo apenas cabes,
Que tens no ser, na mão, na voz, no aceno
Fados, eternidade, omnipotencia,
De que o raio é pregão, e o mundo é prova:
Ah! Manda que teus jubilos sem conto,
Que elysias flores, Zephyros do Olympo
C'rôem, bafejem de Carlota o dia;
Que o sol, que o teu reflexo a imagem tua,
Com elle avive a purpura d'Aurora,
Com elle regosije, adorne, alteie,
Gradue em divindade a Natureza,
E vá com elle, ovante, além das eras.
Próle de um semideus, esposa de outro,
(De outro, inf'rior, oh Jove, a ti sómente)

Carlota é de teus dons, de teus thesouros
Nas graças, no attractivo, a flôr, o extremo.
Qual no céo reluziu quando, inda exempta
Da corpórea prisão, sua alma bella
Serena de astro em astro vagueava,
Qual no céo reluziu, reluz na terra.
Em seu candido rosto encantos brilham,
Razão lustrosa lhe atavía a mente,
Sorrisos a grandeza lhe temperam:
Tem mais sublime a indole que a Sorte,
Maior o coração que a dignidade.
Aos ais do afflicto, do infeliz aos prantos
Desde o cimo da Gloria, e da Ventura
Dá materno favor, materno ouvido,
Emulando, a par d'elle, os mil portentos
Do consorte immortal, do heróe piedoso,
Por quem, de aureas delicias esmaltado,
O céo de Lusitania as trevas déspe,
E é qual foi quando assidua primavera
Cubriu de virações, ornou de rosas
Ao tenro globo a superficie amena,
Quando em correntes susurrava o nectar,
E, o mesmo no zenith, ou no horisonte,
O sol benignos lumes espraiava;
Benignos lumes, como espraia a lua,
Se com pleno fulgôr prateia os mares.
  Os idolos da patria, o par brilhante,
Dos mortaes o esplendor, João, Carlota,

Oh rei da Eternidade, oh rei dos Fados,
No throno avito, heroico, á sombra tua,
De seculos, e seculos triumphem:
D'elle, d'ella se esquivem Tempo, e Morte,
Dure-lhe a vida o que durar seu nome.
O Tejo, despejando as urnas de ouro,
Ás plantas lhes deponha o gran tributo,
Té que a terrestre machina abysmando,
Sorva tempos mortaes o tempo eterno.
Tua respiração, dos céos perfume,
Purifique o natal formoso, e caro,
Em que ufana, em que altiva a Natureza
Se enleva, se revê, se ri, se encanta.
Já de Saturno as épocas voáram,
Férrea, medonha edade aggrava os entes.
Ah! D'entre os mortos seculos surgindo
Envolto em rosas, o melhor dos dias,
Dos dias que perdeu console o mundo.
Taes, e tantas de Lysia as preces foram
Ante o solio de Jove, e d'elle ouvidas
Colheram n'um sorriso omnipotente
Da implorada mercê penhor e annuncio.
São mimosos do Fado, a Jove acceitos,
Cobre a sombra d'um Deus João, Carlota:
Modelo das nações! Oh patria! Exulta.

11

Aos faustissimos annos da Serenissima Senhora D. Maria Benedicta, Princeza Do Brasil, viuva.

(Recitado no Theatro do Salitre, em 25 de Julho de 1796.)

Sacro delirio, creadora insania,
Que, não paga de um Deus, de um céo não paga,
Ousaste pregoar mais céos, mais deuses;
Opulenta indomavel phantasia
Dos homens quasi numes, que, invadindo
Os bronzeos penetraes da Eternidade,
Presumiste erigir no centro d'ella
O paço a Jove, o tribunal aos Fados,
Os astros povoar de vãs deidades,
E, esforçando o terror da Natureza,
Depois arremetter do Averno ás portas,
Sumir teus vôos pelo immenso abysmo,
Erguer Plutão sanhudo em férreo throno,
Fingil-o ao Medo, figural-o ao Crime
Regendo as Furias, legislando á Morte:
Oh Genios sem limite, oh vós, que outr'hora

Daveis aromas, templo, altar, ministros
Á virtude immortal das almas bellas,
Mais puras, mais brilhantes, mais formosas
Que o filtrado clarão das éras de ouro!
Manes, sagrados manes! Se, arrombando
Da existencia, e do nada o muro eterno,
Volvesseis a vagar no globo infausto,
No globo já corrupto, e não lustroso
Do primevo explendor! Se ao alto olhando
Por entre a névoa de apinhados vicios,
(Semente nunca esteril no universo)
Visseis em summo gráo, remoto d'elles,
Luzir dos hymnos meus o grande objecto,
Luzir Maria, a singular Maria,
Prole de reis, de heróes, de semideuses,
Do imperio universal por si crédora,
Maior que os Fados seus, maior que a Fama!
Irieis com transporte, e jus mais sancto
Sagrar-lhe aromas, templo, altar, ministros.
  Seu dia, que deveu aos céos cuidado,
E no sol, como os mais, não teve origem,
Seu risonho natal, quasi tão puro
Como o seu coração, deu hoje á terra
Prazeres, cuja ideia encantadora
Foi ao estro dircêo talvez negada.
  Hoje Aurora surgiu não somnolenta;
Hoje Aurora, anhelando anticipar-se,
Na orvalhosa madeixa desparzira

Almos perfumes, a que céde o nectar:
Flôres, que dispuzera, e que zelava
Nos elysios jardins cultor divino,
Para toucarem a manhã mais bella,
A mais bella manhã, que sobre o Tejo
Em chuveiros as Graças derramando,
Á superficie azul subtís cardumes
Attrahiu dos Favonios brincadores,
Por mais doce fragrancia enfeitiçados,
Uns após outros desdenhando as rosas.
Sorriu-se, como nunca, o rei dos entes
No ponto em que raiou tão fausto dia,
D'entre os ethereos orbes deslisado;
Sorriu-se, e reflectiu no céo, na terra,
Na face festival da Natureza
O adoravel sorriso omnipotente,
Capaz de produzir mil sóes, mil mundos,
Torcer os Fados, e alegrar o inferno.
Então, a eternas leis curvado o Tempo
Na corrente fatal dos bens, dos males,
Em que é vida este anel, e aquelle é morte,
O Tempo então, depondo a fouce, as azas,
Puliu aureo fuzil, tão reforçado,
Que o desabrido assalto, o pezo, o encontro
Dos seculos em chusma, o não rompessem:
Deve tanto a Virtude ás divindades!
És, brilhante fuzil, és a existencia
Da regia, da magnanima heroína,

Que n'alma florecente o céo resume;
Augusto coração, cuja grandeza
Quando aos miseros desce aos astros sóbe,
E colhe em galardão a eternidade.
Encanto universal, matrona excelsa,
Como que ao templo ingente, onde a Memoria
Construe estatuas, que não róe a edade,
Erguido, arrebatado o pensamento,
Por entre as altas copias venerandas
D'aquellas, que transpõem o horror do Lethes,
Lá vê sobresair a imagem tua,
E lê na, que a sustém, perpétua base:
«A gloria de Maria é mais que a vossa:
Ao bronze sup'rior curvae-vos, bronzes!»

12

Congratulação ao Principe, e á Patria, na Paz Universal

(Anno de 1801)

. . . . . . *Ferrea primum*
Desinet, ac toto surget gens aurea mundo.
Virgil. Eclog. IV.

Pezavam sobre a terra os ferreos Tempos:
Do facho das Euménides saltava
Em scentelha, e scentelha um novo crime,
Extranho aos homens, e usual no Averno.
Ardia o coração da triste Europa
Em chammas, que a Discordia reforçava
C'o ardor, que zune, estala, ondêa, eterno
Nas fragoas immortaes do horrivel Pluto.
Pelo amplo continente, e além dos mares
Entravam, bravejando, as leis, e as Furias;
Céres espavorida os ermos campos
Ao numen da matança abandonava;
De iniquas mãos espolio, o docil bruto,
Socio fie[illegible]

A robusta cerviz curvava ao ferro,
A robusta cerviz, que déra ao jugo.
Era sonho a razão, systema o crime,
Era fado a crueza, instincto a guerra
No attonito, infeliz, sanguineo globo.
O cáhos resurgia, inerte, opáco,
Do abysmo, onde o sumiste, oh Ente immenso!
Em hórridos baixeis trovões de bronze
No alto Oceano alardeavam mortes:
O duro inglez, o déspota dos mares,
Torrente universal de cem victorias
Sustinha, represava ao gallo ovante.
Albion, portentosa, invulneravel,
De espumas, e trophéos cingida, ufana,
Co'as barreiras equóreas blasonando,
Ás miseras nações atropelladas
Mostrava o brio illeso, immune o seio,
Da patria o sancto amor perenne, intacto.
Delirante ambição de falsa gloria
Na Gallia turbulenta, e já não culta,
O peito revolvia aos igneos Martes.
Nas azas da invasão transpunham serras;
Aos rapidos guerreiros se ant'olhavam
Valles os Pyrenéos, planicie os Alpes
(Colossos, que dos céos o pezo aturam!)
Iberia vacillou, tremeu Germania,
As Aguias, os Leões se acobardáram:
Iberia, que fez face aos reis do mundo,

Do mundo á capital, e a gran Germania,
Que outr'hora as legiões sorveu de Roma,
Forçando o seu tyranno a dó pezado.
  Tu, flor das regiões, formosa Italia!
Dos Fabricios, dos Régulos, dos Fabios,
Dos Brutos, dos Catões tu mãe, tu nume!
Oh fóco da grandeza, e do heroismo!
Rival da Grecia, vencedora, herdeira!
Viste milagres seus desarreigados
De teu seio gentil, só digno d'elles!
Insana usurpação, brutal rapina
Extorquiu, profanou, desfez portentos,
Sacros á furia de hyperbóreos monstros,
Da tragadora edade á furia sacros.
As mestas Artes, co'a melhor na frente,
(Aquella que os heróes ergue da morte,
E em metro venerando os perpetúa)
Carpindo-se, abraçando-se, fugiam.
Teus póvos, infeliz, teus cultos póvos,
Dados ao ferro, á chamma, o céo rasgavam
Em lamentos, em ais; saudades tinham
Do sceptro, que os Caligulas mancháram,
Do tempo em que os tyrannos foram deuses!
  Ai! Que faria a miseranda Ausonia,
Sem ter Camillos, que oppozesse aos Brennos!
Afeito a dardejar tartáreas flammas,
O Vesuvio pasmou do extranho incendio,
E de enorme vulcão por entre as [illegible]

Alçando o torvo Dite a fronte adusta,
Quanto vira no inferno olhou no mundo.
O mundo agonisava... oh céos! Nem Lysia,
A que á sombra de Jove altêa o cólo,
Nem Lysia se eximiu do mal nefando,
Lysia, de um semideus herança, e patria!
Nos seus, imagem vossa, elysios campos,
Já bramia o furor, manava o sangue;
Já... mas subito, á voz do Omnipotente,
Que os Aquilões nos Zephyros converte,
Recolhe as azas a procella immensa,
Librada sobre o lugubre universo.
  Ante o solio de innumeros luzeiros,
Que alumia os salões da Eternidade,
Teu nome, alto João, e as preces tuas
Contra o commum flagello empenhos foram.
  «Eia, ministros meus: em risco é Lysia!
(D'entre milhões de sóes o Eterno exclama)
Se a quiz exp'rimentar, salval-a quero.
A promessa de um Deus não retrocede,
E d'ella inda lembrado Ourique exulta.
O que Affonso escutou João merece,
As virtudes do avô melhóra o neto:
Vós sabeis ante mim quanto differe
O pacifico heróe do heróe guerreiro.
Momento, em que hei fadado a paz do globo,
Annexo ao p'rigo está, que Lysia corre.
Ide, Espiritos meus, Concordia, vôa:

Azedos corações adoce o nectar,
Que entorna em meus jardins manhã sem noute.
Concurrentes nações — Britannia, Gallia —
Deponham timbres vãos, tenaz orgulho;
Em laço fraternal suffoquem odios,
De que deixei pender do mundo a sorte.
Arcanos, que nem mesmo a vós se aclaram,
Em penetraes de bronze a mim só francos,
Do universal contagio o fim permittem.
Etherea viração comvosco adeje,
Que varra aos ares do orbe a estygia peste.
Co'um aceno abysmae no Averno as Furias:
Por ora sobre a terra apenas fiquem
Os erros dos mortaes, innatos erros,
Té que os lave o Remorso á Natureza.
O commercio prospére, as artes brilhem,
Floreça a paz, a industria, a gloria, tudo.
Os homens o pareçam.» — Disse, e fez-se.
  Em fim, Principe augusto, em fim, poderam
Teu rogo, incensos teus dobrar um Nume!
O que ao mundo negou por ti lhe outorga:
Lysia vale o universo ante seus olhos.
Imagem do teu Deus, pae de teu povo,
Inunda o coração dos bens, que esparges;
Exulta, vive, reina, e brando acolhe
Offrenda, que a teus pés depõe submisso
Quem, dado ás Musas, e anhelando a fama,
Se honra em teu jugo, tuas leis adora

13

Consagrado ao nascimento da Serenissima Senhora Infanta D. Izabel Maria

(Recitado no Theatro da Rua dos Condes, no anno de 1801)

Interlocutores: Actor, Actriz

Actor

Musas, Musas do Tejo, alçae ao pólo
Versos dignos de reis, da patria dignos.
Desenruga-se o Fado, os tempos volvem
Quaes a vate Cuméa os viu na mente
O mundo se renova, o cáhos triste,
Com que oppressa gemia a Natureza,
Em dias se desfaz de riso, e de ouro.
No manto côr de neve Astréa envolta
As eras de Saturno á terra guia:
Desliza-se dos céos estirpe nova;
Sorriso virginal, penhor divino,

Apura, formoseia os ares nossos;
Em Zephyros mimosos se convertem
Os duros Aquilões; luzeiro errante
Surge, rutila da sinistra parte,
E com faustos satélites discorre
D'este a aquelle horisonte os céos de Lysia,
Ingente, magestoso, e qual outr'hora
Dourou a alma de Julio o céo de Roma,
Phantasmas desvanece, agouros varre.
  Salve, casta, benefica Lucina,
Fautora do gentil, do amavel fructo
Que brota de sagrada, eterna planta!
Salve, prole de heróes, prole adoravel!
Tu vens embrandecer com teus encantos
A ferrea edade, o seculo das Furias;
Amor, paz, innocencia ao mundo off'reces
Dos olhos infantís no doce lume,
Luzindo, vicejando em mil virtudes,
Irá no coração, maior que os annos;
De glorias cingirás tua existencia;
Por ti conciliado o céo co'a terra
Veremos, e por ti verificar-se
Quanto as mentes phebéas têm sonhado.
Nos tempos de João, nos tempos nossos
Ha de o passo de Jove a patria honrar-nos:
Hão de os netos de Luso, ao deus tão gratos,
Qual se vive no céo, viver no mundo:
Mixtos os numes e os heróes veremos:

E, se rastos houver do crime antigo,
Apagados serão por teus influxos.
Do flôres se matiza em honra tua
A leda Natureza: o térreo seio
Levanta o myrtho ameno, a paphia rosa,
O loureiro honrador, e o molle acantho.
Nas varzeas para ti se está sorrindo,
De aurea espiga toucado, o mez de Céres;
Vae teus louvores murmurando o Tejo,
E ao potente Oceano, ao rei dos mares
Leva teu nome, o teu natal, teus fados
Na voz, que adoça ao proferir o annuncio.
Atêam-se entre as alvas, brandas nymphas
Doces debates: entre si contendem
Qual primeiro abrirá nas vitreas lapas
Teu nome idolatrado; e qual primeiro
Teu aureo berço, teu virgineo corpo
Na téla imitará com sabia agulha.
Tumultuando os céos trovão de bronze,
Não murcha corações, não tolhe os hymnos
Que o transporte, que o jubilo desata.
O numen da braveza, o deus do sangue,
Ouvindo que teu ser já luz no mundo,
Do carro assolador saltando alegre,
O elmo, a lança, o pavez arremessando,
Ficará tão sereno, e tão macio,
Como quando entregava, acceso em gostos,
De Venus ao regaço a crespa fronte,

E co'as armas folgando os Amorinhos,
Do caracter deposto escarneciam,
Caracter surdo aos ais, aos prantos surdo,
Que uns olhos, que um sorriso amolleceram.
   Melindrosa, gentil, real menina,
Cópia das Graças, dos Amores cópia;
Filha digna dos paes, delicia d'elles,
Cresce, brilha, prospéra, exulta, vive:
Quaes são teus olhos os teus dias sejam,
Claros, formosos, innocentes, puros!
Querida prole, a conhecer começa
A carinhosa mãe, que magoaste
Com agro pezadume em longos dias;
Melhora os risos teus nos risos d'ella:
És semidéa, ficarás deidade.

ACTRIZ

   Para o penhor mimoso
D'entre os syderios lumes,
Olhae, benignos entes,
Olhae, propicios numes.
   A providencia vossa,
Vosso favor merece
Quem tanto, oh divindades,
Comvosco se parece.
   Genio de luz composto
Córte os ceruleos ares.

E dos monarchas lusos
Orne os pompōsos lares.
Ao marchetado berço
Risonho se approxime,
E ali requinte as graças
De espirito sublime.
Seus luminosos fados
Zelando em cofre de ouro,
Lustre, enriqueça o mundo
C'o singular thesouro;
Affague a doce prole
Dos que são mais que humanos:
D'ella um só dia occupe
O que não cabe em annos;
E quando em tardas eras
Voar d'entre os mortaes,
O céo na posse d'ella
Gose de um astro mais.

14

O Actor agradecido á Beneficencia Publica

(Recitado no Theatro do Salitre, no anno de 1798)

Interlocutores: Thalia, e o Actor

Actor

Filha de Jove, tutelar deidade
Dos vates immortaes, dos genios grandes,
Que sobre a scena golpeando o vicio,
Sementes da virtude arreigam n'alma,
E as fezes das paixões lhe extráem com arte;
Oh Musa festival! Não menos grata,
Não menos util á moral, e á vida,
Meneando o pincel, com que semeias
A critica verdade, o sal, e o riso,
Não menos util, sim, não menos grata

Que a magestosa irmã, desentranhando
Da funda escuridão dos tempos mortos
Exemplos, que do mal nos acautelem,
Ou modelos, que ao bem nos encaminhem:
Os terriveis affectos da grandeza,
Os crimes da ambição, de amor os crimes,
As artes da politica impostora,
O baque dos imperios derrubados;
Os Regulos, Catões, Horacios, Codros,
Rivaes dos numes, victimas da patria:
A innocencia acolá gemendo em ferros,
Ali torcendo as leis protervo abuso;
Ora o justo por terra, ora exaltado,
Ora ovante a maldade, ora abatida;
Já com brutas paixões a humana especie
Submersa no labéo, no horror, na infamia,
Já virtude alteando a Natureza,
Em amplos corações ardendo a gloria,
E, fertil de portentos, conseguindo
Que, envolta no heroismo, agrade a morte.
Assombros de Melpómene sagrada,
Voltaires, Crebillons, ministros d'ella,
Que a attenção subjugaes, o gosto, a mente,
Vós culto mereceis, vós sois eternos,
C'os outros, que immortaes vos precedêram
D'alta memoria na fragosa estrada!
Mas tu, Plauto do Sena, eximio vate,
Tu, que dos corações sondando o abysmo,

Com vista imperturbavel em si mesmos
Estudaste os mortaes: pintor insigne,
Que o prazer, e o proveito entrelaçando
No engenhoso matiz das ledas cores,
Quaes são, quaes foram debuxaste os homens,
Das meãs condições fizeste o quadro,
E ao quadro breve reduziste o mundo!
Tu, que, não pago de instruir co'a penna;
Co'as vozes sazonaste os fructos d'ella,
Tu és credor tambem da eternidade,
Alumno de Thalia! — E por teu nome
Hoje espero impetrar da casta deusa
Favor, benevolencia, abrigo, influxo;
Hoje que, deferindo ás preces minhas,
Do sacro monte as veigas desampara,
Sáe d'entre o vario circulo brilhante
Das divinas irmãs, do irmão divino,
De Phebo, que revolve, entende os Fados,
E no peito mortal se embebe ás vezes.
Oh Musa, que me attendes, que trocaste
Pelas margens do Tejo as do Permesso,
E no clima gentil, que aromatisas,
Vês luzir florecente amenidade,
Vês tão risonho o céo, tão verde a terra,
Sentes de mil Favonios os suspiros,
A ciciosa turba, que vagueia,
Pulindo os ares, namorando as flôres,
Quaes lá no cume excelso, estancia tua:

Digna-te de influir-me activas forças,
Capazes de hombrear com meus desejos.
De ti pende o regrar-me a voz, e o gesto,
Para que nem transponha a Natureza
Nas azas de fervor desattentado,
Nem cobarde rasteje áquem da méta,
Roto o véo da illusão. Meus olhos pintem,
Mostrem meus labios a influencia tua,
Agora que de esplendido congresso
Magnanimo favor me especialisa,
Geral beneficencia a mim dimana.
Honre os suores meus, oh divindade,
A gloria de attraír mais digno premio,
A gloria de aprazer aos illustrados
Nest'arte de sentir paixões alhêas,
Quasi transmigração a essencia nova.
Ás supplicas mortaes propicía annues!
Feliz meu coração! Feliz meu rogo!

Thalia

Honrosa gratidão te inflamma o peito,
Da patria o doce amor te ferve n'alma,
Sagrados, candidissimos objectos,
Que da terra, e dos céos merecem tanto!
Prometto de inspirar-te em honra sua;
Não temas fraquear, terás comtigo
Nos lances, nas acções de mais momento

Não visiveis os manes instructores
D'aquelles que no Tâmisis, no Sena
Ao claro nome seu padrões alçaram,
Ou revocando as generosas cinzas
De finados heroes, ou exprimindo
Em caracter menor paixões mais brandas;
Cingidos de tal arte á natureza,
Que a mente, pelos seculos errante,
Oh Grecia! Oh Grecia! Teus milagres via,
E o mais em que se apraz a humanidade.
Exerce, actor ditoso, exerce as forças,
Que á patria, de que és filho, estás devendo;
Confia na assembléa espectadora,
Na sublime nação, que afaga as artes,
Que, á virtude, ao saber, e ás Musas dada,
Tambem com mestra mão colheu meus louros.
Lá onde entrar não ousam tempo, e morte
Os Ferreiras, os Sás perennes brilham;
Elles no meu thesouro estão velando,
E o genio creador, que os fez eternos,
Mil vezes das estrellas deslisado,
Em lustrosos effluvios se reparte
Por vós, oh lusos vates, que inda á Fama
Dareis com que afadigue as linguas cento,
E a plaga occidental por vós espante
As outras, do renome alheio escassas.

ACTOR

Oh mais que fausto agouro! Oh patria! Oh numes!
Oh deusa protectora! A teus influxos
Sagrarei por altisonos cantores
De ethereo resplendor c'roados hymnos.

15

Ao Publico em nome de Leocadia Maria da Serra no dia do seu beneficio

(Recitado no Theatro do Salitre, no anno de 1799)

Interlocutores: Actor e Actriz

Actor

Por uma estrada só não se encaminha
O genio lidador, votado á Fama:
As diversas paixões tem fins diversos,
São diversos os gráos, onde a virtude,
Onde a gloria aos mortaes colloca os nomes.
Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte
Raios de ferro, ou bronze arrosta aquelle:
Arde, freme, esbravêa, arqueja, espuma,
Em quanto, do espectaculo atterrada,
Parece que recúa a Natureza.
Este em douta vigilia, e reclinado
Da planta de Minerva á sombra amiga,

Estuda os corações, estuda os tempos,
Sonda costumes, caractéres sonda,
E, corrigindo os mais, a si corrige.
Est'outro, desdenhando a baixa terra,
Nos extasis phebêos discorre os astros;
Travam seus olhos do futuro esquivo,
Da immensa eternidade arranca os Fados:
Mortal na condição, na voz é nume.
Renascem Raphaeis, Phidias renascem;
O magico pincel prodigios vérte,
E em milagrosas mãos a pedra vive.
Tu tambem, raro dom, tu, dom lustroso
De exprimir as paixões, de erguer á vida
Claros heróes, que no sepulchro dormem;
Tu, ante quem o avaro ímpetos sente
De ir desaferrolhar thesouro inutil,
Malfeitor coração detesta o crime,
O que em sangue esparziu compensa em pranto,
E, ou receie o ludibrio, ou ame a gloria,
O mau se torna bom, e o bom perfeito:
Portentosa illusão, que senhorêas,
Que encantas corações co'a voz, e o gesto,
Tu na posteridade aos que te exercem,
Se és d'elles dignamente exercitada,
Classe (e classe não infima) grangêas.
Quanto ao sexo mimoso apura as graças
Est'arte, a mais irmã da natureza!
Congresso espectador! Vós o sentistes
*

15

Ao Publico em nome de Leocadia Maria da Serra no dia do seu beneficio

(Recitado no Theatro do Salitre, no anno de 1799)

Interlocutores: Actor e Actriz

Actor

Por uma estrada só não se encaminha
O genio lidador, votado á Fama:
As diversas paixões tem fins diversos,
São diversos os gráos, onde a virtude,
Onde a gloria aos mortães colloca os nomes.
Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte
Raios de ferro, ou bronze arrosta aquelle:
Arde, freme, esbravêa, arqueja, espuma,
Em quanto, do espectaculo atterrada,
Parece que recúa a Natureza.
Este em [illegible]douta vigilia, e reclinado
Da [illegible] Minerva [illegible] amiga,

Estuda os corações, estuda os tempos,
Sonda costumes, caractéres sonda,
E, corrigindo os mais, a si corrige.
Est'outro, desdenhando a baixa terra,
Nos extasis phebêos discorre os astros;
Travam seus olhos do futuro esquivo,
Da immensa eternidade arranca os Fados:
Mortal na condição, na voz é nume.
Renascem Raphaeis, Phidias renascem;
O magico pincel prodigios vérte,
E em milagrosas mãos a pedra vive.
 Tu tambem, raro dom, tu, dom lustroso
De exprimir as paixões, de erguer á vida
Claros heróes, que no sepulchro dormem;
Tu, ante quem o avaro ímpetos sente
De ir desaferrolhar thesouro inutil,
Malfeitor coração detesta o crime,
O que em sangue esparziu compensa em pranto,
E, ou receie o ludibrio, ou ame a gloria,
O mau se torna bom, e o bom perfeito:
Portentosa illusão, que senhorêas,
Que encantas corações co'a voz, e o gesto,
Tu na posteridade aos que te exercem,
Se és d'elles dignamente exercitada,
Classe (e classe não infima) grangêas.
 Quanto ao sexo mimoso apura as graças
Est'arte, a mais irmã da natureza!
Congresso espectador! Vós o sentistes
*

Quanto aquella, que é hoje objecto amavel
Do publico favor, pintou nos olhos,
Nos labios, nas acções, nos ais, nos prantos
O terror, e a piedade, alma da scena,
O affecto conjugal, e a dor materna,
Envolta em longos véos da cor da morte!
Benignos corações, hallucinados
De eloquente, pathética apparencia,
Julgastes ver surgir da morta edade
A esposa de Raúl, e em mil suspiros
Mandar o pensamento á sombra amada.
Soáram vivas, lagrimas correram,
Do transporte geral não dubia prova;
E a terna gratidão, sagrado affecto,
Vem tributar-vos sentimentos puros
Na doce voz da revivente Elisa.
  Chega, e vê que espectaculo pomposo,
De illustres cidadãos vê que assembléa
Concorre a proteger-te; ouve que applauso
Generoso te exalta, e vae fundando
Em robusto alicerce a gloria tua.
Os dous formosos dons — temor, e pejo, —
Realces de teu sexo, não supprimam
Da bella gratidão sensiveis mostras.
Sólta a candida voz da singeleza,
Que em silencio te escuta um povo egregio,
Um povo, o mais feliz, e o mais amavel
De quantos sobre a machina terrena

16

Despedida de Antonio José de Paula aos Portuenses,

(Recitado no seu Theatro no anno de 1802)

Alta virtude, sentimento augusto,
Que, absorto no esplendor, na dignidade,
Na grandeza, no ser, distancia, fórma
Das estrellas, do sol, do mar, da terra,
De quanto constitue a Natureza,
Ergues de céos em céos ao rei dos entes
Nuvem de aromas, que perfuma os hymnos,
Quando além do universo, além do espaço
Se embebe a voz mortal no seio eterno!
Divina Gratidão, que até rompêste
Por entre immenso horror, de Lybia os ermos,
Que déste nos leões exemplo aos homens,
Que do novo espectaculo assombraste
O vasto circo da orgulhosa Roma,
Tornando carniceira, horrivel féra
Ante o seu bemfeitor macia, e branda!
Divina Gratidão, tu és, tu foste,

Mas vejo reluzir brilhante agouro,
Que, afagado por vós, me aponta ao longe
Digna da patria n'um futuro honroso.
  Da gloria no horisonte os olhos fito,
E á publica, efficaz beneficencia
Meus dias consagrando, anhélo o tempo
Em que os esforços meus, os meus desvélos
C'rôe mais a razão do que indulgencia,
E eu clame, decantando alta victoria:
«Porque é gloria da patria, estimo a gloria.»

16

Despedida de Antonio José de Paula aos Portuenses,

(Recitado no seu Theatro no anno de 1802)

Alta virtude, sentimento augusto,
Que, absorto no esplendor, na dignidade,
Na grandeza, no ser, distancia, fórma
Das estrellas, do sol, do mar, da terra,
De quanto constitue a Natureza,
Ergues de céos em céos ao rei dos entes
Nuvem de aromas, que perfuma os hymnos,
Quando além do universo, além do espaço
Se embebe a voz mortal no seio eterno!
Divina Gratidão, que até rompêste
Por entre immenso horror, de Lybia os ermos,
Que déste nos leões exemplo aos homens,
Que do novo espectaculo assombraste
O vasto circo da orgulhosa Roma,
Tornando carniceira, horrivel féra
Ante o seu bemfeitor macia, e branda!
Divina Gratidão, tu és, tu foste,

O orgão de meu dever serás co'a patria.
Meus labios com teus sons aromatisa,
Dá-me a tua energia, impulso, alteza
Converte-me em ti mesma, ou sê meu nume.
Egregios, venturosos habitantes
Do opulento, affamado, antigo emporio,
D'a, que aos patrios annaes, ampla cidade
Nos fastos deu materia, e nome a Lysia,
Filhos de excelsa mãe, da torreada,
Magestosa rival d'alta Ulysséa,
Sensiveis attendei-me, ouvi benignos,
Verdade, e gratidão, que sôam d'alma.
Nos campos desiguaes onde Thalia,
E a carrancuda irmã, com riso, e pranto
Melhoram corações, o vicio punem,
Ousei com rosto imberbe, e planta incerta
Dos Barons, dos Le Kains seguir a estrada,
De fragoso terreno, e fim remoto.
No estudo, no suor, no ardor, no gosto
Meus dias envolvi, sonhei doural-os
De um brilhante futuro: honrar, e honrar-me.
Tentou ave rasteira os vôos de aguia,
Já no clima natal, já n'outros climas;
Cem vezes adejei, tremi cem vezes
Ante os cumes da Gloria, a mim vedados:
Queria o coração, não pôde o genio.
Co'a mente recuando ao gran principio
Do merito, que luz na scena heroica,

17

Ao publico, em nome de um actor no dia do seu beneficio

(Recitado no Theatro da Rua dos Condes, no anno de 1803)

Requintado artificio além da méta
Tentava da illusão levar o imperio.
Graças mimosas, feminis encantos,
Espinhosos desdens, macio afago,
Prisão tão doce aos corações, o riso,
E o pranto, aos corações prisão mais doce:
Affectos, que dulcísonos se exhalam
Na voz, orgão de amor, feminea, branda,
Ha pouco, em som viril falsificados,
Um agro não sei que deixavam n'alma;
De ternas sensações (já dor, já gosto)
Vazio o peito, suspirava encher-se;
O pensamento, o coração pediam
Mixto aprazivel de verdade, e engano.
   A sabia Natureza, a mãe das artes
Eis volve á scena lusa, e já com ella
Florece a formosura, attráe, sacia

Olhos sedentes, soffregos ouvidos.
Zenobia, Elysa, Cleofide acordam
De eterna escuridão, de ferreo somno.
Dos seculos o pezo ellas sacodem,
E em niveas faces, em purpureos labios,
No talhe magestoso, em alma, em tudo,
Vem reinar sobre a scena, e são quaes foram:
O attento espectador palmêa, exulta,
E a fonte das paixões borbulha, e corre
Por flóreo, natural, gentil caminho.
Eu, oh d'alta Ulysséa illustre povo,
Eu de tenues paixões frouxo arremedo,
Em habito fallaz exercitando,
Os quadros distingi moraes, e amenos,
Onde alegre illusão com risos mente.
Meu passo, minha voz, vontade, affectos
Á natureza em fim se restituem:
Qual me quiz, qual me quer, qual sou, pratico
O que arte escassa, o que mesquinhas luzes
Á mente escura, indocil me doáram.
Espectadores meus, que honraes meu dia,
Risonha complacencia os erros doure
Do inerte, humilde actor, que a patria implora.
Sêde o que fostes, e talvez, surgindo
D'entre os nomes communs, será meu nome,
Oh claros cidadãos, prodigio vosso.

18

Ao publico, em nome de um actor no dia do seu beneficio

(Recitado no Theatro de.....)

Musa de altas paixões não vem na scena
Aos olhos franquear sanguineo quadro;
Hoje as furias d'Amor punhaes não vibram,
Nem vérte surda morte em peito incauto
Co'a dextra da traição lethaes venenos:
Não tendes que temer, almas sensiveis,
Agra impressão de lugubres affectos:
Não, não vereis o parricidio negro,
Com serpes na melena, e serpes n'alma,
Todo o inferno embeber no insano Orestes;
Não, não vereis phrenetico ciume
No silencio, nas trevas ululando,
Nivea belleza em flor murchar sem mágoa,
Encantos divinaes sumir ao mundo,
Gesto mimoso, de innocencia ornado,
Olhos, e labios, que chorando, e rindo
Doce tumulto nos sentidos movem;

Trança de anneis subtís, brincando em ondas,
Cólo de amores, halito de rosas
Zaira não soltará nas mãos do amante
Entre os ais de ternura os ais da morte:
Não ha de enternecer-se, arripiar-se
A mente, e o coração na dor de Elaire,
Na sanha de Orosman, de Atrêo na taça.
  Surge á scena espectaculo attractivo,
Em que Amor com Virtude, em nó suave,
Os costumes abrande, ameigue a vida.
Notarás outra vez, congresso illustre,
Congresso bemfeitor, por quem mil vezes
Agros destinos meus se tornam doces,
Outra vez notarás o puro exemplo
Dos muitos, que exercitas, dons sublimes;
Verás, desaggravando a Natureza,
Facticia condição não dar virtudes,
O caracter moral não vir da sorte,
E o genio dos heróes luzir nos servos:
Em quanto pavonêa inflado orgulho,
Cevando de illusões a idéa esteril,
Todo ufano de si, talvez de nada,
E os olhos de travez lançando apenas
Aos que em somenos gráo quiz pôr Ventura;
Porque nescio confunde os gráos, e as almas.
  Generosa nação, que não confundes
O que deu Natureza, e deram Fados:
Oh patria que hoje em mim teus dons semêas,

lhe, escuta com silencio honroso
ıxforços de actor snbmisso, e grato,
ıem renovam descaído alento
vor, e amparo, de prodigi fonte.
restimo é dever sagrar-se á
ıe valho, o que sou jurei rar-lhe:
pouco valho, e sou, da não ı).
publico favor medranc a ı
o sentimento em mim se ı:
nerito não lógro o jus gio
m meu coração de vós é digno:
ıutavel comvosco, eterna, immensa,
ıinha gratidão será meu fado.

19

Ao publico, em nome de uma actriz que representava o papel d'Ericia na tragedia «A Vestal»

Das victimas d'Amor carpiste os fados,
Sensivel assembléa, egregio povo:
A Musa do terror, do pranto a Musa,
Mesclando affectos dous, que a scena regem,
A fonte ás sensações abriu nas almas.
Por artes de illusão revivem tempos,
Dos abysmos da morte heróes assomam,
E inda a ser existencia aspira o nada.
Aos vates, a mortaes, mas quasi numes,
Dos numes o maior de si deu parte;
Deu-lhes, que sobrepondo o genio aos fados,
Nos seculos por ser, e nos que foram,
Fizessem resurgir, nascer fizessem
Entes de alto caracter, de alto nome,
Ou indoles fataes á Natureza,
Ou ternas condições, escravas d'ella:
Taes vistes, foram taes—Ericia—Afranio;—

O féro Amor, ou déspota do mundo,
Que os homens agrilhoa, impõe aos deuses,
O cruel, que entre viboras, e flores
Nectar, nectar promette, e dá veneno
Aos tristes corações, que mais o adoram:
Elle, o commum tyranno, aos dous amantes
Lamentados por vós, em vez de glorias,
Deu ancias, deu cypreste em vez de myrtho:
Tenra belleza em flôr, virginea rosa,
D'elle por impia lei cahiu sem vida,
E o misero amador, que a vê luctando
Co'as angustias mortaes, no peito embebe
O ferro, com que Amor fadou seu termo;
Ferro, que inda goteja o sangue amado,
E em purpura trocou do seio a neve.
Assás haveis honrado, assás carpido
Os sem ventura, e candidos amores,
Os suspiros sem mancha, o caso acerbo,
A heroica intrepidez, verdugo d'ambos.
Descei vossa attenção, descei risonhos
Para objecto menor: sou eu, não ella,
Não Ericia, que falla: o chôro, as mágoas
Convertem-se em prazer na face, e n'alma:
Nem tormentos de Amor, nem fraudes suas
Meus labios, olhos meus agora exprimem;
Mas gloria, gratidão, que fervem, soam
Da protegida actriz na voz, no peito:
Ao merito vulgar, que rója, e treme,

Azas daes, com que imite adejos de aguia,
E além da propria esphera afoute os vôos:
Eu nada sou por mim, por vós sou tudo:
Mais que humano poder, poder sagrado
Por vós meu ser, meu grão, meu fado altêa.
Lysia, mimo do céo, da terra esmalte,
No seio amigo me acolheu piedosa:
Serenos dias meus são dons de Lysia,
E até que os deixe o sol, que os turve a morte,
Até que os desampare a luz da vida,
Os vossos mesmos dons vos sagro, oh lusos!

20

Ao publico em nome da actriz Claudina Rosa Botelho

(Recitado no dia do seu beneficio, no anno de 1805)

Actriz — *Claudina Rosa Botelho.*
Actor — *Victor Prophyrio de Borja.*

Actor

Os campos da Virtude estão desertos;
Não vê, não descortina o pensamento
De Lybia os areaes tão sós, tão tristes!
Ao menos os leões ali campêam,
Honram co'a magestade a Natureza,
E na coma lhe ondêa o regio brio;
Ao menos ante os sóes, que lá flammejam,
De raio assolador, de raio infesto
Ostenta escamas de ouro a serpe enorme,
Multiplica os aneis, é mil, e é uma:
Isto mesmo, este horror, esta fereza
No quadro do universo é formosura.

Oh campos da Virtude, estereis campos,
Dos serenos mortaes delicia outr'hora!
Mudou-se o gosto seu, de vós se temem;
Tal do Caucaso bruto, ou bruto Atlante
(Invasores do céo, crespos de rochas)
Recúa o passageiro, e pasma, e foge!
«Volveste ao lar de Jove em rosea nuvem,
Tu, mestra das acções, dos bens origem,
D'alma, do coração lei viva, e sancta:
Este globo, oh Moral, desamparaste!
Com azas de relampago, seguindo
Teu fulgurante adejo, a prole tua
Dos astros muito além pousou comtigo:»
O azedo misanthropo assim vozêa,
E céva o negro humor, o humor bravio
Nas scenas immoraes, que a terra off'rece.
Enrugado censor, não mais carregues
O pezado sobr'olho! Em honra á patria
Dos sabios, dos heróes, perdôa ao mundo:
Dos sabios, dos heróes a patria é Lysia;
Não fugiu para Jove o côro amavel,
Acolheu-se de Lysia ao seio intacto:
Flores ali desparze, ali perfumes,
Que o halito de um deus de si vaporam.
Alveja o divinal, o ethereo enxame;
Filtrado nectar seu, qual doce orvalho,
Cáe sobre as almas, e a Moral florece.
Não olhe a mente ao longe alto heroismo

No luso, marcio peito, a quem regala
Férreo costume de lidar co'a morte;
Não veja torrear no pégo immenso
O immenso Adamastor, procellas todo,
Que zela carrancudo as virgens ondas;
Mas depõe, mas submette aos fados nossos
A furia gigantêa, acceza em raios:
De assombros immortaes, de acções que vivem
Na idéa, o coração não se honra agora.
    Guerreiras, e pacificas virtudes
(Mixto com que os mortaes se tornam deuses)
São de Lysia o caracter portentoso:
Deu leis co'a mansidão, co'a força espantos,
E a mansidão gentil vê como exerce
Comtigo, hoje entre tantas distinguida
Do publico favor, do patrio affecto;
Olha a Beneficencia, o dom formoso
Dos céos tão filho, e nos mortaes tão raro,
Como te anima, te prospéra, e c'rôa:
Ah! Cumpre que ao dever ternura unindo,
Mimosa gratidão te adorne os labios;
Falla: sôe o dever, sôe a ternura.

Actriz

Tropel de sensações, moral tumulto,
Oh patria, oh doce patria, me assaltêa!

De affectos na torrente alma soçobra,
E só dá phrase nua á boca inerte.
Dizer que és mãe de heróes, que és mãe de justos,
Que o genio enlouras, que o saber laurêas;
Que ao merito commum, tremente e frouxo,
O susto despes, a energia infundes;
Que outra por teu favor me creio, ou sinto,
E que aspiro com elle a dar-me á gloria;
Que á vasta, magestosa, olympia estancia
Onde entre os Fados a Memoria é nume,
E onde os sellos impõe da eternidade
A titulos humanos, já divinos,
Do gran livro immortal nas folhas de ouro;
Que lá, co'a intrepidez do enthusiasmo
Por milagre da patria eu sonho erguer-me:
Isto já se escutou de gratas vozes,
Isto a meu coração talvez não basta.
Exhaure a phantasia os seus thesouros,
E áquem do teu louvor desejos ficam.
Dotes brilhantes, sociaes virtudes,
Aos ternos filhos seus de Lysia emanam,
Com practica sublime, aureo costume:
Sou terna filha sua, e da piedosa,
Da benefica mãe, que a prole amima,
Dotes, virtudes em silencio adoro.

ACTOR

Cumpriu-se alto dever, e a patria annúe
Ao nobre affecto com sorriso ameno.

ACTRIZ

Se aos sentimentos meus annúe a patria,
Outra gloria, outro fado aos céos não rogo.

ACTOR

Fervam-nos sempre n'alma eguaes extremos.

AMBOS

O que a Lysia se deve a Lysia dêmos.

21

Ao publico
em nome de uma actriz do theatro
da rua dos Condes

(Anno de 1805)

A Musa, que nas scenas de Ulysséa,
Não sem gloria, ajustava o métro á lyra,
De Elmano o só thesouro (a socia mésta
Da, quasi muda cinza, aérea sombra)
Inda um salvè tremente á luz envia,
E dá versos á patria, ou dá suspiros,
Da nobre Gratidão pelo orgão puro.
Oh Lysia! Escuta os sons, talvez extremos,
Que do seio affanoso, a custo, exhala:
(O cysne divinisa os sons na morte)
Ouve, em métro não baixo, ouve alto affecto,
Que me honra o coração, na voz me ferve,
E no patrio favor a ardencia nutre.
Recente arvoresinha em chão bravio,
De humor celeste definhando á mingoa,
(E mimosa jámais de um sol fagueiro)
Eu para a terra, para a mãe pendia,
Que os succos mesquinhava ao tenro arbusto,

Talvez de produzil-o arrependida.
Eis braço, a que apiedou meu ser já murcho,
Me extráe, propicio, do terreno avaro,
E em liberal torrão me põe, me arreiga.
Subito espérta, subito enverdece
A planta moribunda, e qual se, oh Lethes,
Afferrasse a raiz nas margens tuas,
Que das Furias o bafo esterilisa.
Influxo animador me altêa, e fólha;
Halito ameno de vivaz Favonio
Com macios vaivens me embala os ramos,
Flores me adornam, fructos me ataviam:
Os sorrisos da patria, os mimos d'ella
Estas boninas são, são estes fructos.
Das trévas, e da morte as aves feias,
(De atra voz, em que o Fado ás vezes sôa)
Fogem d'entorno a mim, carpindo agouros,
Nas agras, negras furnas vão sumir-se;
E na coma louçã gorgêa encantos
Teu cantor, Primavera, o vosso, Amores.
Quanto sou, quanto valho, a Lysia devo,
E a Lysia o coração na voz consagro.
Acólhe com ternura, acólhe, oh patria,
As offrendas por mim do triste vate,
Que para te cantar surgiu da morte,
E em ancias balbucía o tom dos numes:
Honra déste ao cantor, dá honra ao canto.

22

Para servir de «prologo» á comedia «O Extremoso»

(Representada no theatro da rua dos Condes, no anno de 1800)

Extremos, phrenesis, queixumes, prantos
Da funesta paixão, desejo insano,
Que envolto no prazer saltêa o peito;
Veneno abrazador, que os olhos bebem,
Que, disfarçado em nectar, se insinúa
No illuso coração, na mente absorta;
Sentimento oppressor da natureza,
Da vã philosophia em vão repulso;
Innata commoção contradictoria,
Fonte de crimes, de virtudes fonte,
O poder milagroso, inevitavel
De um sorriso, de um ai: divino encanto,
Cunho celeste, na belleza impresso;
Delicias, afflicção, fraqueza, e força,
D'entre um mesmo principio derivadas;
Raivosas sensações, não menos furias
Do que essas, que no Averno estão rugindo;
Chammas de tanto ardor como as que zunem

No tartáreo vulcão, de lava eterna;
O rei dos Males, o rival da Morte,
O Ciume, o teu raio, Amor tyranno,
Teu raio, que a Razão derruba, estraga,
Q'inda (oh pasmo! Oh terror!) depois de extincto
Deixa longo trovão soando n'alma:
Eis o quadro meral, de tristes côres,
Mas quadro proveitoso, interessante,
Que ao luso espectador se expõe na scena.
    Benignos cidadãos, sensiveis entes,
Que das ternas paixões sabeis o custo,
A doce tyrannia encantadora
Com que uns olhos gentís dominam tudo;
Extremosa nação, tu, que idolátras
Tenue cópia do céo na formosura;
Que elevas quasi além da Natureza
Os dous affectos em que os mais se absorvem:
Que tens no coração, que tens na idéa
Presos em laço de ouro Amor, e a Gloria;
Que, sentindo o que o mundo apenas sente,
Choras no damno alheio o proprio damno,
Nas fraquezas de um só vês as de todos,
Reconheces que amor é quasi um fado,
Um fado universal, que arrasta, e fórça
Á loucura, á desgraça, ao precipicio;
Que é despotico Amor, e o mundo escravo;
Que este imperio fatal não tem rebeldes,
Que a suberba Razão succumbe ao jugo,

No peito aniquilou privado affecto,
E, de louros sombria a fronte excelsa,
Fatigadas por elle as tubas cento,
Em sagrado retiro ergueu da terra
(Cá d'entre os reis de pouco ao rei de tudo)
A mente, digna só da immensa Idéa;
Illusões expulsou, despiu phantasmas,
Achou verdade o homem, sonho o grande:
Eis o que hoje na scena, honrando-a, surge,
Aos lusos explendor, saudade, exemplo;
Semente, que expelliu milhões de assombros
Na edade em que medrou, nas que a seguiram.
Mas não sómente, oh patria, o claro objecto
Te domine a attenção, te chame os olhos:
Se abala os corações caracter grande,
Infausta condição quem não commove?
A Musa em que apparece o gran Pereira,
Negramente fadada, urdiu nas sombras
Difficil têa, que palpava incerta;
Do miserando auctor nos olhos tristes
Eterna escuridão pousou mais cêdo.
Nos abysmos da morte, á luz sumido,
Fervendo em sancto amor, que as leis arreigam,
Colhe entre espinhos de árida existencia
Fructos de gloria com que brinde a patria,
Propicio nome, que lhe ameigue os fados.
Que direito ao louvor! Que jus ao pranto!
Chora seu fado, oh Lysia, honra seu nome

24

Fragmento

Para se recitar no theatro, por occasião de regosijo publico

(Anno de 1805)

. . . .
Na vasta perspectiva encantadora
Se embebe o coração, se embebe a mente:
Oh pae da Natureza, eterno, immenso,
Este imperio proteje, onde a virtude
Erguida sobre o throno á sombra tua
O templo social reforça, estêa,
Manda que a paz celeste, e seus encantos
Em luminoso grupo abrindo as auras,
Baixem de Lysia novamente ao seio.
Ferva nos corações, nos olhos ferva
A ternura, esse bem por ti creado,
Para se consolar, e ornar-se o mundo:
Maravilhas de um Deus um Deus amime:
É do teu dôce amor João thesouro,
Não ouse negro véo nublar-lhe os dias;
Qual é seu coração seus dias sejam
Lustrosos, firmes, transparentes, puros:
Eterniza das leis o ardor sagrado

D'ellas escudo, consistencia d'ellas,
E o sol, reflexo teu, jámais aviste
Da tumba occidental ao berço Eôo
Virtude, que a João no throno eguale,
Grandeza, que deslumbre a patria minha!
Ah! Que em chusma, em tropel me estão surgindo
Sentimentos fieis, delicias d'alma;
Eia, soccorre a voz tremente, incerta,
E em hymnos sôe o cordeal transporte.
(Cantam.)

25

Fragmento de um prologo, para se recitar no theatro

(Anno de 1805)

Hoje surge ante vós, congresso illustre,
A Musa, que fatal, que desgrenhada,
Rege scenas de horror, scenas de sangue:
Que nas cruentas mãos, nos olhos feros
Traz desesperação, punhaes, venenos;
Que as eras tenebrosas invadindo,
Entrando por montões d'edades mortas,
Co'a vigorosa mão revolve as cinzas,
Tyrannos arrebata, heróes arranca
Ao silencio do nada, ao somno eterno.
Colhe d'entre os annaes do antigo mundo
Feias paixões, catastrophes medonhas,
Virtudes, vicios, a innocencia, o crime;
Colhe os males d'então, e os males de hoje,
Esses, que a Natureza envenenaram,
Esses, que a Natureza inda envenenam.

Devorante Ambição tragando imperios,
A Discordia brutal desfeita em raios,
Rubras ondas fervendo em torno d'ella;
Politica feroz as leis calcando,
Negra Perfidia vaporando infernos;
Da razão, da vontade Amor dispondo,
N'uns olhos, n'um desdem, n'um ai, n'um riso!
. . . .

26

Offerecido ao juiz e mais festeiros de Nossa Senhora da Graça da Carnota

Dôce filha do céo, dôce harmonia!
Ao seio dos mortaes ás vezes désces,
E qual rutilas na mansão dos numes,
Sobre a terrena estancia resplandeces:
Principio da união, que liga os entes,
E que n'um só paiz o mundo tróca,
Honra meus labios de teus sons divinos,
Anima o vate, cuja voz te invoca.
Celeste commoção, virtude augusta,
Sagrado zelo, singular piedade,
Conduz almas fieis a que celebrem
Solemne culto á summa divindade.
Dos gratos corações escandecidos
Nos extasis subindo os hymnos soam,
E os incensos, que o céo paga em sorrisos,
Purificando a terra, aos astros voam.

*

Prole da immensa luz, porções do Eterno,
As harpas de ouro modulando afinam,
E os olhos, onde o nume reverbera,
Sobre a terrestre pia turba inclinam.
És da etherea attenção primario objecto,
Tu, que presides ao fervor sagrado,
Tu, magnanimo Silva, em cujo peito
O caracter da gloria está gravado:
E tu, de malfadados meigo asylo,
Tu, moral copia d'elle, amavel Serva,
A quem na eternidade um grão sublime
Entre os amigos do homem se reserva;
E vós, eguaes na fé, no ardor, no extremo
Aos dous egregios peitos, que decanto,
Viannas, e os demais, em quem se apura
De homens, e numes o commercio sancto;
Não menos vós, metades carinhosas
Dos animos gentís, que entrego á lyra,
Não menos mereceis, esposas bellas,
As honrosas canções, que Phebo inspira.
Exercitae, cumpri, christãos ferventes,
A fé, que os corações vos afoguêa;
Tereis o galardão sobre as estrellas;
O que a terra edifica, o céo premêa.

A CONCORDIA

ENTRE AMOR E A FORTUNA

DRAMA PARA MUSICA, EM UM SÓ ACTO

Dedicado aos annos da illustrissima senhora
D. Anna Joaquina Cardoso Accioli, natural da Bahia

S' asconda Amor n'ella mia cetra, e dia
Sol concenti d'Amor la Musa mia.
Metast. Epithal.

ACTORES

AMOR. — VENUS. — A FORTUNA.
Côro dos Amores e das Graças. — Genios alados, que acompanham a Fortuna

A scena se figura em um bosque aprazivel.

SCENA I

Amor e os Amores

CÔRO

Oh seculos formosos,
De candidos costumes
Em vós mortaes, e numes
O jubilo egualou.

AMOR

Um dia em que mais leda
A rara nuvem córa,
E vem trajando a Aurora
Galas, que nunca usou:
Um dia em que tão bella,
Ou mais do que Acidalia,
Nascendo a meiga Analia
O imperio meu firmou.

CÔRO

Oh seculos, &c.

AMOR

Alados socios meus, fervente origem
Do jubilo supremo,
Que as delicias do Olympo a Jove apura;
Numes do coração, reis do universo,
Amores, elle em nós hoje prospéra;
Hoje da fonte de immortaes luzeiros
De novo emana um dia,
Que exalte, que remoce a natureza.
Salvè, natal de Analia,
Salvè, luz, com que Aurora
Mais que de tantas mil se ensuberbece!

AMOR

A um tempo ali se viram
O fructo, e flôr pendentes;
Em limpidas correntes
O nectar murmurou.
Em vós, oh almos dias,
Amor era um thesouro;
Em vós, oh dias de ouro,
Tudo sentiu, e amou.

CÔRO

Oh seculos, &c.

AMOR

Ah que saudade eterna
Turvára ao mundo a face,
Se o Fado a Amor negasse
O bem, que lhe outorgou!
Dos dous ao rogo, ao mando,
Do somno em que jazia
Surgiu celeste dia,
E a Natureza ornou.

CÔRO

Oh seculos, &c.

AMOR

Um dia em que mais leda
A rara nuvem córa,
E vem trajando a Aurora
Galas, que nunca usou:
Um dia em que tão bella,
Ou mais do que Acidalia,
Nascendo a meiga Analia
O imperio meu firmou.

CÔRO

Oh seculos, &c.

AMOR

Alados socios meus, fervente origem
Do jubilo supremo,
Que as delicias do Olympo a Jove apura;
Numes do coração, reis do universo,
Amores, elle em nós hoje prospéra;
Hoje da fonte de immortaes luzeiros
De novo emana um dia,
Que exalte, que remoce a natureza.
Salvè, natal de Analia,
Salvè, luz, com que Aurora
Mais que de tantas mil se ensuberbece!

Quando apontou vaidosa a vez primeira
Na de purpura, e de ouro
Tenue, bordada nuvem,
Que aljofares entórna,
Não tinha o brilho, a côr de que se adorna.
Eis os campos de Amor, eis os meus campos,
Aureo terreno amigo,
Por quem Paphos enjeito, enjeito Idalia:
Aureo terreno amigo,
Onde mais que mortal parece o gosto,
Onde embalsama os ares,
Onde serena os rios,
Dá viço, dá matiz, dá mimo ás flores
A salutar, fragrante
Respiração de Analia.
Analia, meu thesouro, e vosso encanto,
Merece a Amor, aos céos, aos Fados tanto.

ARIA

Verdes bosques, viçosas campinas,
Dos Amores suave morada,
Onde Analia mimosa, engraçada,
Qual a rosa louçã germinou:
Recamae-vos de tenras boninas,
Com que brinque Favonio ligeiro,
Que este dia, dos seus o primeiro,
Dos prazeres nas azas voltou.

SCENA II

Os Amores e a Fortuna, que desce rapidamente em um globo, ladeada de Genios

AMOR

Porém aos olhos meus que objecto assoma!
És tu, deusa fallaz, és tu, Fortuna,
De phantasticos bens depositaria,
Tantas vezes, ou sempre a Amor contraria?

FORTUNA

Sou eu, menino audaz, sou eu, que ufana
No dia mais credor ás graças minhas,
Entre os mil Genios que meu globo enfeitam,
Venho sobre estes campos deleitosos
Ratificar-lhe as ditas,
Ditas, que, em honra á minha dôce alumna,
Em honra á bella Analia,
Soltas das leis do tempo aqui florecem.

Pasmas, insano Amor, de que a Fortuna,
Cujas glorias motejas,
Mais brilhantes, mais sólidas que as tuas,
Baixe ao feliz terreno,
Onde raro penhor da Natureza,
Mortal quasi divina
Em dobro com meus dons, com meus afagos
Triumpha, resplandece?
Mais que a ti me pertence honrar seu dia,
Desdiz muito da minha a essencia tua,
É de outro gráo meu nume.
O respeito, o prazer, bastões, e os sceptros
São dadivas, são mimos
D'esta mão bemfazeja,
D'esta mão, que á de Jove apenas cede.
Com ella o mundo antigo, o novo mundo,
(Que, productor de Analia,
Sobresáe ao primeiro)
Com ella quanto existe abranjo, illustro.
E tu de vãos deleites,
Ou mortaes dissabores
Frivolo auctor, e venenosa origem,
De que os mesmos favores
Ao que os possue affligem,
Tu, que duros farpões atraiçoados
Ás molles almas, de que és deus, apontas,
Assim com voz proterva, assim me affrontas?

ARIA

Queres, menino insano,
Oppór-te ás leis do Fado!
De meu poder sagrado
Teu nume é vão rival.
   Senhoreava os entes
Tua influencia outr'hora,
Mas o meu sceptro agora
É sceptro universal.

AMOR

   Debalde, varia deusa, te glorias
Co'as dadivas, que choves sobre o mundo,
Frageis, caducos bens, que o vulgo anhela,
Do vicio vezes mil, e raras vezes
Da virtude instrumentos.
Analia encantadora,
Alma brilhante no favor não cega
D'essa mão, que nomêas bemfeitora.
Thesouros de candura, e de belleza,
Seus lucidos costumes
Tem dôce origem na moral dos numes:
Pensas acaso que teus dons seriam
Capazes de atear não puro affecto
No consorte preclaro,

A quem protege Amor, Minerva escuda?
Esse, que em laços de ouro unido á bella,
O nectar gosta nos encantos d'ella?
Muito se deve a mim, tudo a seus olhos,
Da gloria que remata os meus triumphos
Agentes milagrosos.
Attréve-se a Fortuna a ter-me em pouco?
Entre as classes divinas
Presumes que teu gráo me sobr'eleva?
Eu sou pura nascente,
Manancial perenne
D'alta harmonia, universal, e eterna;
Sem mim ao mar, á terra, até aos deuses
Pezo insoffrivel a existencia fòra;
Por mim na immensidade, errantes, fixos,
Milhões scintillam de assombrosos mundos;
Por mim no seio das equóreas lapas
Ardem, cubiçam, reproduzem, crescem
Os mudos nadadores.
Eu sou, que ás varias, enramadas plantas
Dou alma, dou fragrancia, flores, fructos;
Sou eu, que aos bravos tigres,
Aos jubados leões converto as iras
Em rugido amoroso.
Por mim, tu, rôla, arrulas,
Geme a tenra, innocente, ingenua pomba;
Por mim subsiste, annexo á formosura,
Principio inexhaurivel de ternura.

ARIA

Por Amor conseguem vida
Homens, peixes, aves, flores;
Do céo cabe aos moradores
Rir da morte,
Mas por sorte
Tambem meus escravos são.
Té Analia branda, e bella,
Que os encanta, que os desvéla,
Já pendeu da minha mão.

FORTUNA

Tu, que ostentas de rei da natureza,
Que sacrilego arrogas
Té no arbitrio de Jove imperio summo,
E crês que a teus virotes
Cede o raio, o pregão da omnipotencia,
Rende graças ao dia
Em que Analia mimosa
Dispoz o orgulho meu para a brandura.
Se não fôra este indulto,
Se o momento dourado este não fôra
Em que serena abrindo
Os olhos divinaes á luz primeira,
Em vez de brando chôro,

Soltou sorriso brando,
E ser dos astros vinda
Mostrou na face linda,
Fizera...

AMOR

Que fizeras, que attentaras,
Caprichosa deidade,
Contra mais que celeste immunidade?

FORTUNA

Toda a tua altivez por mim repulsa,
Opprobrio teu seria:
Em quadro viras de affrontosas côres
Teus males, teus perjurios;
Pranto, e sangue por ti fervendo em rios;
A Suspeita rugosa
Perdida entre illusões, entre phantasmas,
Sombras palpando, e crendo;
Viras queixosas, pallidas Saudades,
Já fitos sobre a terra os turvos lumes,
Já vãmente alongados
Para climas ditosos, onde os gostos,
Os bens do coração lhe some a Ausencia;
Viras sobre vulcão de flamma eterna,
Respirando traições, venenos, furias,
De viboras mordidos,

E viboras mordendo,
Os Ciumes, a peste, a morte d'alma;
Viras... mas este dia é sacro a todos,
N'elle até entre nós concordia reine.
N'outro, aos céos menos grato,
Menos grato á Ventura, á Natureza,
Confessarás, dobrando
Ao pezo da verdade insania altiva,
Que o reforço, a columna,
A base do universo é a Fortuna.

ARIA

Os bens, se alguns crias
Com tua influencia,
Eguaes são na essencia,
Eguaes no prazer.
Os dons, que derramo
Com placido rosto,
Differem no gosto,
Differem no ser.

AMOR

Da livida suspeita, e vil perjurio,
Da traição, da inconstancia, e da saudade,
Do pranto, e do queixume,
Do rabido ciume,

Inferno de apurados amadores,
Fallas, oh deusa injusta,
Como se fossem meus crueis ministros,
Crueis sequazes meus! Não consideras
Que o bando horrivel de tão negros males,
Que de Jupiter mesmo azéda instantes,
Prole não é de Amor, sim dos amantes?
Damnos sem conto, que aos mortaes fulminas,
Onde estão, fraudulosa? Onde se occultam
De raio vingador, que Analia vibra
Dos olhos fulgurantes,
Os companheiros teus, iniqua turba?
Onde enfunado Orgulho?
Veladora Ambição? Mirrada Inveja?
Onde inerte Preguiça,
Que as almas adormenta
D'esses que amimas, d'esses que te adoram?
Ah! Se não fôra d'este dia ameno
A gloria, o fasto, o resplendor, e a gala,
Que ethereo lustre eguala,
Talvez, voluvel deusa,
Talvez tuas pizadas não seguissem
Beneficencia, Gloria,
O Jubilo, a Brandura,
Mais, mais socios de Amor que da Ventura.

ARIA

Quando á Virtude
Ventura é presa,
Tórna a belleza
Mais singular:
Que por si mesma
Não é Ventura
Arte segura
Para enlevar.

Mas ah! Benigna mãe, tu, que em teu gremio,
De flores, e delicias enfeitado,
Commigo a linda infancia acalentaste
De Analia melindrosa,
Descuidas-te em seu dia,
Dia das Graças, dia dos Amores,
Descuidas-te de ornar com teus sorrisos,
Com tua voz divina
O solemne fervor, que tudo inflamma!
Eia, apressa-te, oh mãe!... Com vivo adejo
Dirige aqui, dirige
Das pombas amorosas
O niveo par gentil, que enfrêam rosas.

SCENA ULTIMA

Desce Venus em um carro tirado por pombas, entre as Graças, os Risos, os Encantos, etc.

VENUS

Socega, filho meu; não foi descuido
Minha longa tardança,
Antes cuidado, que de Analia bella
Me deve o genial, brilhante dia:
Era digno de mim, de Jove, e d'ella
Findar tenaz porfia,
Antiga opposição, fatal discordia
Entre Amor, e a Fortuna.
Attraídos vontade, e pensamento
A tão prestante objecto,
Na concha matizada os céos demando,
Entro de Jove os paços,
E ante a face immortal, com brandas preces
Extráio á mão suprema
Alto decreto, que a Fortuna obriga
A ser-te socia, oh filho, a ser-te amiga.
Em sacrificio terno
Áquella por quem és maior, mais nume
Que por tantas, e tantas
Com que o Tamise, o Tejo, o Tibre, o Sena
Sussurram de ufanía:

*

Oh que seculos vale a Amor seu dia!
Aprouve, apraz aos fados
Que de Analia se esquivem Tempo, e Morte.
Em seus dotes absorta
Razão me inspira que espontanea Venus
O cinto vencedor a Analia ceda,
E altar, e incenso, e culto.
Vamos, Fortuna, Amor, Encantos, Graças,
Da nova deusa aos lares,
De aureas Virtudes templo,
Cantar seus dons, seu nome: eu dou o exemplo.

CÔRO

Acorde melodia
Vôe, enfeitice os ares,
E os magestosos lares
Sôem prazer, e amor.

VENUS

Tu sempre a elle unida,
Junto de Analia bella,
Gosa nos olhos d'ella
O olympico fulgor.

AMOR

Analia, que, sorrindo,
De corações se apossa,
É mais que imagem nossa
Na graça, no esplendor.

FORTUNA

Nada possue a terra,
Que a tanto bem se eguale:
Os meus thesouros vale
Seu minimo favor.

CÔRO

Acorde melodia
Vôe, enfeitice os ares,
E os magestosos lares,
Sôem prazer, e amor.

A VIRTUDE LAUREADA

DRAMA PARA MUSICA, EM UM SÓ ACTO

Representado no theatro do Salitre, no anno de 1805

Nuda... occurrit, per se pulcherrima, Virtus.
Cardos. Cant. de Tripol.

ACTORES

A SCIENCIA. — A HOSPITALIDADE. — A INDIGENCIA. — A POLICIA. — A LIBERTINAGEM. — O GENIO LUSITANO.

Logar da scena: Praça magnifica sobre as margens do Tejo.

SCENA I

A Sciencia por um lado e a Indigencia por outro com a Hospitalidade

SCIENCIA

Eu, que elevo os mortaes, e os esclareço;
Que méço a lua, o sol, que o mundo abranjo;
Que da vetusta edade aclaro as sombras;
Que entro por seus arcanos, e revóco

D'entre o pó, d'entre a cinza, d'entre o Nada
Ao seculo vivente as éras mortas;
Que dócil fiz o indómito Oceano,
Abysmo de pavor, de bojo immenso,
Que só por alta lei não sorve a Terra;
Eu, do gran Jove, confidente e imagem,
Que do Fado os mysterios desarreigo
E co'a moral dos céos cultivo o globo;
Eu, a Sciencia, eu fonte, eu mãe das Artes,
Que sei desirmanar na intelligencia
Entes, na fórma eguaes, na especie os mesmos,
Tornando-os entre si tão desconformes,
Qual dista do selvagem bruto e fero,
Macio cidadão, que as leis puliram:
Ah! não posso impetrar, colher dos numes
Para os alumnos meus pavez sagrado
A teus golpes, Fortuna, inteiro, illeso!
Sem que benigna mão lhe adoce os fados,
Sem que escassa piedade o chame á vida,
De vigilias mirrado o sabio morre.
Almas corrompe do egoismo a peste;
Camões, Homeros na penuria cantam:
Eil-os co'a gloria temperando a sorte;
Sôam prodigios de um, prodigios de outro;
Férrea caterva os ouve: admira, e foge.
Só quando o vate é cinza, o muito é nada,
Por elles se interessa o mundo ingrato;
Na gloria esteril de epitaphio triste

Sólidos bens o barbaro compensa:
Contradictoria humanidade insana!
No insensivel sepulchro os sabios honra,
E os sabios não remiu na desventura!
Quaes elles foram diz, não diz qual fôra:
Nas almas frias o remorso é mudo.
Ai dos alumnos meus! Soccorre-os, Fado,
Risca do livro eterno o duro artigo,
Que ao mérito, ao saber seus premios véda;
Aquece os corações no ardor da gloria,
Fraternisa os mortaes, onde suspiram,
Os poucos filhos meus co'a mãe prosperem:
E onde com seus innumeros sequazes
Colhe triumphos, a Ignorancia gema.

INDIGENCIA

Mãe veneravel, teu queixume ouvindo,
Amarga-me da vida o fel em dobro.
A filha tua, a misera Indigencia,
Que muda te escutou piedosas magoas,
Comtigo vem gemer, carpir comtigo
A moral corrupção, que empésta o globo.
Plagas e plagas entre as socias minhas,
Entre as mansas Virtudes hei vagado.
Pela voz da Pureza (a que é de todas
A mais formosa) deprequei o auxilio
De inchado cortezão, que um deus se cria.

Melindre, candidez, virginea graça
(Qual flor, em que era orvalho o dôce pranto)
Aos olhos do suberbo expoz seus males.
De gesto accezo, ovante elle a contempla,
Nem um momento á dôr constrange o vicio;
Em vil proposição, que as furias dictam,
Profana da Innocencia o casto ouvido,
E em cambio da virtude exige o crime.

SCIENCIA

Céos! Que infamia! Que horror! Prosegue, oh filh
Succumbiu a Innocencia á vil proposta?

INDIGENCIA

Não, que nos olhos meus velavam deuses,
Fautores da virtude; escuta, e fólga.
O celeste rubor, que tinge a Aurora,
Sóbe á face gentil, e as rosas brilham;
Mas subito tremor branquêa-o logo,
Eil-a, de olhos no céo, e geme;
Eu porém, que no effeito observo a causa,
Ao seductor pestifero arrebato
O objecto divinal, que o torna um monstro.

SCIENCIA

Olha o céo na Innocencia a imagem sua.

INDIGENCIA

Murchas no horror do abominavel caso,
Inda comtudo as esperanças minhas
Levei de lar em lar, devendo a poucos
Piedade accidental; bati cem vezes
Ás surdas portas de sumido avaro,
(Sumido em subterraneo abysmo d'ouro).
Fallára o monstro, se fallasse a morte:
O silencio dos tumulos o abrange,
Ante o metal (seu deus) que em ferreos cofres
Co'a vista famulenta o vil devora;
Servos d'elle (o poder é tal do exemplo!)
Depois de longo espaço, e vans instancias,
Co'um desabrido «Não» me affugentaram.

SCIENCIA

De tudo ha monstros mil na especie humana;
Mas todos vence da Avareza o monstro.

Que encarcéra, agrilhôa, opprime o vicio,
O contagio dos maus aos bons evita,
E em piedoso recinto abriga, instrue
A puericia, que em flor dispõe ao fructo:
Luceno, o zelador dos sãos costumes,
Páe do infortunio, da sciencia amigo,
Guarida vos promette: exponde, exponde
Ao ministro exemplar, meu claro alumno,
A vossa condição: vereis descer-lhe
Dos olhos paternaes amavel pranto,
Proveitoso, efficaz, não pranto esteril,
Que momentaneas sensações produzem,
E o merito infeliz, qual viram, deixam.
Em Luceno o favor segue a piedade;
Mortal, que os immortaes sem custo imita,
E o bem, só porque é bem, desenha, opéra.
Eia, vinde; eu vos guio aos bemfazejos
Lares seus, lares meus: sereis ditosos,
Oh Sciencia! Oh Penuria!—Os céos o ordenam.

SCENA II

O Genio da Nação e as mesmas

GENIO

Os céos o ordenam, sim; vae, guia, oh deusa,
Essa illustre infeliz, e a mesta prole
Ao magistrado eximio, ao grande, ao justo;

Que eterna Providencia lá dirige,
Leda colhías saboroso alento;
E qual outr'hora a um Deus, incluso no homem,
Muito do pouco a teu querer surgia.

HOSPITALIDADE

Conferiu-me esse dom quem té no insecto
Provê, do que lhe cumpre, á tenue vida.
Deixando influxos meus no casto alvergue
Onde Beneficencia, e Paz convivem,
Acompanhar-te quiz ao vasto emporio
De Lysia, do universo, á gran cidade,
Que espêlha os torreões no vitreo Tejo,
D'onde sagradas leis despede ao Ganges.
O globo é puro aqui, e aqui parece
Estar inda na infancia a Natureza,
Bella, serena, candida, innocente;
Principe amado, imitador dos numes,
Ao publico baixel menêa o leme;
Numéra os dias seus por dons, por graças,
E o merito sem susto encara o throno:
Se o gravâme do sceptro acaso inclina,
É sobre os hombros de ministros puros,
Dignos do alto explendor, que são da escolha.
Um d'elles, cujo nome é cáro aos justos,
Que tem, que exerce o ministerio sancto
De velar sobre o publico repouso;

Desgraçado o mortal, se o chão não trilha
Por onde a mão de Jove arreiga espinhos,
Que subito depois converte em flôres!...
Mas que ufano baixel retalha o Tejo! (1)
Brincam no tópe flammulas cambiantes,
E cambiante bandeira as ondas varre!
Eis vôa, eis se approxima!... Um quasi monstro,
De aspecto feminil, tigrinas garras,
De traje multicôr, lhe volve o leme!
Que turba enorme á sua voz marêa,
E o ferro curvo, e negro ao fundo arroja!
Desce a vaso menor a horrivel Furia,
Reconheço-lhe o rosto, os fins lhe alcanço...
Lá vem, lá toca sobre a arêa e salta.
Inimiga dos céos! (2) És tu, profana!
Sacrilega, fallaz, blasphemadora,
Peste dos corações, orgão do Averno!
Vens tambem macular com teus venenos,
Com halito infernal, e atroz systema
Campos, que meu bafejo elysios torna!

LIBERTINAGEM

Orgão não sou do Averno, o Averno é sonho (3)

(1) Apparece um baixel, d'onde pouco depois desembarca a Libertinagem com sequito numeroso.
(2) Corre para ella.
(3) Sentimentos abominosos da Libertinagem, refutados vigorosamente pelo Genio da Nação.

Cessem queixumes, esperanças folguem.
Ide; o Genio de Lysia, eu que dos deuses
Tive alta commissão de olhar por ella,
De engrandecer-lhe, de affinar-lhe a gloria,
E honral-a de opulencia incorruptivel;
Eu, que espontaneo déra o gráo de nume
Por este, que exercito, augusto emprego
De escudar Lysia c'o pavez dos Fados,
Oh Penuria! oh Sciencia! Eu vos abono
Do ministro sem par, favor, e asylo.

SCIENCIA

O céo por ti se exprime: o céo não mente;
Oraculo de Jove, eu te obedeço:
Vejo sorrir-se ao longe amigos Fados;
Guia-me, oh deusa.

HOSPITALIDADE

Guio-te á ventura.

SCENA III

O Genio só

Tereis o galardão, tereis o louro,
Que á virtude compete, immota, illesa
Entre os duros vaivens de iniqua sorte:

Moral, religião, saudavel jugo,
Que péza aos impios, que aos iniquos péza,
Nunca foi grave a Lysia; heróe supremo,
Que é na terra o que é Jupiter no Olympo,
Aqui, não com violencia, e não com arte,
Mas pelo exemplo morigéra os lusos,
Só menos que as deidades venturosos.
Não manches estes céos, tartáreo monstro,
Não corrompam teus pés o são terreno,
Onde jaz da Virtude o trilho impresso.
Ecco da magestade, a voz te aterre
Do zeloso ministro infatigavel,
Luceno, ao throno, ás leis, aos deuses curvo,
Que, em vinculo fraterno atando os povos,
Os vê curvos ao throno, ás leis, aos deuses.
Negreja, a teu pezar, o horror, que douras,
O inferno, que não crês, de ti fuméga,
E o remorso tenaz te róe por dentro.
Este povo de heróes, de irmãos, de justos,
Teu caracter maldiz, teu nome odêa.
Aparta-te d'aqui... mas tu repugnas!
Guerreiros da Virtude, e flôr da patria, (1)
Que limpaes a Moral de intrusa escória,
Eia, apurae o ardor contra esse monstro;
A vosso invicto exforço a Furia cêda,
Do gremio da Innocencia o Vicio fuja.

(1) Sáe tropa armada, que trava peleja com os sequazes da Libertinagem, e os vae destroçando.

Para mim, para os meus; não soffro o jugo,
Que sobre corações tão férreo péza.
Phantasticos deveres não me illudem;
O sensivel me attráe, do ideal não curo,
Só de palpaveis bens fecundo a mente;
O bando, que allicio, e que prospéro,
Vive em prazeres, em prazeres morre.
Compleição dos Catões, moral de ferro,
Furia, Libertinagem me nomêa;
Mas o caracter meu destróe meu nome.
Delicias ao teu seio, oh Lysia, trago,
Não cruas oppressões, nem agros males,
Que o phantasma Razão produz, machína;
Eu sou a Natureza: ella não manda,
Que o gosto opprimas, que os desejos torças;
As paixões contentar, não é loucura:
Prestar-lhes attenção, vontade, assenso,
É lei, necessidade, e jus dos entes.
Olha: com sceptro de ouro impéro, oh Lysia;
Franquêa o pensamento a meu systema,
Despe imagens chimericas, e approva
Que a posse do universo em ti remate.

GENIO

Enganas-te, perversa, os céos a escudam;
De Lysia puro incenso aos numes sóbe,
Arde em virtude, inflamma-se na gloria;

A melhor das nações salvou do estrago... (1)
Mas, deuses, soffrereis que n'outro clima,
Talvez á infamia sua ignoto ainda,
Sobre o lenho orgulhoso aporte a féra,
E toxico respire, e peste exhale!
O sacrilegio pune: um raio, oh Jove,
Um raio a torne cinza, um raio abysme
O ligneo torreão no equóreo centro!... (2)
Annuiste-me, oh deus! É chammas todo!
Lá cáe, lá se desfaz, e o Tejo o sorve!
Vae, monstro, vae saber, desesperado,
Se é phantasma a razão, se é sonho o inferno.
Vae no horrendo tropel dos teus sequazes
De momentanea flamma á flamma eterna;
E eu, ministro dos céos, submisso aos Fados,
Vou por mão de um mortal encher seus planos.

(1) Vae-se a Tropa.
(2) Cáe o raio sobre o baixel da Libertinagem, e o abraza.

LIBERTINAGEM

[illegible] de mim victoria facil.

GENIO

[illegible] da Gloria! Avante, avante!
A perfida fraquêa, a palma é vossa.

LIBERTINAGEM

Colhêste contra mim triumpho inutil:
Lysia perdi, mas senhoreio o mundo. (1)

SCENA IV

O Genio e Tropa

GENIO

Graças, oh numes, succumbiu a infame!
Heróes, eu vos bemdigo o marcio fogo,
O rapido valor, que n'um momento

(1) Embarcam-se tumultuosamente, sempre accossados pela tropa.

*

Estes, mais que nenhuns, velar se devem,
Estes nas feias, subterraneas sombras
Para o pavor da morte a mente ensaiem.
Eu, luz do bom Luceno, eu alma, eu tudo,
Corro entretanto, a suggerir-lhe idéas,
Com que os publicos bens floreçam, medrem.
A Sciencia, e Penuria, antigas socias,
Em seus lares por elle ha pouco ouvidas,
O fertil patrocinio lhe imploraram.
Em lagrimas lhes deu penhor singelo
De firme protecção: vós, indigentes,
Seus effeitos vereis, vereis, oh sabios,
Que a mente, e o coração por vós divido.

SCENA VI

(Salão magestoso da Policia, adornado das estatuas de varias virtudes.)

O Genio e a Hospitalidade

GENIO

Eis-me na estancia da Policia augusta,
Cultora da razão, das leis, do solio.
A titubante, a pávida Indigencia,
Que já dos males seus allivio gosa,

SCENA V

(Carcere subterraneo, onde estarão os Vicios e os Crimes agrilhoados, exprimindo variamente nos gêstos a sua desesperação.)

A Policia com Guardas

POLICIA

Contra os vicios communs, que pouco empecem,
Exercer correcções não só me é dado.
Velae, guardas fieis, sobre os perversos,
Que a Policia commette ao zelo vosso,
Até que o raio Némesis dispare
Co'a ferrea voz de tribunal supremo.
Eu dos crimes terror, dos crimes freio,
A supplicio exemplar, que sare a patria
D'impia contagião, reservo aquelle
De todos o mais duro, o mais funesto,
Que, instrumento servil de atroz vingança,
Tingiu vendida mão no sangue alheio.
Ao cutélo de Astréa em vão furtaste
Colo rebelde ás leis, oh tu, cruento
Lobo nocturno, que, vibrando as garras,
A mansos cidadãos ouro, existencia
De mixtura usurpavas, sem que ao menos
Tremesse o coração, e as mãos tremessem.

Aquella, que risonha os olhos firma,
Como que rosto supplice attentando,
É a Benevolencia, e diz no afago,
Que alguns, havendo a honra em mais que os lucros,
Ante duro ministro enfrêam preces,
E só do compassivo, e só do affavel
A presença demandam, que os conforte,
Que ao rogo n'um sorriso o effeito augure,
E não de altiva injuria avilte o rogo.
Esta é o Exemplo, est'outra é a Inteireza;
Ali Fidelidade o jaspe anima;
Desinteresse além reluz, e avulta;
Mais perto voluntaria Obediencia
Curva o docil joelho: eis as Virtudes,
Que formam, bom Luceno, o teu caracter,
Todas egregias, necessarias todas.

SCIENCIA

Verdade, e Gratidão nos labios nossos,
Approvam quanto sôa em honra d'elle.

INDIGENCIA

Oh reinante feliz com taes vassallos!

Por mão do bemfeitor, que os céos inspiram,
Vem co'a Sabedoria honrar seu nome,
De interna gratidão sagrar-lhe os cultos;
Mas profundo respeito os pés lhe tolhe,
E o salão venerando entrar não ousam.

SCENA ULTIMA

Os ditos e a Policia, que, ouvindo as ultimas palavras, sáe de repente

POLICIA

Foi sempre este logar franco á virtude,
Entrae. (1)

HOSPITALIDADE

Longe de vós um vão receio.

POLICIA

Cumprí vosso dever, tecei contentes
De Luceno o louvor. Materia summa
As virtudes vos dão, que resplandecem
Em brilhantes estatuas magestosas
N'este brilhante, magestoso alcaçar.

(1) Entram as duas.

GENIO (1)

Heróe, sacro aos mortaes, acceito aos numes,
Olympico fulgor compõe teus dias;
Os céos na minha voz mil dons te abonam,
Com meus olhos teu povo os céos vigiam;
O commercio por ti de fé se nutre;
As artes, a virtude, as leis triumpham;
No solio, no poder tens base eterna;
Tua alma sobresáe aos teus destinos;
E de teu puro arbitrio esse orgão puro,
É digna escolha tua, aos astros voa
No rasto de ouro, com que o pólo esmaltas.
Subditos de João, rendei mil cultos
Ao gran regente, ao inclyto caracter,
Que n'elle divinisa a especie humana:
A voz da gratidão se alongue em vivas,
E cordeal ternura os labios honre.

CORO

Oh luso heróe! Baixaste
Da estancia divinal!
Tu és um deus visivel,
Oh Principe immortal!

(1) Dirigindo-se para o retrato do Principe Regente.

POLICIA

Folga, Sciencia, e tu, Penuria, folga,
Dado me é recrear-vos, ser-vos guia
Ao Principe immortal, de quem reflectem
Raios de luz para o ministro excelso,
Que o seu mór premio tem na régia gloria.
Curvae-vos, e admirae o heróe sublime,
Que Lysia adora, e que adorára o mundo,
Se o mundo todo merecesse olhal-o. (1)
Vêde a seus pés o magistrado insigne,
Que n'elle se revê, que a bem da patria
A grandeza real submisso implora!

HOSPITALIDADE

Quanto a Virtude altêa a dignidade!

SCIENCIA

Oh jubilo! Oh ventura!

INDIGENCIA

Eu pasmo, eu tremo!

(1) Abre-se o fundo do theatro, apparece o retrato do Principe Regente com o Magistrado a seus pés, offerecendo-lhe os votos mais uros da nação.

GENIO (1)

Heróe, sacro aos mortaes, acceito aos numes,
Olympico fulgor compõe teus dias;
Os céos na minha voz mil dons te abonam,
Com meus olhos teu povo os céos vigiam;
O commercio por ti de fé se nutre;
As artes, a virtude, as leis triumpham;
No solio, no poder tens base eterna;
Tua alma sobresáe aos teus destinos;
E de teu puro arbitrio esse orgão puro,
É digna escolha tua, aos astros voa
No rasto de ouro, com que o pólo esmaltas.
Subditos de João, rendei mil cultos
Ao gran regente, ao inclyto caracter,
Que n'elle divinisa a especie humana:
A voz da gratidão se alongue em vivas,
E cordeal ternura os labios honre.

CORO

Oh luso heróe! Baixaste
Da estancia divinal!
Tu és um deus visivel,
Oh Principe immortal!

(1) Dirigindo-se para o retrato do Principe Regente.

FRAGMENTOS DRAMATICOS

ORIGINAES

VASCO DA GAMA

OU

O DESCUBRIMENTO DA INDIA PELOS PORTUGUEZES

(TRAGEDIA)

ACTORES

O Çamorim. — Vasco da Gama. — Ataide, official portuguez, seu confidente. — Haril, Principe de Cochim. — O Catual, Regedor de Calecut. — Almansor, Mouro opulento em Calecut. — Alaida, Filha do Çamorim. — Crezinta, Confidente da Princeza. — Monçaide, Africano. — Um Brachmane.

A scena é em Calecut no palacio do Çamorim

ACTO I

SCENA I

ALMANÇOR E MONÇAIDE

Este estrangeiro audaz, que, desferindo
Por mar ignoto as temerarias velas,
Talhou de pégo immenso as virgens ondas,
De serra em serra no Oceano horrendo;
Que, lidando co'a morte, abriu caminho
Lá desde a foz do Tejo áquem do Ganges,
Trouxe de alta ousadia extranho exemplo,
E do gran Çamorim surgiu nos mares;
Gama, que embaixador de um rei potente
Com vozes tão seguras se nomeia;
Accezo contra nós em odio herdado,
Que de males dispõe aos musulmanos,
Que de males promette á India toda!
A constancia, o valor té-li não vistos
Com que o mundo assombrou na grande empreza,
E as mil promessas vãs, que tece astuto
De interesses communs, apparelhados
Ao povo portuguez, ao indio povo,
N'alma do Çamorim se insinuaram;

O illuso imperador dos Malabares
N'elle préza um heroe, e o bem do estado;
Em proficua alliança espera os fructos
Que do arteiro christão lhe finge a astucia.
Tem já tres luas circulado o Polo
Depois que em Calecut os frageis lenhos,
Vencedores das ondas, aportaram:
Aqui de voz em voz correndo a fama
No espanto desde então se nutre e esforça;
Abjectos poleás, altivos naires
Com cego enthusiasmo aqui proclamam
O forte conductor dos nautas duros.
Deslumbrada nação, não vês, não sentes
Forjar-se ao longe, e retinir teus ferros?
Entranha no vindouro a conjectura:
Esses, cujas acções com pasmo acclamas,
São heroes do valor, não da justiça;
Hoje alliados, amanhã tyrannos.
Acaso d'entre as artes, d'entre as honras,
D'entre o puro clarão de um céo risonho,
D'entre os mimos da patria, a nós é vindo
Esse chefe arrogante, e seus sequazes
Não mais que a merecer duravel nome,
Gráo entre aquelles, que enternisa a gloria?
Ah! Na gloria a politica se envolve;
Politica feroz, que em paz machína
O nosso captiveiro, o nosso estrago;
Que espreita o modo com que lance o jugo,

Das negras ondas em que ferve a morte;
Cedo entregues ao vento, ao mar entregues
Esses, que temes, livrarão teus olhos
De seus feros semblantes importunos:
E quem sabe se o turbido Oceano,
Que uma vez lhe soffreu a enorme audacia,
Agora mais indocil, mais soberbo
No horrivel bojo sorverá com elles
Ingentes, arriscadas esperanças?
Nem sempre o destemido é venturoso:
Da fortuna á desgraça o passo é curto...
Sim, Almansor: ao vento, ao mar, ao fado
Demos a empreza facil de extinguil-os.

ALMANSOR

Monçaide, o vento, e mar lhe obedeceram,
E que fiar não ha no fado incerto.
Importa-nos seu fim, não sua ausencia;
Não que, outra vez o pelago affrontando,
Esses lenhos fataes no Tejo ancorem;
Não que o fructo de prospera ousadia
Émulo ardor provoque a renoval-a,
E as artes multiplique, e apure as forças
Ao plano de politica, e de gloria,
Com que activa nação, que em si não cabe,
De seus curtos limites indignada,

Por braço experto, e para nós terrivel,
Á sombra avultam do poder supremo;
O incauto Çamorim não vê futuros;
Ufano do esplendor, que lhe reflecte
Da embaixada de um rei temido, e grande;
De brilhantes chimeras encantado,
E mais do firme tom, que as fortalece
Nas vozes, no exterior de um homem raro,
Faustas idéas da apparencia colhe.
Debalde o Catual, cuja avareza
Thesouros nos absorve insaciavel,
Esperanças vendendo a preço de ouro,
Debalde tem mil vezes machinado
Dos atrevidos nautas a ruina:
Se o poder, que do throno lhe dimana,
Se a publica, orgulhosa auctoridade
Que exerce em Calecut esse, que priva
Tanto c'o Çamorim, e o representa,
Efficazes não torna os teus projectos,
Porque da empreza vã não descorçôas?
De infallivel tractando o contingente
Ao proximo regresso obstar desejas
Dos guerreiros varões, que odeias n'alma,
E queres o seu fim, não sua ausencia:
Já promptos nos baixeis a patria anhelam,
Completa a commissão que a nós os trouxe;
Soltas em breve as temerarias velas
Tornarão a arrostar o horror profundo

MONÇAIDE

O paterno destino acompanhando,
Bem sabes que de Tunes, patria minha,
Aqui vim exercer, qual tu, qual outros,
Esta correspondencia industriosa
De nação a nação, que as enriquece,
As pule, as encadêa, as fraternisa,
No cambio do que ao luxo, á vida serve:
Sabes que um pae, de que venero as cinzas,
Proveitosa união me urdiu comtigo
N'est'arte, que as fortunas amplifica
(Arte, que ás vezes se desluz, se avilta
No illegitimo ardil, no torpe engano,
Arte porém, que em mil dá culto á honra)
São interesses meus teus interesses,
Teus damnos são meus damnos, em virtude
Da alliança fiel por nós mantida:
Atalhar-se o progresso aos portuguezes
Da gloria, da ventura, que ambicionam,
A ti, e a mim convém, convém aos nossos,
Ao grande Çamorim, e á India toda;
Embora estratagemas se requintem,
Se ainda t'os depára a phantasia,
Para que de fadiga infructuosa
Amargo desengano á patria levem,
E obste a novas tenções tenção baldada;
Sanguinarios porém, crueis não sejam

Quer do ultimo occidente arremessar-se
Aos climas, onde o sol dá luz primeiro;
E aqui, ou na extensão de toda a terra
Projecta impôr seu jugo, honrar seu nome.
Tolher-se a execução do plano infesto
É justiça tambem, não só proveito;
Apaguem-se as faiscas pouco accezas,
Que um vasto incendio não remoto agouram:
Sempre exemplo feliz terá sequazes,
Nenhum, ou raros desgraçado exemplo.
N'alma do Çamorim terror se infunda,
Que perigoso apreço em odio troque:
Um só não fique illeso, um só não torne
Dos bravos, dos terriveis navegantes,
Que leve á patria o miserando annuncio
Do asperrimo castigo aos seus imposto:
Ou seja o captiveiro, ou seja a morte
Condigno premio da ambição, que injusta
Sobre a nossa ruina empreende alçar-se.
Em traír um traidor não ha vileza.
Mauritano, como eu, te cumpre, amigo,
Manear da vingança os instrumentos
Contra a feroz nação, que nos detesta,
Contra a feroz nação, que detestamos:
Reciproco interesse, a lei, e a patria
Tal zelo, tal fervor de nós exigem.

Ver mil horrores, abarbar mil mortes
Para tornar com arte, e com violencia
Primeiro amigas, e depois escravas
Innocentes nações, a quem pozera
Procellosas barreiras o Oceano
Contra insana ambição, contra esse monstro,
Que as fauces lhe abre ao longe, e quer tragal-as?
A lei universal, a humanidade
Reconheço tambem, tambem pondero;
E, em pospor um só povo a muitos povos
Por elle iniquamente ameaçados,
Cumpro o sacro dever, que ufano allegas,
Além de sustentar a propria, a justa,
A grande causa onde omissões são crimes;
Onde...

MONÇAIDE

O tom da suspeita, que em teus labios
Soa injusto, Almansor, tambem é crime,
Antes delirio, que profana, insulta
A amisade, e a razão: que ardor, que zelo
Transcende o que atéqui mostrei na empreza
Por tão altos estorvos contrastada?
Se ao portentoso Gama, em cujos feitos
Admiro o heroe, e o portuguez detesto,
Tenho captado a confiança amiga
Com publico louvor, sagaz obsequio,

Os meios que empregarmos; não se julgue,
Não digam que é vingança o que é justiça:
Que frouxos, incapazes de atterral-os
Tentámos impiamente o desaggravo
De tanto, e tanto mal, que tem soffrido,
E que inda nossos climas soffrem d'elles.
Amo a patria, amo a lei, sou musulmano,
Mas odeio a traição, a astucia infame,
Vicios que aos africanos se attribuem;
A lei universal, a humanidade
Deve a todas as leis ser anteposta:
Este o meu sentimento agora, e sempre.

ALMANSOR

Se a amisade, se a fé que em ti respeito,
Por longas experiencias apurada,
Suspeitas naturaes não rebatesse,
Namorado tambem te julgaria
Da acção, que teve as ondas por theatro;
Crêra que a superficie te deslumbra,
E te não resta luz que indague o centro.
Se brilhantes acções têem fins odiosos,
Que vale o resplendor de acções brilhantes?
O heroismo é razão; não ha sem ella
Proeza que eternise, acção que afame:
E é da razão talvez, é do heroismo

A causa d'esses homens destemidos;
E que para seu rei grata resposta
Gama do Imperador por elle obteve.
Na pompa, na grandeza d'este dia
Attentado egualmente, as iras doma:
Hoje que o Çamorim desposa a filha,
Que Alaida em prisão doce a Haril se enlaça,
Que o paço imperial off'rece aos olhos
Requintado esplendor em honra ás nupcias,
Respeitemos, amigo, respeitemos
O publico prazer, e o do monarcha:
Ousar-se n'este dia acção, que o turbe,
Aos céos, e á terra sacrilegio fôra;
Bonançosa alegria hoje serene
Tumultos de paixão, que o peito abalam.
Depois...

ALMANSOR

Absorto em lúgubres imagens,
Descuidei-me atéqui do grande objecto,
Que exige o mais profundo acatamento.
A amisade, e o dever me gritam n'alma
Que peze teus conselhos, que os abrace:
Estas agitações, o ardor que attento
Tempéras co'a razão, tambem tempéro;
Um dia, um dia só, não mais que um dia
Forcem-se as iras a dormir no peito,
E colham do repouso alentos novos.

Teus conselhos segui; por teus conselhos,
E interesses da patria, d'estes povos
A desvelo impostor forcei minha alma.
De meu livre caracter fui tyranno:
O assombro involuntario, que me exprobras
(Apalpa o coração) tu mesmo o sentes,
O confessas tu mesmo: e quem podéra
Não sentil-o, Almansor, não confessal-o?
Os novos Argonautas do occidente
Na façanha immortal têm já transposto
As metas do que é dado á Natureza:
Esse, que os dirigiu da gloria ao cume,
Universal pregão merece á Fama;
Seu nome pelos seculos se estende,
Nem tu podes, nem eu, nem quanto existe
Negar-lhe a admiração, seu jus, seu premio,
A admiração porém não tyrannisa
Minha mente, capaz de refreal-a,
E ver pelo clarão do illustre feito
Horridas nuvens, que promettem raios:
Nossos intentos pois ao fim se levem,
Se possivel nos fôr ao fim leval-os;
Mas arte seja tudo, e longe a força.
Além do Çamorim não consideras
Que braço contraría os teus furores?
Vê do rei de Cochim o augusto herdeiro,
Vê o principe Haril como protege
(Tambem n'alta façanha embellezado)

No silencio forçado a raiva opprimes:
De affecto para affecto, e tão contrario
Não passa o coração n'um só momento.
Já parte do que eu sou presume o fero:
No extremoso louvor, que transportado
Consagrei ao varão de heróes modelo,
Quasi descortinou toda a minh'alma.
A pezar d'interesses tão sagrados,
Que meu caracter dobram, que o reduzem
Á precisão do engano;—a ser no rosto,
A ser nas vozes parcial, e amigo
Do mesmo, que odio eterno em mim provoca;
Do perfido Almansor, o mais injusto,
O mais duro, e feroz dos musulmanos;
Teu fervoroso amor, oh patria minha,
Té'gora na violencia represado,
Ia rasgando o véo, que encobre aos olhos
Meu ser, e o meu destino. Horriveis monstros,
Oppressores crueis, que arrebatastes
Aos braços maternaes a minha infancia;
Que no jugo do exemplo, e do costume,
Com sacras illusões me hallucinastes,
E, a minha alma cingindo a lei nefanda,
Fizestes (ai de mim!) que preferisse
Ás luzes da verdade as sombras do erro:
Oppressores crueis, baldadas foram
A vossa tyrannia, as artes vossas:
Seus direitos um Deus em mim recobra;

Ao Catual propor mais ardua empreza
Era o vasto projecto, era o destino
Que á morada real guiou meus passos;
Mas a proposição pede outro tempo,
E incentivo menor d'aqui me affasta.
Tu, Monçaide fiel, prosegue emtanto
Na cauta indagação dos pensamentos,
Que o suberbo europeu talvez te esconde:
É para nossos fins um bom principio
Sondarmos o inimigo, e ler-lhe n'alma;
O pezo d'este exame indispensavel
Deponho todo em ti. Dissimulemos. (1)

SCENA II

MONÇAIDE

Africano implacavel, não me illudes
Com essa de repente alegre face:

(1) Estou certo que, se Bocage houvesse de dar esta peça ao theatro, evitaria o fastio de quasi trezentos versos na scena de abertura; muito mais não envolvendo ella uma sufficiente próthase: porém aqui dá-se uma copia do que primeiro lhe produziu a phantasia, e não do que elle approvou, depois de reflectir no que imaginára; como bem claramente denota a imperfeição do seu autographo. *(Nota de Pato Moniz.)*

Por veredas, que a mente humana ignora,
Aos meus, e a si me reconduz o Eterno.
Mas em que agitações, em que terrores
Meu animo fluctua? Ah! Que terrivel
Sombrio agouro o coração me enluta!
Que scenas de traição, de horror, de morte
No triste pensamento me negrejam! (1)
....

---

(1) Eis-aqui tudo o que me chegou d'esta tragedia, que Bocage levára ao fim do primeiro acto, que eu vi, e que elle me leu. *(Nota de Pato Moniz.)*

AFFONSO HENRIQUES

OU A CONQUISTA DE LISBOA

(DRAMA HEROICO)

ACTORES

AFFONSO HENRIQUES, Rei de Portugal. — GUILHERME, Principe inglez. — LIGEL, Senhor flamengo. — EGAS MONIZ, fidalgo portuguez, e confidente d'Affonso. — ARNALDO, seu filho. — ZAIDA, Princeza moura captiva. — ZELINA, sua escrava. — ALMANSOR, Mouro. — Officiaes portuguezes, e estrangeiros. Soldados.

N. B. Bocage esqueceu-lhe designar o logar da scena, assim como no andamento do drama lhe esqueceram muitas rubricas, que na leitura facilmente se dispensam, mas que lhe eram essenciaes quando houvesse de o fazer representar; porém os leitores, n'estas poucas scenas que existem, claramente acharão indicado que o logar de todas ellas era o acampamento portuguez.

(Nota de Pato Moniz.)

De quatro escravos reis obedecido,
Amotinando os céos com grita horrenda,
De olhos fitos em nós, como os emprega
Esfaimado leão na facil preza:
Nós d'aquem, turba escassa, mas terrivel,
Confiados no céo, na fé seguros,
De um Deus na protecção, na gloria accesos,
Com fero encontro os impios arrostando,
Abrindo, e desfazendo escudos, malhas,
Dando tostadas victimas á morte,
D'espiritos brutaes o inferno enchendo,
Sentindo rebentar aos nossos golpes,
E ir pela rubra terra o sangue em ondas;
Os barbaros pendões do chão dispersos;
O estrondo, a confusão, o horror, o estrago
Por áqui, por ali; montões de mortos;
Anjo exterminador, nuncio do Eterno,
Sobre as frentes dos profugos troando,
Sobpezado na mão raio invisivel,
Com formidavel impeto espargindo
Por entre os infieis total derrota!
Este quadro, esta ideia, altos guerreiros
Necessaria não é para incitar-vos:
Temos o mesmo esforço, as mesmas armas;
O Deus, que nos valeu, nos vale ainda;
O que fostes sereis: Lisboa é nossa.

Heroes, [illegible]
Que [illegible]
E no [illegible] estendes
Do [illegible]
Chefes [illegible]
Em vão [illegible] a resistencia
Á nossa [illegible]
Debalde [illegible]
O rapido [illegible] nossas armas:
Tenaz [illegible] triumpho:
Na lida, [illegible] a gloria:
Lisboa cederá, verão seus muros
De um assalto geral o effeito illustre:
Esses templos sacrilegos, onde
Adorando-se um Deus, um Deus se insulta.
Hoje, por dignas mãos purificados
Do culto, dos incensos da impostura,
Serão dos nossos votos sacro asylo,
Do Deus de nossos paes estancia augusta.
Não, para vos dispôr ao feito heroico,
Á façanha christã não necessito
De excitar, socios meus, na ideia a imagem
Do que vistes heroes, do que fizestes
Nos marcios campos do espantoso Ourique:
Duros netos de Agar além bramindo,
Immensa multidão enchia os valles,
Cubria as serras, esgotava as fontes;
O truculento Ismar dos seus na frente,

De quatro escravos reis obedecido,
Amotinando os céos com grita horrenda,
De olhos fitos em nós, como os emprega
Esfaimado leão na facil preza:
Nós d'aquem, turba escassa, mas terrivel,
Confiados no céo, na fé seguros,
De um Deus na protecção, na gloria accesos,
Com fero encontro os impios arrostando,
Abrindo, e desfazendo escudos, malhas,
Dando tostadas victimas á morte,
D'espiritos brutaes o inferno enchendo,
Sentindo rebentar aos nossos golpes,
E ir pela rubra terra o sangue em ondas;
Os barbaros pendões do chão dispersos;
O estrondo, a confusão, o horror, o estrago
Por aqui, por ali; montões de mortos;
Anjo exterminador, nuncio do Eterno,
Sobre as frentes dos profugos troando,
Sobpezado na mão raio invisivel,
Com formidavel impeto espargindo
Por entre os infieis total derrota!
Este quadro, esta ideia, altos guerreiros
Necessaria não é para incitar-vos:
Temos o mesmo esforço, as mesmas armas;
O Deus, que nos valeu, nos vale ainda;
O que fostes sereis: Lisboa é nossa.

GUILHERME

Affonso nos commanda, e do triumpho
É decisivo annuncio a voz de Affonso:
Calcaremos aos pés o orgulho insano
Do agareno infiel; n'aquelles muros
Nossos pendões, senhor, verás alçados.
Inda a luz da manhã não doura os ares:
Antes que raie a aurora, e se effeitue
O vigoroso assalto, que apparelhas,
Nós veremos talvez o afouto Arnaldo,
O meu prezado amigo apparecer-nos,
Volver aos arraiaes com palma insigne:
O barbaro tropel, que em seu auxilio
Chama o duro oppressor da gran Lisboa,
Talvez, egregio rei, já tenha sido
Do braço portuguez servil despojo.
De Arnaldo a condição fogosa, e prompta
Só se contenta em rapidas victorias;
Demoras no vencer lhe são desdouros:
Sabido o seu valor, e o seu caracter
Voluntario cedi ao caro amigo
O que a ninguem cedera, o mando honroso
Da generosa empreza, a que é tão proprio:
Meus votos, meus desejos o acceleram,
E como que já sinto o som guerreiro
Nuncio do meu pezar, da gloria sua.
Apenas entre nós o moço illustre

Do sublime esplendor brilhar c'roado,
Fadigas a fadigas aggregando,
Então, grande monarcha, aos inimigos
Levemos o terror, a chamma, o ferro.

MONIZ

Na demora, senhor, se apura, e cresce
O fogo marcial de teus soldados;
Seus olhos devorando aquelles muros,
Ha muito de assaltal-os, de invadil-os
O momento, o signal com ancia pedem:
Mas eu, subdito, e pae, bem que anteponho
A gloria do meu rei á de meu filho,
Conciliar dous titulos quizera
Para o meu coração de tanta estima:
Quizera merecer ao meu benigno
Generoso monarcha a complacencia
De retardar o assalto alguns momentos,
Para que o filho amado, em quem reflecte
Meu zelo, meu fervor, minha lealdade,
Associar-se possa em nova empreza
A seu rei, e a seu pae; não sinta Arnaldo
O pejo, o dissabor de ver-se inutil
Na mais brilhante acção, que os céos nos guardam
Ás vezes, prolongando-se-lhe o termo,
Projectos dos heroes se desconcertam;
Bem sei, mas são d'heroes, que só se estribam
No rapido valor, na mente astuta;

Não d'heroes, como tu, do céo validos,
Em que é fado o triumpho, herança a gloria.
Verificado está quanto profiro
Na celeste visão, que honrou teus olhos,
Lá quando a divindade o véo despindo,
Esse véo sacro-sancto, impenetravel
Que a recata de nós, á face tua
No lenho redemptor se fez patente;
E, travando comtigo alta alliança,
As insignias te deu, te deu o imperio.
O teu jus a vencer quem ha que o vede,
Depois de o conferir o Omnipotente?
Alguns momentos mais, que a furia prendam,
A furia dobrarão depois de solta.

AFFONSO

De solidas razões ceder ao pezo
É justiça, é dever; é recompensa
Do generoso ardor de um pae, de um filho
Tão uteis ao seu rei, tão dignos d'elle:
No que sou moralmente, o fructo vejo
Da tua educação, dos teus desvelos:
Meus passos dirigiste á gloria, ao throno;
Vive esta ideia em mim; sou rei, sou grato...
A gratidão n'um rei tambem se encontra.
Suspenso fique embora alguns espaços
O assalto estragador do mouro infando;

Do nosso digno rei virão depôr-se
As bandeiras ao barbaro arrancadas,
As armas, os tropheos, os prisioneiros.
(Tu murmuras, amor! Ah! Soffre, e cala.)

AFFONSO

Tuas claras acções, mancebo illustre,
Já te vão franqueando a eternidade;
Na classe dos heroes logar te assignam.
A modestia gentil de que te adornas
Supprime a narração da gloria tua;
Mas o teu rei, que te ama, e que te admira,
Da tua voz exige as circumstancias
Do feito denodado em que luziste:
Falla pois, o triumpho se renove
Pela bocca do heróe, que o fez completo.
Dignamente de ti fallar tu pódes:
Tem direito a louvar-se o que é louvavel.

ARNALDO

Mais por obedecer ao teu preceito
Que para me exaltar, para exprimir-te
A justa execução de meus deveres,
Te figuro, senhor, o atroz combate.
A dar prompto soccorro áquelles muros
Torrados esquadrões se arremessavam

Com bruto ardor, com horrido alarido:
Eis em longa planicie os avistamos
Por entre o denso pó, que vae subindo
Do chão revolto: e subito inflammados
Os teus, em cuja frente me abalanço,
Ao signal, que lhes deu, vozeam, correm:
Com fervoroso espirito proferem
Em terrivel clamor: — «Affonso! Affonso!»
E aos barbaros se arrojam n'um momento:
Levanta a chusma vil mais altos gritos;
E, com desprezo o numero notando
Tantas vezes menor, que se lhe arrosta,
Já divide entre si nossos despojos;
Mas a imaginação decáe no effeito:
Ao principio, senhor, d'um lado, e d'outro
A victoria pendeu como indecisa;
Mas, crescendo o furor na resistencia,
Depressa o portuguez arrebatado
A causa decidiu, desfez o enleio;
Espadanas de sangue a terra ensopam;
Voam braços, cabeças, fervem mortes;
N'um theatro de horror se torna o campo;
Parece transferir-se ali o inferno!
Em fim terror geral, geral destroço
Na fuga aqui, e ali semêa, espalha
As reliquias do exercito nefando:
Algum tempo implacaveis o acoçamos,
Unindo em muitos peitos morte, e medo;

Mas, fartos de matar sem resistencia,
Vendo que só no risco existe a gloria,
A furia suspendemos; e voltando
Aos nossos arraiaes com mil despojos,
Buscâmos, conseguimos, gran monarcha,
No teu contentamento o premio nosso.

AFFONSO

O meu prazer não só, tambem meus braços
Devem ser galardão do que te escuto.
A teus nobres extremos costumado
Meu coração previa teu lustre novo:
Venturoso de um pae, que em ti prolonga
A moral duração melhor que a vida!
É jubilo sem par vermos que brilham
Mais que nossos avós os filhos nossos.
A Moniz este jubilo compete,
O heroismo, que herdou, por ti se apura.

MONIZ

Dos braços do teu rei já foste honrado,
Está já satisfeita a gloria tua;
Satisfaze tambem o amor paterno:
Vem, abraça teu pae, banha este rosto,
Banha estas cãs de lagrimas suaves,
Lagrimas da alegria, e da ternura.

Seus fructos produziu minha esperança,
Qual vêr-te desejei te vêm meus olhos;
Ferreo somno da morte embora os cerre,
Em ti deixo um heroe, comtigo ficam
Meu sangue, meu fervor, meus sentimentos,
E um braço mais funesto aos inimigos,
Mais prestadio á patria. Amado filho,
Fallece a voz, o coração não póde
Com tão novo prazer; e, a ti correndo,
Nas lagrimas, que verto, se derrete.

ARNALDO

Doctrinado por ti, de ti nascido,
Que menos pela patria ousar podéra?
Graças envio aos céos por vêr-me digno
Da tua educação, dos teus extremos,
Do heroe, do pae, que ao longe imito apenas.
Mas permitte, senhor, que se dividam
Tambem pela amisade os meus affectos;
Que do excelso varão, que me honra tanto,
O bem da gratidão nos braços goste.

GUILHERME

Heroe, fructo d'heroes, eu te esperava
Como sempre te vi, qual és, qual foste.
Une a mão vencedora á mão do amigo,
Que não menos que tu teus louros gosa.

AFFONSO

As bellicas trombetas perto sôam:
Logremos o espectaculo pomposo
Dos guerreiros christãos, em quem revive
Da antiga Lusitania o bravo esforço.
No adequado louvor comece o premio
Das illustres fadigas, que os affamam:
Multiplica os heroes louvor, e exemplo.

MONIZ

Eis, senhor, teus intrepidos soldados,
Que, affeitos a vencer, trazem no rosto
Para os triumphos seus desdem sublime:
Vê como nas guerreiras, crespas frontes
Da gloria do seu rei brilha o reflexo (1).

AFFONSO (2)

Redemptores da patria, ah! Vinde, vinde
Em nossos corações dobrar o alento,
O alento executor d'altas façanhas.

(1) Vão passando os soldados.
(2) Saíndo com os officiaes ao campo a encontral-os.

Vossos terriveis braços, despedindo
Inevitaveis golpes, vos grangeam
Memoria perduravel, fama eterna:
Aos estragos do tempo, ás leis da morte
Imperio não consentem vossos nomes:
Quaes vos vejo brilhar, quaes sois agora
Ireis luzir nos seculos vindouros:
O clarão das acções, que a terra espantam,
Rompendo a nevoa da remota edade,
Aos tardos, animosos descendentes
De heroica emulação será fomento;
Unido ao vosso exemplo o sangue vosso
Heroes produzirá, que heroes produzam;
Serie pasmosa de varões sublimes
Dareis ao mundo; morrerão com elle:
Acceza a phantasia o diz, o augura:
Nada menos que vós de vós se espera.
Ide em curto repouso apparelhar-vos
Para novo esplendor, fadigas novas.
Tu, Moniz, me acompanha: os meus projectos
Pela exp'riencia tua aperfeiçôo.
Tu, principe, depois que saciado
Houveres da amisade os sentimentos,
Livremente abraçando o caro amigo,
Teus guerreiros fieis dispõe, e ordena
Para o férvido assalto.

SCENA III

Guilherme e Arnaldo

GUILHERME

Em teu semblante
Transluz a viva dôr, que tens no peito:
Arde a paixão fatal, que em vão disfarças.
Misera condição da humanidade!
Duro mortal, que arrosta o ferro, a morte,
Ante uns olhos gentis desmaia, e treme!
Vencer não póde a si quem vence a tantos:
Mais que o furor de exercitos cruentos
Ousa fraca mulher com pranto, e riso!
Por culpa de attractivos seductores
Entre tanta ventura és desditoso:
De uma insana paixão tyrannisado,
Cego escravo de amor, sómes, apagas
Nas sombras da tristeza a luz da gloria.
Desgraçado mancebo! Ah! Nunca vissem
Teus olhos o damnoso, infausto objecto
Que a vontade te encanta, e senhorêa!
Nunca das mãos dos seus arrebatasses
Essa dos males teus formosa origem,
Veneno por mil graças adoçado!

ARNALDO

Veneno ao coração, veneno aos olhos,
Veneno que me encanta, e me repassa,
Que mil vidas me dá, me dá mil mortes.

GUILHERME

Oh céos! Tu portuguez, tu responsavel
De assombrosa virtude a Deus, e á patria,
Da lei, que segues, a inimiga adoras!
Zaida, prole de Osmin, prole de um monstro,
De um tyranno infiel, reina em Arnaldo!
Reina em ti, n'um christão! E o despotismo
Do barbaro oppressor, que em ferreo jugo
Entre aquellas muralhas tem ligados
Os teus irmãos, os teus compatriotas,
Da filha pela mão tambem te abrange!...
Ah! Torna, torna em ti; combate, e vence
O criminoso ardor que te hallucina:
Teme que inuteis ais, téqui sómente
Da causa do teu mal, de mim sabidos,
Levem teu desacordo, e teu deslustre
Aos ouvidos de um pae, de um rei, que te amam.
Diversos interesses, leis diversas,
Odios herdados, a justiça, a patria,
O teu dever, e um Deus teu gosto impugnam:

Que esperas, infeliz, de taes excessos?
Que esperas d'esse amor?

ARNALDO

Que espero? A morte,
Do lugubre sepulchro a paz, o asylo.
Sancta religião, se tu não foras,
Se os decretos de um Deus m'o não vedassem;
Se outro estorvo não visse ás furias minhas
Mais que o geral horror da natureza,
Na presença de um termo inevitavel;
Se da cega paixão no labyrintho
Um resto de razão me não luzisse;
Se de Zaida ao poder não se oppuzera
A voz da carrancuda Eternidade,
Já do sangue, que ferve em minhas veias,
Mortifero punhal tingido houvera.
Não me esquece o dever, a lei que adoro;
Sou christão, portuguez, e heroe seria
Se mais forte que Arnaldo amor não fosse.
Eu me envergonho (oh céos!) eu me horroriso
Do estado a que a paixão reduz minh'alma!
Sei que é labéo, fraqueza, injuria, crime
Este affecto, este ardor; que sou por elle
Rebelde ao culto meu, e á patria minha;
Pejo, remorso, amor comigo luctam,
Mas sempre no combate amor triumpha.



Senhor dos cora[illegible] [illegible]
Ah! Porque [illegible]
Em vez de um [illegible]
Forças contra [illegible]
Póde mais a [illegible]
E aquella me [illegible]

[illegible]

Defeza [illegible]
O fatal [illegible]
Mas cum[illegible]
Na emp[illegible]
D'esse ini[illegible]

A[illegible]

Que bruto, ferreo peito resistira
Ao suave attractivo, ao doce pranto
Que nos olhos da Zaida me encantaram?
Parece-me (ai de mim!) que ainda a vejo,
Quando armados os seus a conduziam
A distante logar, seguro asylo
Longe dos muros, que rodeia a morte:
Parece-me que a vejo, ao repentino
Encontro com que a fuga lhe estorvamos,
Estremecer, gritar, cair por terra,
E em breve de cadaveres cercada,

Tinta do sangue alheio, e sempre bella
Com seus olhos dourar o horror da morte!
Ah! Quando absorto, extatico, sem falla
Em meus braços a ergui do chão sanguento,
Furor, consternação, gentil mistura
De contrarios affectos, em seu rosto
Honrava, ou transcendia a Natureza!
«Christão (Zaida clamou) sou tua escrava;
Meu negro fado o quiz, mas não profanes
Uma infeliz princeza, uma donzella,
Uma filha de Osmin; entre inimigos
Exista ao menos da virtude o laço:
Tua religião te impõe deveres
Quaes a minha me impõe, quaes se derivam
Das generosas leis da humanidade.»
Ouvi-a, e transportado ás plantas suas...

GUILHERME

Para que estás cevando o pensamento
N'essa imagem fatal, que mais te affunda
No abysmo da paixão? Bem sei; mil vezes
Repetido me tens o lance infausto,
Que decidiu tão mal do teu destino:
Teu valor, teus respeitos excitaram
Na bella prisioneira amor fervente,
Mais forte que o dever, que as leis, que o sangue:
Tudo sei, triste amigo, e tudo temo

Do funesto poder de que és escravo.
Condemno-te christão, homem te choro.
Agras exprobrações nascidas foram
Não do meu coração, mas do meu zelo;
Relevar teus excessos é perder-te:
Lucta, lucta comtigo; ou tarde, ou cedo
Paixões fenecem como tudo acaba:
Cuida em accelerar triumpho insigne;
Do objecto, que te inflamma, evita os olhos;
Árdua, cruel, penosa é esta empreza,
Mas digna de um heroe por ser tão dura:
Teu coração se aveze á triste ausencia;
Não gostes do teu mal, não vás nutril-o
Perante as perfeições que o produziram:
O costume de amar captiva, e cega
Os frageis corações a amor propensos;
Roto o jugo ao costume, o peito enrija,
E a custo se recáe n'um louco affecto.

ARNALDO

Principe generoso, em teus conselhos
A singela amisade está brilhando;
Vejo o preço em que tens a gloria minha;
A voz d'alta virtude incontrastavel
Ouço na tua voz, porém que importa
Conhecer a razão sem abraçal-a
Inda é mais triste que existir sem ella.

Ah! nem gozo o prazer de hallucinar-me!
Reconheço-me réo, confesso o crime,
Não me sinto porém capaz da emenda.
Mil pensamentos entre si contrarios
Na minh'alma em tropel combatem, fervem;
Qual negro turbilhão, que agita os ares,
Todos, todos de chofre me salteam:
Mas, despojo infeliz de atroz conflicto,
Detesto o meu amor, e adoro Zaida.
Cessa pois, claro heroe, piedoso amigo,
Cessa de presentar-me o quadro feio
Dos desatinos meus, da minha injuria;
Ha de em breve apagal-o a mão da morte;
Em breve arremettendo áquelles muros
D'onde brotou meu mal, farei que brote
Meu socego, meu fim: por ferro, e fogo
A desesperação nadando em sangue
Minh'alma arrancará de meus tormentos;
Suberbos torreões cahindo em terra
Suffoquem meu furor, meu corpo esmaguem;
Nos horrendos montões d'altas ruinas
Se escondam para sempre a dôr, e o crime
De um misero mortal, de um cego escravo
D'esse encanto, a que chamam formosura.
Outros pereçam victimas da gloria,
Eu victima de amor: tal é meu fado;
Não posso resistir-lhe: em vão me acodem
Heroicos, arrojados pensamentos

Ludibrios da paixão que os desbarata.
Minha acerba catastrophe resôe,
Gire de voz em voz minha desgraça,
A causa lastimosa, o triste effeito:
Se applaudido não fôr, serei chorado.
Morrer é pouco, é facil: mas ter vida
Delirando de amor, sem fructo ardendo,
É padecer mil mortes, mil infernos.
Existir sem vêr Zaida! Ah! Não, não posso
Concordar tanto mal co'a existencia:
Sómente o mudo horror da sepultura
Entre nós erguerá barreira eterna.

GUILHERME

Que proferes, oh céos! Que desvario
Te occupa o coração, te abrange a mente!
Infeliz, em que trevas, em que horrores
Tão longe da razão te vás sumindo!
Voluntario dispões sacrificar-te
Ao phrenetico amor, que te arrebata?
Teu pae, teu rei, teu Deus bradar não sentes
Dentro do coração, e a Natureza
Sacros direitos seus perdeu comtigo?
Que! Disseste, affirmaste que o sublime
Titulo de christão só te era estorvo
Ao suicidio feroz, só te arredava
Do amargurado peito agudo ferro,

E assim te contradizes! E rompendo
As leis universaes as leis mais sanctas,
Tentas, projectas espontanea morte!
Lançar mão de um punhal, ou de um veneno,
Ou machinar teu fim por outro modo
Egual crime não é? Não desacata
A Natureza, os céos da mesma sorte?
Teu nome, que atéqui guardaste illeso,
Queres manchal-o de indelevel nodoa?
Ah! Jura pelo Deus a quem sagraste
Teu braço, teu valor, teu ser, teu zelo,
Jura de abrires mão do atroz projecto;
De respeitares a existencia tua,
Em quanto aos céos, ao heroismo, á patria
Necessario não fôr teu sacrificio.
Lembre-te o gran dever com que nasceste;
Attenta no immortal, paterno exemplo;
Ou inda mais ao longe estende os olhos:
Venerandos avós, de que procedes,
Nos tumulos erguendo honradas frontes,
Te contemplam de lá, de lá te exclamam:
«Não fujas dos vestigios que trilhamos,
Do sangue dos heroes não degeneres;
Prosegue, aperfeiçôa a vasta empreza
A que os céos te encaminham; doma, expulsa
Do peito um criminoso amor, que o mancha,
Da patria os infieis usurpadores,
Que em barbara invasão a agrilhoaram:

Tua religião, teu Deus t'o ordenam:
Restaura o culto seu, e os seus altares;
Da vil superstição derriba os templos:
Como os teus ascendentes vive, e morre. »
Eis o que elles te dizem: dá-lhe ouvidos,
Seus dictames adora.

ARNALDO

Oh! pejo, oh furia!
Em dous o coração se me reparte,
E nas tristes porções, que a dôr lhe arranca,
Terriveis sentimentos me atassalham.
Ah! Mil vezes morrer não é mais dôce
Que este mal, que este horror, que este refluxo
De encontradas paixões com que deliro?
Ah...

GUILHERME

Céssa; para nós dirige os passos
Não sei quem: prende os ais, compõe o aspecto,
Recata o phrenesi, que te deslumbra. (1)

(1) Esta terceira scena, não obstante ser longa, não dá fastio; e julgo que pouco se lhe deveria omittir: Guilherme tem verdadeiramente o caracter de um sisudo amigo; e Arnaldo o de um heroe mancebo, allucinado pelo amor. *(Nota de Pato Moniz.)*

*

SCENA IV

Um Official portuguez, e os mesmos

O OFFICIAL

Enviado de Osmin chegou ao campo
Almansor, entre nós bem conhecido
Pelo audaz coração, e o fero orgulho;
A audiencia, que pede, o rei lhe outorga,
E ao regio pavilhão convoca os chefes:
Por ti, senhor, e por Arnaldo espera.

GUILHERME

Ambos já te seguimos: vae. Reflecte (1)
Que a tua agitação trahir-te póde
Diante de olhos mil em ti pregados:
Affectado socego ao menos leva
Á presença do rei, que te honra, e chama.
Vamos.

ARNALDO

Ah! d'esta sorte, acceza a face
Do pejo, e da paixão, terei o esforço
De ir comtigo, senhor, de apresentar-me

(1) Vae-se o official.

N'um congresso d'heroes, quando o deslustro,
Quando a minha fraqueza é d'elle indigna?
O remorso talvez, supprindo as vozes,
Pela perturbação dirá meu crime.
Ah! Salva d'este lance o triste amigo,
Urde ao menos, oh principe, um pretexto
Que a demora me honeste, e deixe espaço
Para ver se grangeio algum reponso,
Abafando a tormenta em que fluctuo.
Vae senhor, que eu te sigo! Um só momento
De solidão te roga a minha angustia.

GUILHERME

Na solidão requinta-se a tristeza:
Se a dôr se communica, a dôr se abranda;
Mas, pois o queres, fica: estes momentos
Em serenar-te, amigo, eia, approveita.
Fujam teus olhos, teus sentidos fujam
Do perigoso objecto que os enleia:
Emtanto c'o teu rei vou desculpar-te:
Não tardes em seguir-me: heroico esforço
Dos laços da paixão desate a gloria.

SCENA V

ARNALDO

Que farás, coração? Que lei, que jugo
Te dispões a soffrer? O amor, e a honra
Prohibe o fado meu que em ti se ajustem:
Se á honra me submetto, amor suspira;
Se para amor propendo, a honra clama.
Que trance tão cruel! Que alternativa!
Que horror!... Zaida perder! Perder a gloria!...
Sem esta, e sem aquella odeio a vida...
Mas hei de a cego amor sacrificar-me
Quando de mim carece a patria minha?
Hei de murchar viçosas esperanças
No coração de um pae tão bem plantadas?
Hei de retroceder, hei de apartar-me
Da estrada que seguiu, que segue ainda,
C'roando honradas cãs de honrados louros,
Da curva edade repellindo o pezo?
Tégora fervoroso apoz seus passos
Terei corrido em vão? Farei que aborte
O gran projecto de hombrear com elle,
Gloria que longe no futuro olhava?
Será seu filho, oh céos! o seu deslustre?...
Não, vós me accudireis, em vós espero,
Honra, patria, virtude. Ah! Eu vos sinto,
Vós me inflammaes a ideia: amor não póde,

Não pode [illegible]
Do [illegible] mesmo.
É capaz de [illegible]
Que [illegible] Zaida...
Honra, [illegible]

SCENA VI

[illegible]

ZAIDA

Salve, grão vencedor dos musulmanos,
Gloria, e flor dos christãos, d'heroes modelo,
Impavido guerreiro... e frouxo amante,
Já no sangue dos meus fartaste a sede?
Ou teu negro furor mais sangue exige? (1)
....

(1) Este drama tinha findos tres actos, e era talhado para cinco; mas nem ao menos vemos acabado o primeiro, que fechava com esta sexta scena, jogada entre Arnaldo, e Zaida: e que me peza de não apparecer, porque era bellissima, e n'ella combatiam todos os affectos contra todos os deveres; pois que elles reciprocamente se amavam com extremo, conhecendo que este amor era condemnado pelos interesses da sua lei, e da sua nação. Esta scena de per si era bastante extensa, mas devia-o ser; e junta com as demais, fazia o acto desmesuradamente grande; porém ao menos era (como poucos) uma perfeita exposição de todo o enredo; e, se Bocage lhe deitasse a lima, elle ficaria em tudo perfeitamente regular. *(Nota de Pato Moniz.)*



O HEROE LUSITANO

OU

VIRIATO

(TRAGEDIA)

ACTORES

VIRIATO, Chefe dos lusitanos. — ELANIA, Filha de Viriato. — CRESINTA, Confidente de Elania. — SERVILIO, Tribuno romano. — FLAVIO, Centurião. — AULACES, Um dos cabos do exercito lusitano.— MINURO, Chefe dos Calaicos. ASTYR, Official no exercito lusitano.

A scena se figura nos arraiaes de Viriato.

ACTO I

SCENA I

Servilio e Flavio

SERVILIO

Eis, Flavio, os arraiaes dos lusitanos:
Paremos um momento a contemplal-os.
Ali de Viriato, ali de um chefe
Destemido, illustrado, infatigavel

Contra os fados do Tibre impera o Genio. (1)
. . . .
Este da Natureza horrivel fructo,
Guerreiro, que respira, anhela estragos,
A quem no duro ouvido alegres sôam
Os baques de amplos muros, de arduas torres;
A quem da Humanidade é gloria o pranto,
E são musica os ais, e o sangue é nectar;
Execrando mortal, cruento, infrene,
Que, na voz o trovão, na dextra o raio,
Brama sumido em pó, sumido em fumo,
E rios o suor, e os olhos brazas,
E braza o coração, que as Furias sopram,
Por entre esquadras cem vae solto em mortes. (2
. . . .

(1) É quanto acho d'esta primeira scena, que abri excellentemente, declarando logo o logar d'ella, e dand idéa da acção.

(1) Esta falla não sei a que acto, nem a que scen pertence, nem quem a declama; presumo que seria un dos dous traidores Aulaces, ou Minuro; porque o terceir traidor, e assassino de Viriato não foi Astyr, que entr em scena, foi Dictaleão, que não entra; porque taes phra ses só podem aqui entender-se contra Viriato, e só a podera proferir um seu acerrimo inimigo; e finalment por que julgo que não convém na bocca de Servilio, nen de Flavio, romanos, que usavam fallar com dignidad dos seus grandes inimigos, e mais estes, que logo n abertura da scena, prorompem em elogios ao heroe lusi tano. *(Nota de Pato Moniz.)*

Commando heroes, sou Viriato, e posso
Da patria, da razão levar o esforço
Além dos Pyreneos, além dos Alpes:
Em nova Trebia, em novo Trasimeno
Do Tibre inda talvez baqueie a gloria:
Com outro Viriato á testa os lusos
Lá de sangue, e terror mancharam Roma:
Na Italia, como aqui, já sabe o mundo
Que vós, filhos de um deus, tambem sois homens,
Ou que os homens então venceram deuses (1).

. . . .

(1) Estes versos claro está que os recita Viriato, mas tambem não sei em que acto, nem em que scena, nem é possivel que me lembre depois de tantos annos; mas estou bem certo que d'esta tragedia, ordenada para cinco actos, havia dous finalisados, e que estes tenuissimos fragmentos dão bem que sentir-lhe a perda. *(Nota de Pato Moniz.)*

EULALIA

OU A VINGANÇA DE AMOR

(TRAGEDIA)

ACTORES

RAMIRO, Rico-homem. — MATHILDE, Contractada esposa de Ramiro. — ARNALDO, Amante de Eulalia. — JAIME, Velho, pae de Eulalia. — EULALIA. — ANTHERO, Confidente de Ramiro. — ELVIRA, Aia de Mathilde. — SERVOS DE RAMIRO. — POVO.

A Scena se finge no solar de Ramiro, em uma das provincias do Norte.

ACTO I

SCENA I

Ramiro e Anthero

ANTHERO

Teu lugubre silencio respeitando,
Atégora, senhor, não tenho ousado
Sondar a interna origem da tristeza

Expressa nos teus olhos... Que! Ramiro,
O sangue dos heroes, o descendente
De Moniz, em virtude, em gloria, em armas
Insigne mestre do primeiro Affonso;
Tu, que és acceito ao rei, e á patria acceito,
Que ás hostes do Agareno has sido um raio;
Tu grande, tu feliz, que em ti reunes
Os dons da Natureza, os dons da Sorte;
Que, mimoso de amor, esposa tua
Verás em breve a singular Mathilde,
Da corte portugueza esmalte, ornato,
Inveja de altas damas, que atavia
A triste viuvez co'a flôr das graças,
Co'a flôr dos annos, e um caracter puro;
Tu por ella entre mil preposto, eleito,
E que a ti sup'rior só vês o throno;
Envolves estes bens, estas ideias
Nas sombras de tenaz melancolia,
Pezada, mysteriosa, incomprehensivel!
Depois de longa ausencia, ao berço, aos lares
De teus grandes avós tornado apenas,
Como que vives n'um desterro amargo,
Em vez de te sorrir, de recrear-te
No aprazivel theatro, onde exerceste
Os doces brincos da mimosa infancia!
Ah! Se um servo fiel, se um servo antigo,
Que, egual na edade a ti, seguiu tégora
Teus passos, teu destino em toda a parte,

Se Anthero, honrado sempre, e sempre digno
Da confidencia tua, inda a merece,
Rompe um duro silencio, e deposita
Dentro em meu coração teus dissabores. (1)

. . . .

JAIME

Rogerio foi perjuro ao rei, e á patria;
Não merece piedade, horror merece
Quem ao dever, e ás leis faz alta injuria.
E Eulalia, prole minha, horror não sente
De nefanda traição, de atroz delicto
Que, á falta de cutelo, exige o raio!
E Eulalia chora o pae, lamenta o filho!...
Que digo!... Ama-o talvez, e irreverente
Ao dominio paterno, á voz do throno,
Um criminoso ardor, defezo, indigno,
Nos olhos, e nos labios denuncía!... (2)

. . . .

(1) Nada mais achei pertencente a esta primeira scena.
(2) Acho declarado que esta falla pertence ao primeiro acto, porém não a que scena. *(Notas de Pato Moniz.)*

MATHILDE

Ramiro me abandona, é certo, Elvira,
Mathilde tem rival; por outros olhos
Enlouquece o traidor, arde o perjuro:
Os votos, que lhe ouvi, que os céos lhe ouviram,
Votos de um casto amor, lhe voam d'alma. (1)
. . . .

ARNALDO

Vencido estás, a tua espada é minha:
Aprende a respeitar os desgraçados,
A acatar a virtude, e... vive.

RAMIRO

Oh raiva!
Eu vencido por ti!... Mata-me, infame;
Como dadiva tua odeio a vida.

ARNALDO

Essas injurias vãs são meu triumpho. (2)
. . . .

(1) Egualmente esta, que pertence ao terceiro acto.
(2) Estas fallas tambem acho que pertencem ao quarto acto, mas não designada a scena. *(Notas de Pato Moniz.)*

RAMIRO

O filho de Rogerio......
Desarmou-me... oh labéo! Venceu-me... oh pejo!
O braço me trahiu, trahiu-me o ferro;
Pela primeira vez cedeu Ramiro
A contrario poder: não mais contemples
Meus titulos, meu grão; já perdi tudo,
Indigno sou de ti; suppõe-me extincto,
Suppõe-me aniquilado: a injuria é morte. (1)
....

EULALIA

Oppressor da ternura, e da innocencia,
Verdugo do infeliz, que extincto adoro,
Torpe do sangue, da perfidia negro,
De mim queres amor?... Eu só te posso
Amar como no inferno as Furias amam.
Eis o amor de que és digno: um ferro, a morte!... (2)

RAMIRO

Oh céos!... Traidora... eu morro! (3)

(1) Tambem pertence ao quarto acto, e julgo que é logo na scena immediata ao desafio.
(2) Crava-lhe de repente um punhal.
(3) Cáe. *(Notas de Pato Moniz.)*

EULALIA

Acaba, infame,
Perfido, acaba: tendes mais um monstro,
Abysmos da medonha eternidade.
Agora que me resta?... O que? Remir-me
D'este carcere mundo, horrores todo. (1)
....

SCENA ULTIMA

EULALIA

Quer ante os olhos teus morrer Eulalia,
Ao pae quer abraçar-se a terna filha
No momento final: contente expiro,
Ao vêr-te é para mim suave a morte;
Teu odio, teu furor já se applacaram,
A justiça real salvou do opprobrio
A misera innocencia, e tu deploras
Do meu querido amante o fado acerbo:
Honra a memoria sua, e co'a saudade
Minhas cinzas consola. Arnaldo!... Arnaldo!...

(1) Pertencem ao quinto acto, creio que na penultima scena. *(Nota de Pato Moniz.)*

Eulalia vai no céo, na gloria amar-te,
Vai longe d'este horror viver comtigo:
Acolhe a tua... oh Deus... perdão, piedade. (1)

JAIME

Filha, filha infeliz!... Que dôr! Que trance!
Ah! Triste, eu não fui pae, eu fui verdugo...
Junto ao cadaver teu me puna o raio. (2)

MATHILDE

Dos phrenesis de amor que amargo exemplo!
Quantos males comsigo arrasta o crime! (3)



(1) Morre.
(2) Desfallecendo abraçado á filha.
(3) Isto são pertenças, ou accrescentos da ultima scena.

N. B. Á excepção da primeira falla, tudo mais achei lançado em oitavos de papel, prova bastante de que eram accrescentamentos, ou emendas aos logares a que pertenciam: d'estes mais podéra apresentar; mas como de per si valem pouco, pois que se ignora a sua ligação, contentei-me de colligir o que basta para demonstrar a verdade da minha asserção, relativa ao acabamento d'esta tragedia, que sem duvida era um grande abono para os creditos de Bocage.

